

A Volta do Parafuso

Henry James

Recordo-me dos primeiros dias como uma sucessão de altos e baixos, uma gangorra de palpitações boas e más. Na cidade, mesmo depois de me entusiasmar com a aceitação do pedido, tive alguns dias muito ruins – me senti insegura, senti que com certeza cometera um erro. E foi nesse estado de espírito que fiquei por horas e horas me batendo e chacoalhando dentro do coche que me levaria até o ponto onde um veículo da casa estaria me esperando. Essa providência, disseram-me, já fora tomada, e assim deparei-me, ao fim da tarde de junho, com o confortável cabriolé que me aguardava. A uma hora daquelas, em um dia tão belo, tomar o rumo do campo com a impressão de que o esplendor estival me esperava renovou minhas forças; e, ao fazermos a volta para pegar a estrada, senti um alívio que nada mais era senão uma mostra de como eu estava fragilizada. Creio que eu havia imaginado – ou temido – encontrar um lugar tão melancólico que aquilo que encontrei me causou uma boa surpresa. A impressão causada pela fachada ampla e limpa, pelas janelas abertas com cortinas novas e pelas duas empregadas olhando para fora foi muito agradável; lembro-me do gramado, do brilho das flores e do ruído das rodas nos seixos; também lembro das copas das árvores que se amontoavam; acima delas, as gralhas crocitavam no céu dourado. A cena tinha uma grandeza que a tornava diferente de meu lar tão humilde, e naquele instante apareceu na porta uma pessoa muito educada segurando uma garotinha pela mão; fez-me uma mesura tão respeitosa como a que dispensaria à esposa de um visitante ilustre. A descrição recebida em Harley Street era mais modesta do que o lugar, e lembro que isso me fez considerar o proprietário um *gentleman* ainda mais completo, me fez pensar que eu desfrutaria ainda mais daquela promessa.

Não tive nenhuma recaída até o dia seguinte, pois as próximas horas – depois de me apresentarem a discípula mais nova – foram passadas triunfalmente. A garotinha que acompanhava a sra. Grose pareceu-me de imediato tão encantadora a ponto de me fazer pensar que seria uma grande ventura conviver com ela. Era a criança mais linda que eu já tinha visto, e mais tarde perguntei-me por que meu empregador não falara mais sobre ela. Dormi pouco naquela noite – estava muito empolgada; e essa estupefação, ainda me recordo, permaneceu comigo, aumentando a impressão de familiaridade com que me tratavam. O quarto enorme e imponente, um dos melhores da casa, a grandiosa cama entalhada em madeira – pois era assim que me parecia –, os drapeados exuberantes e decorados, os grandes espelhos nos quais, pela primeira vez, podia ver-me da cabeça aos pés, tudo isso – e também o encanto irresistível da pequena – parecia estar decidido. Também estava decidido que, desde o primeiro momento, eu travaria relações amigáveis com a sra. Grose, assunto que, no coche, durante a viagem, causou-me algumas preocupações. Na verdade, a única coisa a respeito dessa primeira impressão que me incomodou um pouco foi o fato de ela parecer tão feliz em me ver. Em meia hora pude perceber que ela – uma mulher robusta, simples, franca, limpa e sadia – estava tão feliz que chegava a adotar uma postura defensiva para não o demonstrar muito. Naquele mesmo instante me perguntei por que ela não o demonstrava e, após uma certa reflexão, aliada a alguma dose de desconfiança, acabei por ficar um pouco ressabiada.

Ainda assim, era um alívio ver que não havia nada de perturbador em relação a algo tão beato quanto a imagem radiante da minha garotinha, cuja beleza angelical, provavelmente mais do que qualquer outra coisa, foi a causa da inquietude que, antes do amanhecer, levou-me a deixar a cama e perambular pelo quarto para assimilar todas aquelas circunstâncias e perspectivas futuras; a contemplar, da janela aberta, a delicada aurora estival, a olhar para todas as partes da casa que eu enxergava e, enquanto, em meio à penumbra que se esvaía, os primeiros passarinhos começavam a pipilar, a escutar com atenção a possível recorrência deste som ou daquele, menos natural e vindo não de fora, mas de dentro, que eu imaginava ouvir. Em um momento julguei distinguir um som leve e ao longe, como o choro de uma criança; noutra, levei um susto como se, no corredor em frente à porta, ouvisse passos. Mas essas impressões não eram fortes o suficiente para se fazerem lembrar, e é somente agora, à luz – ou às trevas, como seria mais correto dizer – dos acontecimentos ulteriores que me recordo delas. Era evidente que observar, ensinar, “formar” a pequena Flora proporcionar-me-ia uma vida feliz e útil. Ainda no primeiro piso, tínhamos combinado que, após essa primeira ocasião, eu me ocuparia de Flora à noite; e, para este fim, já estavam providenciando a colocação de sua caminha branca no meu quarto. Eu assumira todos os cuidados com ela e, agora, pela última vez, Flora ficaria com a sra. Grose, em consideração ao meu inevitável sentimento de estranheza e à sua timidez característica. Apesar dessa timidez – sobre a qual a própria criança, de uma forma completamente inesperada, falou com a maior franqueza e bravura, permitindo, sem dar nenhum sinal de desconforto consciente, e com a grave, suave serenidade de uma das crianças abençoadas de Rafael, que o assunto fosse discutido, que essa timidez lhe fosse atribuída, e que assim ficássemos resolvidas –, neste momento tive certeza de que ela gostaria de mim. Uma das causas da simpatia que eu já tinha pela sra. Grose era o óbvio prazer que ela sentia com minha admiração, enquanto eu estava sentada à mesa de jantar, com quatro velas altas, na companhia de minha adorável discípula, sentada à minha frente em uma cadeira alta e de babador, entre as velas e acima do pão e do leite. Naturalmente, havia coisas que, na presença de Flora, só podíamos compartilhar sob a forma de olhares maravilhados e satisfeitos, de alusões obscuras e indiretas.

– E o garoto? Parece com ela? Ele também é tão especial?

Não há motivos para se bajular crianças.

– Ah, *muito* especial. Se a senhorita já gosta desta aqui! – e ficou lá parada, com um prato na mão, o olhar radiante mirando nossa pequena companheira, que nos olhava alternadamente com seus olhinhos plácidos e celestiais, livres de qualquer censura.

– Sim; se já gosto...?

– A senhorita ficará *encantada* com o pequeno *gentleman*!

– Ora, acho que é para isso que estou aqui: para me encantar. – Senti vontade de acrescentar: “No entanto, às vezes acho que me encanto fácil demais. Fiquei encantada já em Londres!”.

Lembro-me perfeitamente da expressão da sra. Grose quando me ouviu.

– Na Harley Street?

– Sim, na Harley Street.

– Bem, a senhorita não é a primeira; nem vai ser a última!

– Ah, eu nem teria a pretensão de ser a única! – disse, rindo. – Mas conte-me: pelo que entendi, meu outro discípulo chega amanhã?

– Amanhã, não: sexta-feira, senhorita. Vai chegar de coche, acompanhado pelo guarda, como a senhorita; e a mesma carruagem vai encontrá-lo.

De imediato expressei que a coisa mais certa, agradável e amigável a fazer seria, portanto, aguardá-lo com a irmãzinha quando o coche viesse; a sra. Grose ficou tão empolgada com a ideia que, de alguma forma, interpretei seu ato como uma espécie de promessa – promessa legítima, graças aos céus! – para que eu me tranquilizasse, pois sempre, em qualquer assunto, agiríamos de comum acordo. Ah, como ela se alegrava com a minha presença!

O que senti no dia seguinte não foi, creio, nada que se pudesse chamar de uma reação à alegria de minha chegada; na melhor das hipóteses, apenas uma leve opressão causada pela medição mais precisa do que estava na balança – ao passo que eu caminhava ao redor dela, observava-a, absorvia-a – de minha nova situação. Na verdade, esta tinha um volume e uma extensão para os quais eu não estava preparada, diante dos quais eu me sentia, como que pela primeira vez, um pouco assustada e também um pouco orgulhosa. As aulas, em meio à agitação, certamente sofreram alguns atrasos; julgava que meu primeiro dever era, com os modos mais gentis de que pudesse valer-me, conquistar a criança, fazendo com que me conhecesse. Passava os dias com ela ao ar livre; combinei, com satisfação, que ela, e somente ela, poderia mostrar-me a casa. Conduziu-me passo a passo, sala a sala, segredo a segredo, com a conversa divertida e encantadora das crianças, e o resultado foi que, em meia hora, já éramos grandes amigas. Mesmo sendo muito jovem, ela me impressionou, durante a pequena jornada, pela confiança e coragem com que me conduzia a câmaras vazias e a corredores desolados, a escadarias curvas que me faziam hesitar e mesmo ao topo de uma antiga torre quadrada com balestreiros que me causou vertigem; a melodia matinal – a disposição a me contar muito mais coisas do que me perguntava – reboava e me impelia a seguir adiante. Não vi Bly novamente desde o dia em que parti, e arrisco dizer que, a meus olhos mais velhos e mais experientes, aquele lugar pareceria agora um tanto menos interessante. Mas, quando minha pequena guia, de cabelos dourados e vestidinho azul, dançava ao fazer as curvas e saía a passos miúdos corredor afóra, eu imaginava um castelo romântico, habitado por uma fada cor-de-rosa, um lugar que, de alguma forma, para entreter as mentes jovens, ganhasse todas as cores dos livros infantis e das fábulas. Será que eu teria apenas adormecido em cima de um livro de fábulas e sonhado tudo isso? Não; era uma casa grande, feia, à moda antiga, mas conveniente, que incorporava algumas partes de uma construção ainda mais antiga, meio substituída e meio reutilizada, onde eu sentia quase como se estivéssemos tão perdidas quanto os passageiros de um grande barco à deriva. E o mais estranho é que eu estava no leme!

Só o assimilei quando, dois dias depois, e na companhia de Flora, fui buscar o pequeno *gentleman*, como a sra. Grose o chamava; e em especial graças a um incidente que, tendo ocorrido na segunda noite, deixou-me extremamente desconcertada. O primeiro dia fora, de forma geral, conforme já expressei, tranquilizador; mas terminaria de forma a me deixar muito apreensiva. Naquela noite, a mala postal – que chegou atrasada – trouxe uma carta para mim que, escrita com a letra de meu empregador, revelou-me apenas umas poucas palavras; continha mais uma carta em seu interior, ainda selada, endereçada a ele próprio. “Isto me foi enviado pelo diretor da escola, um sujeito muito aborrecido. Por favor, veja o que ele quer e trate com ele. Mas lembre-se de não escrever. Nem uma palavra! Até mais.” Quebrei o selo com um grande esforço – tão grande que levei um certo tempo para fazê-lo; finalmente levei a missiva ainda fechada para o meu quarto e ataquei-a somente na hora de me deitar. Seria melhor ter esperado até a manhã seguinte, pois o conteúdo me rendeu uma segunda noite de insônia. Sem ter a quem pedir conselho, senti uma grande tristeza no dia seguinte; aos poucos, este sentimento dominou-me de tal forma que achei melhor abrir-me com a sra. Grose.

– O que isso significa? Que ele foi dispensado da escola.

Ela lançou um olhar que não me passou despercebido; e então, visivelmente perplexa, tentou consertá-lo.

– Mas as crianças não foram todas...

– Mandadas para casa? Sim. Mas só para passar as férias. Miles pode nunca mais retornar.

Sob meu olhar atento, ela corou:

– Não vão mais aceitar ele?

– Recusam-se terminantemente.

Ao ouvir isso, ela levantou o olhar, que estava voltado para o outro lado; vi quando lágrimas de bondade encheram seus olhos.

– O que foi que ele fez?

Hesitei; então achei melhor simplesmente lhe entregar a carta – o que, no entanto, só fez com que a sra. Grose colocasse as mãos nas costas, sem pegá-la. Ela balançou gravemente a cabeça.

– Essas coisas não são para mim, senhorita.

Minha conselheira não sabia ler! Estremeci devido à minha indelicadeza, que atenuei como pude, e abri novamente a carta para a ler em voz alta; mas faltaram-me forças para este ato e, dobrando-a novamente, recoloquei-a no bolso.

– Ele fez algo de *ruim*? – As lágrimas ainda enchem seus olhos. – É isso que os senhores lá da escola estão dizendo?

– Eles não dão detalhes. Simplesmente lamentam informar que seria impossível ele permanecer lá. E isso só pode querer dizer uma coisa.

A sra. Grose me ouvia, estupefata de tanta emoção; renunciou a perguntar-me o significado daquilo; assim, naquele momento, para articular um todo coerente e tendo apenas sua presença para me dar paz de espírito, prosseguiu:

– Ele prejudica os outros.

Em uma daquelas reviravoltas características das pessoas humildes, ela ruborizou.

– O pequeno Miles... *prejudica*?

Ela transbordava uma emoção tal que, mesmo sem ter encontrado a criança, repeli aquela ideia, pois a julguei absurda. Surpreendi-me ao proferir, ali mesmo, com sarcasmo e em uníssono com a minha amiga:

– Prejudica seus pobres amiguinhos!

– Que horror dizer essas coisas! Ora, ele não tem nem dez anos! – gritou a sra. Grose.

– Sim, é verdade. Não dá para acreditar.

Era visível que esse último comentário a agradara.

– Primeiro a senhorita tem que ver o garoto; e então quero ver a senhorita acreditar! – Incontinentemente, renovou-se minha impaciência por vê-lo; era o início de uma curiosidade que, pelas horas seguintes, intensificou-se quase a ponto de causar dor. Eu percebia que a sra. Grose tinha consciência do efeito causado, e secundou-o de forma confiante. – A senhorita poderia pensar a mesma coisa da garota. Que Deus a abençoe; olhe só para ela! – emendou a sra. Grose no momento seguinte.

Voltei o rosto e vi Flora, a quem, dez minutos atrás, eu havia deixado na sala de estudo com uma folha de papel em branco, um lápis e uma série de *oo* redondinhos, aparecer no limiar da porta. Com seu jeitinho, ela expressava um extraordinário distanciamento dos deveres indesejáveis e, no entanto, me olhava com um grande brilho infantil que o fazia parecer o simples resultado da afeição que tomara pela minha pessoa e que a impelia a seguir-me. Não precisei de mais nada para sentir toda a força da comparação feita pela sra. Grose, e, pegando minha discípula nos braços, cobri-a de beijos que ocultavam um soluço reparatório.

Assim mesmo, passei o resto do dia a buscar outras ocasiões para aproximar-me de minha colega, em especial quando, ao cair da noite, comecei a suspeitar que ela me evitava. Recordo-me de que a alcancei nas escadas; descemos juntas e, quando chegamos ao andar inferior, detive-a, pousando a mão em seu braço.

– Entendo o que você disse hoje pela manhã como uma declaração de que *você* nunca o viu fazer maldades.

Ela jogou a cabeça para trás; a estas alturas, já tinha claramente adotado uma postura honesta sobre o assunto.

– Oh, nunca o vi... também não vou fingir!

Fiquei desconcertada novamente.

– Então você já o viu...?

– Sim, senhorita, graças a Deus!

Após refletir, conformei-me.

– Quer dizer que um garoto que nunca...?

– Não é um garoto para *mim*!

Apertei-lhe o braço com mais força.

– Gosta quando eles têm um espírito travesso? – E assim, seguindo-lhe os passos, acrescentei, empolgada: – Eu também!

Mas não a ponto de subverter...

– Subverter? – meu palavreado deixou-a confusa.

Expliquei:

– Corromper.

Ela ficou me observando enquanto assimilava o que eu dissera; mas isso teve o efeito de fazê-la rir.

– Está com medo do que ele é capaz de fazer, senhorita?

Ela fez a pergunta com um humor tão delicado e incisivo que, com uma gargalhada meio boba, que se somava à dela, relaxei um pouco diante do ridículo da situação.

Mas, no dia seguinte, à medida que a hora da partida se aproximava, aventurei-me por outros caminhos.

– Que tal era a pessoa que trabalhava aqui antes?

– A última governanta? Também era jovem e graciosa. Quase tão jovem e graciosa quanto a senhorita.

– Ah, então espero que a pouca idade e a graça lhe tenham adiantado de alguma coisa! – lembro-me de disparar. – Ele parece gostar de nós assim, jovens e graciosas!

– *Gostava*, senhorita, *gostava* – concordou a sra. Grose. – Era assim que ele gostava de todo mundo! – Mal ela tinha acabado de falar e se recompôs. – Quer dizer, *ele* era assim... o patrão.

Aquilo me chamou a atenção.

– Mas de quem você estava falando antes?

O olhar era vazio, mas suas faces ruborizaram-se.

– Ora, *dele*.

– Do patrão?

– De quem mais poderia ser?

Era tão claro que não poderia haver mais ninguém que no momento seguinte desfez-se a impressão de que ela teria dito mais do que pretendia; então perguntei apenas o que eu queria saber.

– E ela? Nunca viu nada no garoto...

– Que fosse meio estranho? Pelo menos ela nunca disse nada.

Venci a hesitação e perguntei:

– E ela era cuidadosa? Preocupava-se com todos os detalhes?

A sra. Grose esforçava-se para não ser indiscreta.

– Com algumas coisas, sim.

– Mas não com tudo?

Ela parou novamente para pensar.

– Bem, senhorita, ela já se foi. Não sou de ficar contando histórias.

– Entendo como se sente – apressei-me em dizer; mas, depois de um instante, julguei que isso não me impedia de continuar tentando: – Foi aqui que ela morreu?

– Não; ela se afastou.

Havia algo nessa concisão da sra. Grose que me chamou a atenção; parecia ambíguo.

– Afastou-se para morrer? – A sra. Grose olhou em direção à janela, mas eu sentia que, pelo menos em teoria, tinha o direito de saber o que se esperava das jovens empregadas em Bly. – Ela adoeceu e foi para casa, é isso o que quer dizer?

– Parece que ela não adoeceu aqui. No final do ano, ela saiu para ir para casa. Disse que ia tirar uns dias de férias, que sem dúvida eram um direito pelo tempo que tinha trabalhado aqui. Na época, tinha uma moça, uma babá que tinha ficado, e que

era uma garota boa e esperta; e *ela* ficou tomando conta das crianças durante esse intervalo. Mas a outra jovem senhorita não voltou nunca mais e, justo na hora em que eu aguardava seu retorno, o patrão me informou que ela tinha morrido.

Voltei a ficar pensativa.

– Mas ela morreu de quê?

– Ele nunca me falou! Mas agora, senhorita, com a sua licença, preciso voltar ao trabalho.

Mesmo ela tendo me voltado as costas dessa maneira, felizmente o fato não se transformou em nenhuma afronta que pudesse pôr em risco a incipiente consideração que sentíamos uma pela outra, o que bastou para acalmar meus receios. Encontramos depois de eu trazer o pequeno Miles para casa; o encontro acabou sendo o mais íntimo até aquele momento, graças à minha comoção, à minha emoção exaltada: achava uma monstruosidade o fato de uma criança como a que me fora apresentada sofrer qualquer tipo de proibição. Cheguei um pouco atrasada ao local e, sob o olhar melancólico que ele me lançava junto à porta da hospedaria, onde o coche o tinha deixado, senti que já conhecia não só sua aparência como também seu íntimo, que tinha o mesmo esplendor renovado, a mesma fragrância de pureza que, desde o primeiro momento, eu vira em sua irmãzinha. Ele era demasiado belo, e a sra. Grose tinha acertado em cheio: nada mais restou diante daquela presença, a não ser um sentimento de ternura. Meu coração sentia, naquele exato momento, que ele tinha algo de divino, algo que eu nunca tinha visto, de forma tão pronunciada, em qualquer outra criança – o jeitinho de quem não sabia fazer mais nada no mundo a não ser amar. Seria impossível carregar má fama com maior doçura. Ao retornar com ele para Bly, permaneci confusa – para não dizer escandalizada – com o conteúdo da terrível carta chaveada na gaveta do meu quarto. Assim que tive a chance de entabular uma conversa com a sra. Grose, declarei que a situação era grotesca.

Ela se solidarizou de imediato.

– A senhorita está falando daquela acusação cruel...?

– Aquilo não se sustenta. Querida, *olhe só para ele!*

Ela sorriu ao ver que eu já me achava encantada.

– Já estou olhando! Mas o que a senhorita vai fazer?

– Em resposta à carta? – Eu já me havia decidido. – Nada.

– E quanto ao tio?

Fui incisiva:

– Nada.

– E quanto ao garoto?

Eu me deleitava:

– Nada.

A sra. Grose limpou a boca no avental.

– Então vou apoiá-la. Vamos ver no que isso vai dar.

– Vamos ver no que vai dar! – repeti, empolgada, estendendo-lhe a mão para selar meus votos.

Ela me segurou por um momento e então levantou novamente o avental com a mão livre.

– A senhorita se importaria se eu tomasse a liberdade de...

– Beijar-me? Não!

Segurei aquela doce criatura em meus braços e, depois de um abraço fraterno, senti-me ainda mais confiante e mais indignada.

De qualquer forma, essa foi uma época passageira. Uma época tão plena que, quando me recordo de como tudo se passou, faz-me atentar para todos os artifícios que agora tenho de usar para pintá-la com mais clareza. O que mais me chama a atenção, quando olho para trás, é eu ter aceitado aquela situação. Com minha colega, eu assumira a tarefa de ver no que daria tudo aquilo; eu estava visivelmente tomada por um encanto que suavizava a extensão e as longínquas e difíceis relações necessárias a tal esforço. Fui alçada às alturas por uma grande onda, arrebatadora e sentimental. Na minha ignorância, em meio àquela confusão, e quem sabe também em meio a um pouco de preconceito, eu achava que seria simples cuidar de um garoto que ainda precisava ser educado para as coisas do mundo. Não consigo recordar-me dos planos que imaginei para suas férias e para a retomada dos estudos. Quanto às aulas naquele verão encantador, todos achávamos que as teria comigo; mas agora sinto que, durante semanas, quem tomou aulas fui eu. Aprendi algo que não me fora ensinado pela vida pequena e limitada que eu tinha levado até então; aprendi a me divertir, e mesmo a diverti-los, e a não me preocupar com o amanhã. De certa forma, era a primeira vez que eu experimentava a sensação de espaço e de ar e de liberdade, percebia toda a música do verão e todo o mistério da natureza. Ah, e eu me parava a refletir – como era doce. Era uma armadilha perigosa – ainda que não proposital – para a minha imaginação, para a minha delicadeza, talvez para a minha vaidade; para tudo o que era mais suscetível em mim. A melhor maneira de descrever a situação é dizer que eu estava desprevenida. Eles me davam tão pouco trabalho – eram de uma gentileza inacreditável. Eu costumava meditar – mas até isso eu fazia com um sobressalto sombrio – sobre como as dificuldades futuras (pois o futuro é sempre árduo!) iriam tratá-los e machucá-los. Eles tinham o esplendor da saúde e da alegria; mas, ainda assim, como se eu fosse responsável por um casal de pequenos nobres, príncipes de sangue azul

– com tudo cercado e protegido, para completar –, a única forma que os anos vindouros poderiam lhes reservar, em meus devaneios, era a de uma extensão romântica, digna da realeza, do jardim e do parque. Claro, bem pode ser que a perturbação de tudo isso confira aos velhos tempos um encanto atemporal – o silêncio em que algo se prepara ou espreita agachado. A mudança veio como a investida de uma besta.

Nas primeiras semanas os dias eram longos; os melhores proporcionavam-me o que eu chamava de “minhas horas” – quando, chegada e passada a hora em que meus discípulos tomavam chá e iam se deitar, antes de me recolher, eu desfrutava de um pequeno intervalo a sós. Por mais que eu gostasse de minhas companhias, essa hora do dia era o que eu mais apreciava; e gostava sobretudo quando, à medida que a luz se esvaía – ou, dito de melhor forma, enquanto o dia se demorava e os últimos cantos dos últimos pássaros ressoavam no céu escarlate, vindos das árvores antigas –, eu podia dar uma volta pelos arredores e comprazer-me, quase como se fosse a proprietária (um sentimento que me divertia e lisonjeava-me), com a beleza e a dignidade do lugar. Era deveras prazeroso sentir-me tranquila e purificada; sem dúvida, talvez, para demonstrar que, com minha descrição, meu bom-senso reservado e, de forma mais geral, com meu decoro, eu dava prazer – ah, se ele imaginasse! – àquele cujo chamado eu atendera. Eu fazia o que ele sinceramente esperava que eu fizesse, o que tinha me pedido diretamente – e poder afinal *fazê-lo* mostrara-se uma alegria ainda maior do que eu havia esperado. Atrevo-me a dizer que, em suma, eu me considerava uma jovem extraordinária, e era reconfortante saber que isso viria a público. Bem, eu tinha mesmo de ser extraordinária para fazer frente às coisas extraordinárias que dariam seus primeiros sinais nessa época.

Foi de súbito, em um entardecer, durante o meu passeio: as crianças estavam em casa e eu saíra para uma caminhada. Um pensamento que me ocorria – e não me furto de dizê-lo – era que seria tão encantador como qualquer história encantadora, se, enquanto perambulava, de repente eu encontrasse alguém. Alguém que aparecesse lá onde o caminho fazia a volta, parado, e desse um sorriso de aprovação. Não desejava nada mais – apenas que ele *soubesse*; e a única maneira de ter certeza que sabia era vê-lo, enxergar o brilho gentil de seu olhar. Eu tinha isso em mente – refiro-me a esse rosto – quando, pela primeira vez, ao fim de um longo dia em junho, parei um pouco antes de sair de uma plantação, em um lugar de onde se enxergava a casa. O que me deteve ali mesmo – o choque foi de uma intensidade extraordinária, o maior que eu já sentira – foi a impressão de que minha imaginação sofrera uma reviravolta e se tornara, em um átimo, real. Ele estava ali – mas lá no alto, além do gramado e no topo da mesma torre aonde, na primeira manhã, a pequena Flora me levara. Era a metade de um par de torres com ameias, quadradas e incongruentes – não sei ao certo por quê, distinguiam-se por uma ser mais velha do que a outra, ainda que não se notasse muita diferença. Flanqueavam os lados opostos da casa, e eram provavelmente aberrações arquitetônicas, mas de certa forma redimiam-se por não serem totalmente separadas nem de uma altura muito presunçosa; pelo estilo rebuscado e antigo, via-se que datavam de um período de retorno ao romantismo que já era um passado respeitável. Eu as admirava e tinha devaneios a seu respeito; todos se beneficiavam delas em certa medida, especialmente quando, graças à opulência de suas ameias, assomavam em meio ao crepúsculo; mas a figura que eu frequentemente invocara parecia deslocada naquelas alturas.

Ainda me recordo que, diante dessa figura, ao entardecer de céu claro, irromperam em mim duas emoções distintas: o choque da primeira e da segunda surpresa. A segunda foi a percepção súbita de um engano a respeito da primeira: o homem que aparecera diante de meus olhos não era quem eu havia suposto. Sobreveio-me então um embaralhamento da visão sobre o qual, mesmo após esses anos todos, não posso dar nenhum testemunho. A presença de um homem desconhecido em um lugar ermo é motivo legítimo para que uma moça decente fique temerosa; e a figura que me encarava – confirmei-o após alguns segundos – não apenas não era ninguém que eu conhecesse, como era exatamente a imagem que eu mentalizara. Não o tinha visto em Harley Street – não o tinha visto em lugar algum. Além disso, até mesmo o lugar, naquele instante, graças àquela aparição, tornara-se deserto. Ao menos para mim, enquanto escrevo meu depoimento com uma determinação que não tivera até agora, sinto toda a força daquele momento voltar. Era como se, enquanto eu assimilava – o que pude assimilar –, a morte se tivesse precipitado sobre tudo ao redor. Ainda escuto, enquanto escrevo, o profundo silêncio que calou os sons noturnos. As gralhas pararam de crocitar no céu dourado, e aquela hora amiga ficou, naquele instante, sem voz. Mas não houve outras alterações na natureza, salvo por uma alteração que eu percebia com uma estranha argúcia. O ouro ainda tingia o céu, a pureza esvoaçava pelo ar, e o homem que me observava das ameias era uma imagem tão clara quanto um retrato emoldurado. Foi assim que pensei, com uma rapidez prodigiosa, em todas as pessoas que ele poderia ter sido e não fora. Confrontamo-nos à distância por tempo suficiente para que eu me perguntasse seriamente quem ele seria, e para que eu, como efeito da minha incapacidade de encontrar uma resposta, sentisse um deslumbre que em poucos minutos ficou mais intenso.

Sei que, em relação a certas coisas, o grande questionamento, ou um dos grandes, é, mais tarde, saber quanto tempo duraram. Bem, isso que estou narrando, pensem o que quiserem, durou enquanto eu aventava uma dúzia de possibilidades, das quais, segundo eu via, nenhuma explicava o fato de haver na casa – e, sobretudo, desde quando? – uma pessoa que eu desconhecesse. Durou enquanto eu refreava a sensação de que, dado meu cargo, essa pessoa não me deveria ser desconhecida. Durou enquanto, de qualquer modo, o visitante – e tive a impressão de haver uma estranha liberdade na maneira familiar como ele se apresentava, sem chapéu – parecia fitar-me, de seu lugar, através da luz evanescente, exatamente com a indagação, exatamente com o escrutínio causado por sua presença. Estávamos muito distantes para chamarmos um ao outro, mas houve um

momento em que, se estivéssemos mais próximos, algum desafio lançado quebraria o silêncio, e esse seria o desenlace devido a nosso estranho exame mútuo. Ele estava em um dos cantos, o mais longe da casa, muito empertigado, e notei que tinha as mãos sobre a balaustrada. Via-o tão bem como vejo as letras nesta página; então, após exatamente um minuto, como se quisesse incrementar o espetáculo, mudou de posição, com vagar – passou para o outro lado da plataforma, observando-me o tempo inteiro. Sim, tive a nítida impressão de que, durante a travessia, não tirou os olhos de mim por um segundo sequer, e ainda hoje posso ver como sua mão, à medida que andava, ia passando de uma ameia à outra. Parou no outro canto, um pouco menos aprumado, e, mesmo ao voltar-me as costas, senti que ainda me fitava intensamente. Voltou-me as costas e se foi; não vi mais nada.

Não foi o caso de eu não esperar por mais nessa ocasião, pois o acontecido me prendera àquele lugar com a mesma intensidade com que me abalara. Haveria algum “segredo” em Bly – algum mistério de Udolpho ou um parente insano, sobre o qual não se podia falar, confinado em segredo? Não sei dizer quantas vezes voltei a esses pensamentos, ou por quanto tempo, confusa diante da curiosidade e do terror, fiquei parada lá onde tivera meu encontro; lembro-me somente de que, ao retornar à casa, a noite já tinha caído. Nesse ínterim, certamente a agitação havia tomado conta mim e me conduzido, pois, caminhando pelos arredores, devo ter percorrido uns cinco quilômetros; porém eu ficaria, um pouco adiante, tão mais abismada que o mero despertar desse alarme era um calafrio relativamente humano. Na verdade, o mais curioso a esse respeito – curioso como o resto – foi o que percebi quando, no corredor, encontrei a sra. Grose. Revejo a cena em meus pensamentos – a impressão causada, quando da minha volta, pelas paredes revestidas de branco, que reluziam com os retratos e o tapete vermelho, e pelo olhar alegre e surpreso que me foi lançado por minha amiga, que imediatamente confessou ter sentido a minha falta. De súbito, apercebi-me, ao vê-la, de que, com toda aquela sinceridade, toda aquela ansiedade que se esvaía com minha chegada, ela não tinha como saber absolutamente nada sobre o incidente que eu tinha para lhe contar. Eu não havia imaginado que um olhar amigo pudesse ajudar-me a me recompor e, de alguma forma, calculei a importância do que eu vira ao perceber que relutava em mencioná-lo. Para mim, poucas coisas há nesta história que sejam tão estranhas quanto o início de meus temores haver coincido, por assim dizer, com o instinto de poupar minha amiga. Assim, ali mesmo, no agradável salão e sob o olhar dela, procedi, por alguma razão indizível, a uma revolução interior – ofereci algum pretexto um tanto vago para meu atraso e, apresentando como desculpas a beleza da noite e o orvalho que caía forte e meus pés molhados, recolhi-me o quanto antes a meus aposentos.

Este já era um outro caso; e, por um bom tempo, permaneceu como um caso muito estranho. Havia horas durante o dia – certos momentos, mesmo enquanto cumpria minhas tarefas – em que eu me fechava em mim mesma para pensar. Eu não chegava ao ponto de estar mais nervosa do que poderia aguentar, mas tinha muito medo de sentir-me assim; a verdade a que meus pensamentos tinham de se voltar, dita de forma clara e simples, era a de eu não saber de nada que justificasse a presença do visitante com quem eu me envolvera de forma tão inexplicável e, ainda assim – era o que me parecia –, tão íntima. Em pouco tempo dei-me conta de que poderia sondar as complicações domésticas sem interrogatórios ostensivos e sem despertar comentários. O choque sofrido aguçou-me os sentidos; ao cabo de três dias, estava certa de que os demais empregados não tinham nenhum complô contra mim e de que eu não fora vítima de nenhuma “brincadeira”. Sobre o que quer que fosse aquilo que eu sabia, nada mais se sabia a respeito. Restava apenas uma conclusão plausível: alguém tomara uma liberdade um tanto grosseira. Era isso o que, por diversas vezes, trancada em meus aposentos, eu ficava repetindo a mim mesma. Fôramos vítimas de uma invasão; algum viajante sem escrúpulos, curioso a respeito de casarões antigos, entrara furtivamente para desfrutar a vista daquele ponto privilegiado e então saíra da mesma forma que havia entrado. O olhar atrevido e impassível que ele me dirigira não era senão parte de sua petulância. Apesar de tudo isso, o lado bom era que não o veríamos nunca mais.

Mas admito que isso não bastava para me convencer de que, essencialmente, o que me impedia de chegar a conclusões diferentes era meu trabalho encantador. O trabalho encantador era apenas minha vida ao lado de Miles e Flora, e nada poderia me fazer aproveitá-lo mais do que sentir que poderia me atirar a ele, mesmo perturbada. O atrativo das crianças sob meus cuidados era motivo de alegrias constantes; assim, tornava a me admirar diante de medos fúteis como os que eu sentira a princípio, do desgosto que eu começara a nutrir por meu ofício tão prosaico. Mas a impressão era de que não haveria nada de prosaico nem de rotina maçante; como um trabalho que se apresentava como beleza diária não seria encantador? As tarefas tinham os encantos da infância e a poesia da sala de aula. Não estou dizendo que estudávamos somente poemas e literatura; apenas expressei, da única forma que consigo, o interesse em mim despertado por minhas companhias. Como posso descrever o sentimento sem dizer que, ao invés de acostumar-me a eles – e isso é uma raridade entre as governantas: chamo a irmandade a depor! –, eu não parava de fazer novas descobertas. Mas havia um ponto em que as descobertas cessavam: a conduta do garoto na escola continuava envolta na mais profunda escuridão. Notei de imediato que eu conseguia lidar com aquele mistério sem sofrimento. Talvez eu fosse mais exata ao dizer que – sem fazer um comentário sequer – ele próprio o resolvera. O garoto fez a acusação parecer-me absurda. Uma conclusão floresceu-me diante de sua inocência infantil: ele era belo e bondoso demais para o mundinho sujo e deplorável da escola; e pagara por isso. Acreditei que, certamente, ao perceber essas diferenças, essa superioridade, a maioria das pessoas – incluídos diretores ignorantes e mesquinhos – revolta-se e parte infalivelmente para a vingança.

As crianças eram de uma delicadeza tal que se tornavam – como direi? – quase imunes a castigos. Este era seu único defeito, e mesmo assim Miles nunca se mostrou efeminado. Eram como os querubins da anedota, em que não se podia – pelo menos não moralmente – sequer dar umas boas palmadas! Quanto a Miles, em especial, eu sentia como se ele não tivesse um

passado. É claro que não esperamos um passado extenso de uma criança, mas havia nesse garotinho algo de extraordinariamente sensível, e ao mesmo tempo alegre, que, mais do que em qualquer outra criança de sua idade que eu já houvesse visto, dava-me a impressão de renovar-se a cada dia. Nunca, por um momento sequer, ele sofrera. Tomei o fato como evidência clara de que não recebera nenhum castigo. Se alguma vez ele já houvesse feito travessuras, com certeza teria ficado com alguma “marca”, e eu perceberia a marca em seu jeito de ser – teria encontrado algum sinal. Nunca falou sobre a escola, nunca mencionou nenhum coleguinha ou professor; quanto a mim, eu sequer tocava no assunto, tanto me desagradava fazê-lo. É claro que eu estava sob um feitiço; o mais fascinante era que, mesmo então, eu já sabia muito bem que o estava. Mas deixei-me levar; era um bálsamo para as dores, e estas não me faltavam. Por essa época recebi algumas cartas inquietantes de casa, onde as coisas não iam bem. Mas, tendo aquelas crianças, o que mais no mundo importava? Eis a pergunta que eu me fazia nas ocasiões em que ficava só. Deslumbrava-me com tanta doçura.

Em um certo domingo – para irmos adiante –, a chuva estava tão forte, e durou por tantas horas, que a procissão até a igreja teve de ser adiada. Assim, no passar do dia, combinei com a sra. Grose que, se o tempo melhorasse à noite, iríamos à missa noturna. Felizmente a chuva parou, e preparei-me para o passeio; levaríamos uns vinte minutos para cruzar o parque e seguir a estrada que conduzia até o vilarejo. Ao descer as escadas para encontrar minha colega no corredor, lembrei-me de pegar um par de luvas, que precisou levar três pontos – e em público, o que não foi muito edificante –, dados enquanto eu estava à mesa com as crianças para o chá, servido, excepcionalmente aos domingos, no frio e solene templo de mogno e bronze que constituía a sala de jantar “dos grandes”. As luvas haviam caído lá, e voltei para buscá-las. O dia era cinzento, mas a luz vespertina ainda se demorava um pouco, e, quando cruzei o umbral, pude não apenas reconhecer os itens que eu desejava, sobre uma cadeira perto da ampla janela, que estava fechada, mas também me aperceber de que havia uma outra pessoa do lado de fora, olhando diretamente para o interior da casa. Bastou um passo sala adentro e a visão foi instantânea; tudo estava lá. A pessoa que olhava diretamente para o interior da casa era a mesma que me aparecera antes. Não dá para dizer que, ao aparecer novamente, ele parecia mais distinto, pois era impossível; mas havia uma proximidade, como se fosse um passo à frente em nossa relação, que me fez sustar a respiração e enregelar-me ao vê-lo de volta. Ele era o mesmo – era o mesmo, e, dessa vez, como da outra, eu o via apenas da cintura para cima, pois a janela, mesmo que a sala de jantar fosse ao rés do chão, não alcançava o terraço onde pisava. O rosto estava próximo ao vidro; contudo, a estranha impressão que tive ao vê-lo melhor serviu apenas para me mostrar o quão intensa a anterior tinha sido. Não ficou ali por mais que alguns segundos – o bastante para me convencer de que ele também me vira e reconhecera; mas senti como se o tivesse olhado por muito tempo e o conhecesse há anos. Entretanto, dessa vez aconteceu algo que não ocorrera antes; o olhar que ele dirigia ao meu rosto, que atravessava o vidro e cruzava a sala, fora tão duro e profundo quanto antes, mas houve um momento em que ele me deixou, quando ainda pude observá-lo, vê-lo focalizar várias outras coisas em sucessão. No mesmo instante, sobreveio-me a certeza de que ele não estava atrás de mim. Buscava uma outra pessoa.

O lampejo dessa consciência – adquirida em meio ao pavor – produziu em mim um efeito extraordinário, provocou, enquanto eu ainda estava parada, uma súbita manifestação de dever e coragem. Digo coragem por não ter dúvidas de que eu já não era mais dona de mim mesma. Precipitei-me mais uma vez porta afora, alcancei a entrada da casa, ganhei a estrada em um instante e, atravessando o terraço o mais rápido possível, dei a volta na curva; então tive uma visão clara. Mas o que eu via era nada – meu visitante vanecera. Parei, quase caí de tanto alívio; mas aos poucos assimilava o ocorrido – dei-lhe tempo para reaparecer. Falo em tempo, mas o quanto aquilo durou? No que me proponho a fazer, não tenho como medir a duração destas coisas. As medidas para tanto me escapavam: tudo aquilo não poderia ter durado tanto quanto queria me parecer. O terraço, todo o pátio, o gramado e o jardim mais além, tudo estava imensamente vazio até onde a vista alcançava. Havia moitas e grandes árvores, mas lembro-me de estar convencida de que nada o ocultava. Ou ele estava, ou não estava lá: e, se eu não o via, não estava. Aférrei-me a essa ideia; e assim, por instinto, em vez de voltar pelo caminho que eu havia percorrido, fui até a janela. Um pouco confusa, eu tinha presente a necessidade de postar-me onde ele estivera. Assim fiz; apliquei o rosto contra o vidro e olhei para o interior da sala como ele antes olhara. Neste momento, como para mostrar-me o que ele pudera ver, a sra. Grose entrou, tal como eu mesma fizera há pouco, vinda do corredor. Com isso obtive uma reprodução completa do ocorrido. Ela me viu como eu vira meu visitante; deteve-se como eu fizera; dei-lhe um pouco do susto que eu havia levado. A palidez voltou, agora no rosto da sra. Grose; imaginei se eu teria ficado tão branca. Em suma, ela me olhou, retrocedeu seguindo exatamente os *meus* passos, e eu sabia que ela sairia da casa e retornaria, vindo a meu encontro. Permaneci onde estava e, enquanto esperava, fui acometida não por uma, mas por diversas dúvidas. Contudo, há apenas uma que eu gostaria de expor: que motivo *ela* teria para se assustar?

Fiquei sabendo assim que ela contornou a casa e surgiu novamente diante de mim.

– Em nome de Deus, o que é que está acontecendo?

A sra. Grose estava enrubescida e sem fôlego; não falei nada até que ela se aproximasse.

– Comigo? – Minha expressão devia estar uma maravilha. – Dá para perceber alguma coisa?

– A senhorita está branca como um papel; está com um aspecto horrível.

Refleti; então senti que, naquele instante, eu poderia enfrentar qualquer inocência, sem nenhum escrúpulo. A necessidade de respeitar o viçoso candor da sra. Grose caíra de meus ombros sem nenhum ruído, e, se naquele instante vacilei, não foi devido ao que eu lhe ocultava. Estendi-lhe a mão, que ela prontamente tomou na sua; apertei-lhe um pouquinho a mão; eu gostava de ter a sra. Grose por perto. Sentia-me como que apoiada pelo tímido pesar da surpresa que ela sentia.

– Com certeza você veio me buscar para irmos à igreja, mas não vou poder ir.

– Aconteceu alguma coisa?

– Sim. E você tem que saber agora mesmo. Eu estava muito estranha?

– Quando a vi pela janela? Estava pavorosa!

– Bem, eu estava assustada. – Dava para ver claramente no olhar da sra. Grose que *ela* não o desejava estar, mas que ainda assim entendia muito bem a posição que ocupava, e portanto não compartilharia comigo nenhum inconveniente. Ah, mas já estava escrito que ela *precisava* compartilhá-lo! – O que você viu da sala de jantar há um minuto foi apenas uma consequência. O que *eu* vi... foi muito pior.

Ela apertou minha mão com mais força.

– E o que foi?

– Um homem extraordinário. Me olhando.

– Mas que homem extraordinário?

– Não faço a menor ideia.

Em vão a sra. Grose olhou ao redor.

– Mas onde ele está?

– Não me pergunte.

– A senhorita já tinha visto ele antes?

– Sim; uma vez, já. Na antiga torre.

Ela me olhou com ainda mais atenção.

– Então ele é um estranho?

– Isso, isso mesmo!

– E mesmo assim a senhorita não me disse nada?

– Não. Mas tive minhas razões. Só que agora que você adivinhou...

Os olhos redondos da sra. Grose contestaram-me.

– Ora, eu não adivinhei! Como é que eu ia adivinhar? Se isso não é coisa da sua imaginação...

– Não, com certeza não é.

– A senhorita viu ele só lá na torre?

– Lá, e agora aqui.

A sra. Grose olhou ao redor mais uma vez.

– O que ele estava fazendo na torre?

– Nada. Só ficou parado, me olhando.

Ela pensou por um instante.

– Por acaso era um *gentleman*?

Sequer precisei refletir.

– Não. – Ela me olhou, ainda mais surpresa. – Não.

– Ninguém estava por lá? Nenhuma pessoa do vilarejo?

– Ninguém, ninguém. Esqueci de dizer, mas tenho certeza.

Ela deu um leve suspiro de alívio: o estranho foi que isso me reconfortou. Só que não por muito tempo.

– Mas se ele não é um *gentleman*...

– Quer saber o que ele é? Bem, ele é um horror.

– Um horror?

– Ele é... Deus me guarde de saber o que ele é!

A sra. Grose olhou ao redor novamente; fixou o olhar na distância difusa e, após se recompor, de súbito voltou-se a mim e disse, com descaso:

– Já era hora de estarmos na igreja!

– Ah, não estou em condições de ir à igreja.

– Não vai lhe fazer bem?

– Não vai fazer bem a *eles*...! – disse eu, apontando a casa.

– Às crianças?

– Não posso abandoná-las.

– A senhorita está com medo que...?

Fui audaciosa:

– Estou com medo *dele*.

O amplo rosto da sra. Grose deixava entrever agora, pela primeira vez, a sutil centelha longínqua de um conhecimento mais apurado; de alguma forma percebi que eu presenciava o nascimento tardio de uma ideia que não fora eu quem lhe dera, e que ainda me era obscura. Ocorre-me agora que, naquele instante, eu imaginei que poderia convencê-la a falar; e senti que isso estava de alguma forma relacionado ao desejo que ela demonstrava de saber mais.

– Quando foi isso... na torre?

– Lá pelo meio do mês. Nesta mesma hora.

– Quase no escuro.

– Não, não, nem perto disso. Vi-o tão bem quanto a vejo agora.

– Mas então como foi que ele entrou?

– E como foi que ele saiu? – falei, rindo. – Não tive a chance de perguntar! – E continuei: – Veja só, e hoje ele não conseguiu entrar.

– Ficou só espiando?

– Espero que ele pare por aí! – Neste instante ela já soltara minha mão; voltou-me as costas e afastou-se um pouco.

Aguardei um instante; então exclamei: – Vá para a igreja. Eu vou ficar de guarda. Até mais.

Com vagar, a sra. Grose encarou-me novamente.

– A senhorita está preocupada com as crianças?

Nossos olhares mais uma vez se encontraram por um longo tempo.

– Você *não* está? – Em vez de responder, ela se aproximou da janela e, por um instante, aplicou o rosto contra o vidro. –

Assim você enxerga o que ele estava enxergando – continuei, enquanto isso.

Ela não se moveu.

– Quanto tempo ele ficou aqui?

– Até que eu saísse. Vim aqui para encontrá-lo.

Por fim a sra. Grose voltou-me o rosto; havia algo ainda mais expressivo em seu olhar.

– Eu não ia ter conseguido.

– Nem eu! – dei uma gargalhada. – Mas eu vim. Tenho meus deveres.

– Também tenho os meus – foi o que ela respondeu; logo em seguida acrescentou: – Como ele é?

– Eu estava morta de vontade de lhe contar. Mas ele não parece com ninguém.

– Ninguém?

– Ele não usa chapéu. – Com isto, percebi no olhar da sra. Grose laivos de angústia, indicando que ela começava a formar alguma imagem; em breve as pinceladas sucediam-se uma após a outra: – Tem cabelos ruivos, muito vermelhos, bem cacheados e um rosto fino; é alto e magro, tem feições belas e pequenas costeletas, meio esquisitas, da mesma cor dos cabelos. As sobrancelhas são um pouco mais escuras; formam um arco bem acentuado e dão a impressão de serem muito expressivas. Tem um olhar penetrante, estranho: terrível; o que sei ao certo é que os olhos são bem pequenos e fixos. A boca é grande, com lábios finos, e, afora as costeletas, sua pele é bem lisa. Ele tem um jeito de ator.

– Ator! – Seria impossível parecer-se menos com um do que a sra. Grose parecia naquele momento.

– Nunca vi um, mas acho que eles são mais ou menos assim. Ele é alto, irrequieto, apumado, mas nunca, de forma alguma, um *gentleman*!

O rosto de minha amiga empalidecia à medida que eu ia adiante; seus olhos saltaram e a boca se abriu. – Um *gentleman*?

– Ela embasbacou-se, confusa, estupefata. – *Ele*, um *gentleman*?

– Você o conhece, então?

Era visível que ela fazia esforço para se conter.

– Mas ele é *bonito*?

Entendi como eu poderia ajudá-la.

– Muito!

– E estava usando...

– As roupas de uma outra pessoa. Eram elegantes, mas não lhe pertenciam.

Sem fôlego ela exclamou, em meio a um gemido:

– São do patrão!

Não deixei escapar.

– Então você já o conhece?

Ela vacilou por um só instante e então gritou:

– Quint!

– Quint?

– Peter Quint: o ajudante, o criado do patrão, quando ele ainda morava aqui!

– Quando o patrão morava...?

Ainda boquiaberta, mas vindo a meu encontro, ela juntou as peças.

– Quint nunca usava o chapéu, mas usava... ah, às vezes sumia algum colete! Eles dois estavam aqui... no ano passado.

Então o patrão se foi, e Quint ficou sozinho.

Eu a acompanhava, fazendo algumas pausas.

– Sozinho?

– Sozinho *com a gente*. – Então acrescentou, como se a frase viesse de seu âmago: – Ele ficava de responsável.

– E que fim o levou?

Ela manteve o suspense por tanto tempo que eu fiquei ainda mais perplexa. Por fim, desabafou.

– Ele também se foi.

– Para onde?

A expressão no rosto dela, quando ouviu isso, era extraordinária.

– Deus sabe para onde! Ele morreu.

– Morreu? – perguntei, quase gritando.

Tive a nítida impressão de que ela se firmava, apoiava melhor os pés para pronunciar algo de inacreditável.

– Sim. O sr. Quint morreu.

É claro que foi preciso mais do que esse incidente específico para nos sentirmos diante de algo com o que, de agora em diante, teríamos de conviver da melhor forma possível – minha terrível suscetibilidade a coisas tais como a que foi exemplificada de forma tão vívida, e, a partir desse momento, a consciência que minha colega tinha – consciência que misturava consternação e compaixão – desta suscetibilidade. Nessa noite não houve, depois da revelação que me prostrou por uma hora – não houve ida alguma à igreja, exceto por um culto particular regado a lágrimas e votos, orações e promessas, o auge da série de desafios e promessas mútuas que imediatamente se instaurou ao nos retirarmos, juntas, para a sala de estudos, onde nos trancamos para desabafar. O resultado do desabafo foi apenas uma redução de nossa situação a seus elementos mais básicos. A sra. Grose não vira nada, sequer a sombra de uma sombra, e as agruras da governanta não eram compartilhadas por mais ninguém na casa; ainda assim, a sra. Grose aceitou o que eu lhe disse como sendo a verdade, sem pôr minha sanidade em xeque, e acabou mostrando-me, por causa disso, uma ternura consternada, uma expressão para o sentimento de meu privilégio mais do que questionável; guardo a lembrança dessa demonstração como exemplo da mais doce caridade de que o ser humano é capaz.

O que ficou acertado entre nós naquela noite, e que nos convinha, era que tentaríamos enfrentar aquilo juntas; mas, apesar de ela não ter se envolvido diretamente, eu custava a acreditar que o fardo da sra. Grose fosse mais leve do que o meu. Foi nessa hora que eu soube, como aliás o soube mais tarde, o que eu seria capaz de enfrentar para proteger meus discípulos; mas foi-me necessário algum tempo até que eu tivesse certeza do quanto minha fiel aliada suportaria para respeitar os termos desse contrato comprometedor. Eu já era uma companhia bastante esquisita – quase tão esquisita quanto a visita que eu mesma recebera; mas ao traçar o caminho percorrido é que vejo o quanto tivemos em comum na ideia que, por sorte, bastou para nos sustentar. Foi essa ideia – o segundo movimento – que me conduziu, por assim dizer, diretamente para fora da câmara interna de meu terror. Finalmente pude tomar ar no pátio, e a sra. Grose acompanhou-me. Com riqueza de detalhes, recordo-me da forma peculiar com que recobrei minhas forças antes de nos separarmos, à noite. Já repassáramos muitas e muitas vezes os detalhes sobre o que eu tinha visto.

– A senhorita acha que ele estava atrás de outra pessoa... que não era a senhorita?

– Ele estava atrás do pequeno Miles. – Fui possuída por uma clareza assombrosa. – Era *dele* que ele estava atrás!

– Mas como é que a senhorita sabe?

– Eu sei, eu sei, eu sei! – A exaltação aumentava. – E *você* também sabe, querida.

Ela não negou, o que tampouco seria necessário. De qualquer forma, a sra. Grose prosseguiu em seguida:

– E *se ele visse* ele?

– O pequeno Miles? Mas é isso o que ele quer!

Ela pareceu tremendamente assustada.

– O menino?

– Deus o guarde! Estou falando do homem. Ele quer aparecer para *eles*.

Que isso pudesse acontecer já era uma ideia terrível, mas, de alguma forma, eu ainda conseguia evitá-la; além disso, enquanto nos demorávamos lá, quase o consegui provar. Tinha certeza de que veria novamente o que eu já vira, mas em meu âmagos algo dizia que ter a coragem de oferecer-me sozinha a essa experiência, aceitando, convidando, suplantando tudo, eu serviria de vítima expiatória e asseguraria a tranquilidade de minhas companhias. As crianças, em especial, eu protegeria assim, com uma cerca, e com certeza elas estariam absolutamente salvas. Lembro-me de uma das últimas coisas que disse à sra. Grose naquela noite.

– Agora percebi que meus pupilos nunca mencionaram...

Ela lançou um olhar severo na minha direção enquanto eu me recompunha.

– Que ele já esteve aqui, nem o tempo que ficaram juntos?

– O tempo que ficaram juntos e o nome dele, sua presença, enfim, sua história.

– Ah, a garotinha não se lembra. Ela nunca ouviu falar disso nem sabe de nada a respeito.

– Das circunstâncias da morte dele? – pensei com certa intensidade. – Talvez não. Mas Miles deve se lembrar... Miles deve se lembrar.

– Ora, deixe ele quieto! – a sra. Grose deixou escapar.

Voltei-lhe o mesmo olhar que ela me lançara.

– Não tenha medo – continuei a pensar. – Realmente é *muito* estranho.

– Que ele nunca tenha falado dele?

– É, que nunca tenha ao menos mencionado. E você ainda me diz que ele eram “grandes amigos”?

– Não, não *ele!* – a sra. Grose declarou com veemência. – Isso era coisa da cabeça de Quint. Brincar com ele... mimá-lo!

– Ela fez uma pequena pausa e então emendou: – Quint tomava muitas liberdades.

Senti-me enojada ao recordar aquele rosto – ah, *que* rosto!

– Tomava liberdades com o *meu garoto?*

– Com todo mundo!

Além de refletir que o comentário se aplicava a diversos membros da criadagem – à meia dúzia de empregadas e aos homens que também habitavam nossa pequena colônia –, abster-me, naquele momento, de prosseguir a uma análise. Mas, para nossa preocupação, constatávamos que, até onde todos se lembravam, nunca houvera nenhuma lenda, nenhum comentário mesquinho envolvendo o vetusto e agradável casarão. Não tinha mau nome nem má fama, e a sra. Grose buscava, visivelmente, apegar-se a mim e estremecer em silêncio. Por fim, bem ao fim, coloquei-a contra a parede. Foi quando, à meia-noite, ela pousou a mão na porta da sala de estudos para se despedir.

– O que você está dizendo, então, e isto é muito importante, é que ele com certeza era mau? E mesmo assim o toleravam?

– Ah, não toleravam. *Eu* sabia: mas o patrão não.

– E você nunca contou para ele?

– Bem, ele não gostava de histórias... detestava reclamações. Era curto e grosso quando tratava dessas coisas, e, se *ele* achava que tudo ia bem...

– Ele deixava de se preocupar? – Isso ia ao encontro da imagem que eu fizera dele: era um *gentleman* que não gostava de se incomodar, e não era muito seletivo quanto às *suas* companhias. De qualquer modo, aumentei a pressão sobre minha interlocutora: – Juro que *eu* teria contado!

Ela sentiu meu desprezo.

– Acho que agi errado. Mas eu estava com medo, de verdade.

– Medo de quê?

– Do que aquele homem podia fazer. Quint era muito esperto; ele era muito misterioso.

Provavelmente reparei mais nesse comentário do que deixei entrever.

– Você não estava com medo de outra coisa? Da influência dele...

– Influência dele? – repetiu com uma expressão angustiada, esperando eu me recompor.

– Nas vidinhas inocentes deles. As crianças estavam sob a sua responsabilidade.

– Não, não estavam! – voltou a resposta direta e perturbada. – O patrão confiou nele e colocou ele aqui porque ele estava doente e disseram que o ar do campo lhe faria bem. Então ele mandava em tudo. Sim – finalmente ela me disse –, até mesmo *neles*.

– Neles, aquela coisa? – Tive de conter uma espécie de uivo. – Como você aguentou?

– Não aguentei... ah, e ainda não aguento! – e as lágrimas brotaram nos olhos da pobre mulher.

A partir do dia seguinte, como eu disse, passamos a tentar controlá-las; mas com que frequência, com que transportes retomamos o assunto naquela semana! Por mais que o tivéssemos discutido na noite de domingo, especialmente nas horas que se seguiram, até a madrugada – pois não é preciso dizer que eu não dormi – eu ainda me sentia assombrada pelo espectro de algo que ela não me dissera. Eu não omitira nada, mas havia algum detalhe que a sra. Grose omitira. Além disso, pela manhã, estava certa de que não era falta de franqueza, mas o caso é que muitos temores nos rodeavam. Ao recordar, parece-me que, quando o sol matutino já ia alto, eu vislumbrara nos fatos diante de nós toda a significação que lhes seria dada pelos eventos futuros, ainda mais cruéis. O que eles me deixavam ver era, acima de tudo, a aparência sinistra daquele homem, ainda vivo – o morto estava dando uma trégua –, e dos meses que vivera em Bly, que, se somados, eram um tempo muito longo. Esse mal só teve termo quando, ao nascer do sol em uma manhã de inverno, um trabalhador que ia cedo para o serviço encontrou Peter Quint morto, estirado na estrada que conduzia ao vilarejo: o motivo da catástrofe – pelo menos o motivo aparente – era uma grande ferida na cabeça; uma ferida que poderia ter sido causada – e na verdade o fora, como mais tarde ficou provado – por um escorregão fatal, no escuro, ao sair da taverna. Pegara o caminho errado e escorregou em um barranco coberto de gelo; acharam-no lá no fundo. O barranco, o gelo, a bebida e a volta errada que fizera em seu caminho explicavam bastante – no fim, após o inquérito e um falatório interminável, explicaram tudo; mas houvera coisas estranhas em sua vida – momentos e perigos estranhos, desordens secretas, mais vícios do que se imaginava – que explicariam muito mais.

Mal sou capaz de dar, em palavras, uma imagem convincente de meu estado mental; mas naqueles dias eu me deixava sentir verdadeira alegria com os arroubos de heroísmo que a situação me impunha. Agora via que me haviam solicitado a fazer um serviço admirável e difícil; e seria grandioso deixá-lo transparecer – ah, na hora certa! – e assim obter êxito onde muitas outras moças teriam fracassado. O fato de eu encarar o serviço com tanta dedicação e sem fazer dele um mistério ajudou-me imenso – sinto-me orgulhosa ao olhar para trás. Estava lá para proteger e defender aqueles dois, que eram as criaturinhas mais amáveis e mais desprovidas no mundo; o desamparo tornara-se demasiado aparente, uma dor profunda e constante em meu coração. Na verdade, estávamos isolados, mas juntos; unidos no perigo. Eles não tinham nada, mas eu – bem, eu tinha a eles.

Em suma, era uma chance inigualável. Esta chance apresentou-se sob uma forma claramente material. Eu era uma cortina – deveria ficar diante deles. O quanto mais eu visse, menos eles veriam. Comecei a observá-los, em um suspense contido, um ímpeto disfarçado que, caso tivesse perdurado por mais tempo, bem poderia ter voltado meus pensamentos em direção à loucura. Hoje vejo que minha salvação foi que se voltaram a outro objeto. O suspense não durou – foi suplantado por provas terríveis. Provas, sim, é o que estou afirmando – desde o momento em que vi.

Este fato ocorreu durante uma tarde em que eu andava pelos arredores com minha discípula mais nova. Miles havia ficado em casa, na almofada vermelha da poltrona que ficava próxima à janela; ele queria terminar de ler um livro, e alegrou-me poder incentivar um comportamento tão louvável em um garoto que só tinha como defeito uma eventual inquietude. A irmã, pelo contrário, apressara-se para sair, e dei um passeio de meia hora com ela, pela sombra, pois o sol ia a pino e o dia estava mais quente do que o normal. À medida que caminhava, novamente me dei conta de como ela, da mesma forma que o irmão – e isso era o que havia de encantador nas duas crianças –, conseguia deixar-me sozinha sem parecer me abandonar, acompanhar-me sem me sufocar. Eles nunca me importunavam; nunca me aborreciam. Dedicava-lhes minha atenção para que pudesse vê-los se divertindo imensamente sem mim: tinha a impressão de que preparavam cuidadosamente esse espetáculo, e eu, arrebatada, ficava observando. Adentrei o mundo de suas fantasias – eles não tinham oportunidade de beber do meu; assim, ocupava meu tempo sendo, para eles, alguma pessoa ou coisa importante que na hora a brincadeira exigisse, o que, graças a meu caráter altivo e elevado, era uma sinecura alegre e muito distinta. Esqueço o que eu era nessa ocasião; apenas lembro de que eu era algo muito importante e que Flora se divertia muito. Estávamos às margens do lago, e, como há pouco tínhamos começado a estudar geografia, o lago era o Mar de Azov.

Esta era nossa situação quando, de repente, percebi que alguém nos observava da outra margem do Mar de Azov. A maneira como essa impressão se fez sentir foi a coisa mais estranha do mundo – isto é, sem contar aquela ainda mais estranha em que ela se transformou logo a seguir. Eu havia me sentado com um trabalho manual no velho banco de pedra que dava para a lagoa – pois eu era algo que podia sentar; e, assim disposta, assimilei, de modo inconfundível, ainda que não olhasse diretamente, a presença, a uma certa distância, de uma terceira pessoa. As árvores velhas e as moitas densas davam uma sombra agradável, mas tudo estava coberto pela claridade daquela hora do dia, quente e imóvel. E não havia ambiguidade alguma; pelo menos não em respeito à convicção súbita do que eu veria diante de mim na outra margem do lago caso levantasse o olhar até aquele nível. Eu olhava, nesta conjuntura, para o bordado que me ocupava, e sobrevém-me ainda agora o esforço espasmódico para manter o controle até que eu tivesse me assenhoreado de mim mesma e decidido o que fazer. Havia um objeto estranho à vista – uma presença cujo direito a estar ali eu questionava com furor. Recordo-me de ter contado todas as possibilidades, sempre me lembrando de que era comum que os homens passassem por aquela área, ou mesmo um mensageiro, carteiro ou algum garoto enviado por um trabalhador do vilarejo. Essa lembrança teve um efeito tão débil sobre minha certeza prática quanto me dei conta – ainda sem olhar – que o tinha sobre a índole e a atitude de nossa visita. Nada estava mais claro do que o fato de que estas coisas deviam ser outras coisas que elas definitivamente não eram.

Certifiquei-me da identidade da aparição no momento em que o relógio de minha coragem marcou o segundo exato; enquanto isso, com um esforço considerável, dirigi meu olhar direto para a pequena Flora, que, neste momento, estava a uns três metros de distância. Por um instante meu coração parou diante da estupefação e do horror provocados pela dúvida: será que ela também via? Eu esperava, com a respiração suspensa, a resposta que um grito ou uma inocente demonstração de curiosidade me daria. Esperei, mas não aconteceu nada; então, no primeiro momento – e esta, dentre todas as outras, é a coisa mais medonha que tenho a relatar –, tive a sensação de que ela deixou de produzir qualquer som naquele instante; e, no segundo, a de que ela, também naquele instante, tinha voltado as costas para o lago. Era assim que estava na última vez em que a observei – e observei-a com a convicção firme de que, juntas, estávamos sendo observadas. Flora pegara um pedaço de madeira pequeno e chato, que tinha um furo no meio; este obviamente lhe dera a ideia de enfiar ali algum outro fragmento que pudesse fazer as vezes de mastro, e com isso fazer um barquinho. Quanto a esse segundo graveto, enquanto eu a observava, Flora estava concentrada tentando fazê-lo parar no lugar. Senti-me aliviada ao ver o que ela estava fazendo; após alguns segundos, eu estava pronta para ir adiante. Desviei meus olhos – encarei o que tinha de encarar.

Após o incidente, detive a sra. Grose assim que pude; e sou incapaz de narrar como enfrentei esse intervalo. Mas ainda ouço os gritos de quando me lancei a seu braços:

– Eles *sabem!* É horrível demais; eles sabem, eles sabem!

– Mas que diabos...?

Senti sua incredulidade enquanto me amparava.

– Ora, tudo o que *nós* sabemos... e só Deus sabe o que mais! – Então, quando ela me soltou, fiz-lhe a revelação, uma revelação que até agora não estava clara sequer para mim: – Há duas horas atrás, no jardim! – eu mal conseguia falar – Flora viu!

A sra. Grose recebeu a resposta como quem leva um murro no estômago.

– Ela lhe contou? – perguntou-me, ofegante.

– Nada, nada; nem uma palavra. Não é terrível? Ela guardou tudo para si! Uma criança de oito anos, *aquela* criança! – O espanto era tal que eu sequer o podia articular.

A sra. Grose só podia ficar ainda mais boquiaberta:

– Mas então como é que a senhorita sabe?

– Eu estava lá. Vi com meus próprios olhos: vi que ela percebia tudo.

– A respeito *dele*?

– Não... *dela*. – Enquanto falava, dei-me conta de que eu conjurava prodígios com o olhar, pois percebi alguns reflexos no rosto de minha amiga. – Dessa vez... era uma outra pessoa; mas uma figura igualmente horrível e má: uma mulher de preto, pálida e medonha... com um jeito e um rosto que... ah! Lá na outra margem do lago. Eu estava lá com Flora... estávamos em silêncio; e foi aí que ela chegou.

– Chegou como? Daonde?

– Lá de onde eles vêm! Ela apareceu e ficou lá parada: mas não muito perto.

– Nem chegou mais perto?

– Ah, a sensação que eu tinha era a de que estava tão próxima quanto você!

Minha amiga teve o estranho impulso de dar um passo para trás.

– Era alguém que a senhorita nunca viu antes?

– Sim. Mas a pobre criança já a tinha visto. E *você* também. – E então, revelando tudo o que eu havia pensado: – A outra governanta... a que morreu.

– A srta. Jessel?

– A srta. Jessel. Não acredita?

Ela volteava de um lado para o outro, angustiada.

– Tem certeza?

Em meu estado de nervos, a pergunta acabou com a minha paciência.

– Então pergunte a Flora! *Ela* tem certeza! – eu mal havia falado e já me recompusera. – Não, pelo amor de Deus; não faça isso. Ela vai dizer que não tem... vai mentir!

A sra. Grose não estava tão confusa a ponto de não protestar:

– Como tem coragem de dizer isso?!

– Eu tenho certeza. Flora não quer que eu saiba.

– Porque ela não quer lhe preocupar.

– Não, não; é mais profundo, mais profundo! Quanto mais penso a respeito, mais eu vejo coisas; e quanto mais vejo coisas, mais medo sinto. Não sei o que é que eu *não* vejo... o que eu *não* temo!

A sra. Grose tentava acompanhar o que eu dizia.

– Então a senhorita tem medo de ver ela de novo?

– Ah, não: isso já não me assusta! – E então expliquei: – Tenho medo é de *não* ver!

Minha amiga ficou me olhando, lívida.

– Não estou entendendo.

– Ora, Flora pode guardar tudo para si (e com certeza vai fazer isso!) sem que eu fique sabendo.

Ao vislumbrar este quadro, a sra. Grose se descontrolou por um instante, mas em seguida se restabeleceu, como se fosse amparada por uma força que nos impedisse de ceder um milímetro sequer, pois, caso o fizéssemos, aí sim teríamos motivo para desesperar.

– Querida, minha querida, não podemos perder a cabeça! Além disso, se ela não se importa...! – A sra. Grose chegou a arriscar uma piada de humor negro: – Talvez ela até goste!

– Gostar *daquilo*... um bebê como ela!

– Mas isso não prova a santa inocência dela? – minha amiga perguntou com bravura.

Com isso ela quase me fez recobrar o juízo.

– Temos que nos aferrar a isso... temos que acreditar! Se isso não prova o que você disse, prova sabe Deus o quê! A mulher é a mãe de todos os horrores.

A sra. Grose, ao escutar, dirigiu o olhar para o chão; por fim, olhou-me novamente:

– E como é que a senhorita sabe?

– Então você admite que ela era um horror mesmo?

– Como a senhorita sabe?

– Como sei? Ora, porque eu a vi! Pelo jeito dela.

– Pelo jeito que olhou para a senhorita? Pelo olhar ruim?

– Quem me dera; não. Isso eu teria suportado. Mas ela nem olhou para mim. Ficou o tempo todo observando Flora.

A sra. Grose tentava visualizar a cena.

– Observando?

– Ah, com um olhar pavoroso!

Ela me encarou como se o meu olhar lembrasse aquele outro.

– De desgosto?

– Por Deus, não. De alguma coisa bem pior.

– Pior que desgosto? – Ela ficou perdida.

– Com uma determinação... indescritível. Com uma fúria, uma gana de fazer alguma coisa.

A palidez voltou-lhe ao rosto.

– Fazer o quê?

– Pegá-la. – A sra. Grose, com o olhar no meu, estremeceu e andou até a janela; e, enquanto ela ficou ali olhando para fora, eu terminei o que tinha a dizer. – *Isso* é o que Flora sabe.

Em seguida a sra. Grose voltou-se na minha direção.

– A pessoa estava de preto; é isso que a senhorita disse?

– De luto. Era alguém pobre, de aspecto meio desleixado. Mas, ah!, como ela estava bonita! – Agora eu percebia até que ponto pintara o quadro à vítima de meu segredo, passo a passo. Dava para perceber que ela havia ficado pensativa. – Sim, bela, muito bela – eu insistia. – Belíssima. Mas era uma desgraçada.

Minha amiga acompanhava-me novamente.

– A srta. Jessel era mesmo uma desgraçada. – Mais uma vez pegou a minha mão nas suas, apertando-a forte, como que a me dar forças para resistir ao alarme que a revelação poderia me causar. – Os dois eram uns desgraçados – ela disse, por fim.

Juntas, encaramos os fatos mais uma vez; ver tudo tão claro foi de grande ajuda. Então falei:

– Aprecio muito a decência que a senhora teve de não me dizer nada até o momento; mas já é hora de eu saber tudo. – Ela pareceu concordar, mas permaneceu calada; assim, prossegui: – Preciso saber tudo. Do que foi que ela morreu? Ora, vamos; havia algo entre eles.

– Sim, havia muita coisa.

– Mesmo com a diferença...?

– Sim, de posição, de condição. Ela era uma dama! – Essas últimas palavras foram-lhe dolorosas.

Voltei a pensar e logo me dei conta.

– Sim, ela era uma dama.

– E ele era tão inferior – disse a sra. Grose.

Senti que, em vista de minha companhia, eu não precisaria falar sobre o lugar que os criados ocupavam; mas nada me impedia de concordar com a opinião da sra. Grose sobre a decadência da minha predecessora. Havia um jeito de tratar do assunto, e assim o tratei, preparando-me para ver por inteiro o falecido empregado – conforme as evidências o mostravam: arguto, charmoso, o “camarada” do patrão; impertinente, convencido, mimado, depravado.

– Aquele sujeito era um cão!

A sra. Grose achou que talvez fosse o caso de dar um matiz mais adequado:

– Nunca vi ninguém como ele. Fazia o que bem entendia.

– Com *ela*?

– Com todo mundo.

Eu sentia como se a srta. Jessel reaparecesse no olhar de minha amiga. Por um instante, pareceu-me que esse olhar a

evocava de forma tão clara como eu a vira na lagoa; então, decidida, exclamei:

– Bem que ela deve ter gostado!

O olhar da sra. Grose dava a entender que assim fora, mas, ao mesmo tempo, ela falou:

– Coitada; como ela pagou caro!

– Então você sabe do que foi que ela morreu?

– Não. Não sei de nada. Eu nem quis saber; aliás, fiquei feliz que ninguém me disse nada. E agradei aos céus por ela ter se livrado disso tudo!

– Mas então, antes você já suspeitava da...

– Do verdadeiro motivo que ela foi embora? Ah, sim. Ela não tinha como ficar. Imagine só, aqui... uma governanta! E depois eu fiquei imaginando... e ainda fico. E são coisas horríveis, as que eu imagino.

– Mas não tanto quanto *eu* – respondi de uma forma que (eu mesma tinha consciência disso) estampava a derrota em meu semblante. Ela se comoveu mais uma vez, e ao sentir aquela ternura não tive mais forças para resistir. Desfiz-me, como ela mesma outrora se desfizera, em lágrimas; a sra. Grose acolheu-me em seu seio maternal, e assim meus lamentos transbordaram. – Não consigo! – eu soluçava, desesperada. – Não os consigo salvar nem proteger. É muito pior do que eu imaginei: eles estão perdidos!

Eu dissera a verdade para a sra. Grose: faltava-me a resolução necessária para sondar as possibilidades e abismos do problema que eu lhe apresentara; assim, quando mais uma vez nos encontramos, ainda extáticas, chegamos à mesma conclusão: era preciso resistir àqueles arrebatamentos extravagantes. Não podíamos perder a cabeça, mesmo que perdêssemos tudo mais – por mais difícil que isto fosse, em face das coisas prodigiosas que não podíamos negar. Naquela noite, enquanto todos na casa dormiam, tivemos mais um encontro em meu quarto; foi quando a sra. Grose examinou a fundo a questão e concluiu não restarem dúvidas de que eu vira exatamente o que eu vira. Para conduzi-la até este ponto, bastou lhe perguntar como eu – caso estivesse inventando – poderia ter esboçado retratos que revelavam cada detalhe e cada característica das pessoas que me apareceram; que possibilitaram seu reconhecimento imediato, a ponto de a sra. Grose os poder nomear. É claro que ela tentava abafar – e não a culpo por isso! Tentei tranquilizá-la, dizendo que meu interesse no assunto agora se resumia a descobrir como evitá-lo. Divergi da opinião da sra. Grose quanto à probabilidade de que, quando a situação se repetisse – pois tínhamos essa repetição por certa –, eu fosse acostumar-me ao perigo; convicta do que dizia, afirmei que os riscos a que me sujeitava eram o menor dos incômodos. Minhas novas suspeitas é que eram intoleráveis; essas complicações, nem mesmo o cair da noite as mitigava.

Quando deixei a sra. Grose após minha primeira revelação, voltei a meus discípulos, acreditando que seus encantos seriam o remédio recomendado para minha desolação: eram algo que eu podia cultivar e que, até então, jamais me falhara. Em outras palavras, embebi-me novamente na companhia especial de Flora e então me dei conta – era quase um privilégio – de que ela dirigia a mãozinha para onde me doía. Flora olhou-me em uma doce divagação, e então me acusou de ter chorado. Eu supunha ter limpado todos os horríveis sinais; mas, diante daquela caridade infinita, eu senti verdadeiro júbilo – pelo menos naquele instante – por não terem desaparecido de todo. Penetrar o azul profundo do olhar infantil e afirmar que seu encanto fosse o fruto de uma inclinação precoce ao engodo era ser culpada de um cinismo tão agudo que preferi abjurar meu julgamento e até mesmo minha agitação. Não abjurei por simplesmente o desejar, mas repeti para a sra. Grose – como tornaria a fazer muitas e muitas vezes, na madrugada – que, com as vozes das crianças no ar, um aperto no coração e aquelas faces fragrantas de encontro à minha, tudo mais desaparecia, exceto sua inocência e formosura. Era uma pena que, para achar a solução de uma vez por todas, seria preciso, de alguma forma, reenumerar os sutis sinais que, à tarde, no lago, transformaram em milagre a minha demonstração de autocontrole. Era uma pena ser obrigada a reinvestigar a certeza sentida naquele exato momento e a repetir para mim mesma a revelação de que a inconcebível comunhão flagrada por mim era, para ambas as partes, um hábito. Era uma pena que, mais uma vez, tremendo, eu tivesse de revisitar as razões pelas quais não tinha, durante o delírio, sequer questionado que a garotinha enxergasse nossa visitante tão bem como eu enxergava a sra. Grose, ou que desejasse, mesmo com tudo o que via, fazer-me crer que nada enxergava e, ao mesmo tempo, sem nada demonstrar, descobrir se eu também via! Era uma pena que fosse novamente necessário descrever a conduta agourenta com que ela tentou distrair minha atenção – os movimentos mais agitados, a intensidade da brincadeira, a cantoria, a tagarelice sem sentido e a vontade de fazer travessuras.

Contudo, se eu não me houvesse detido nessa análise, para provar que nada acontecera, teriam me passado em branco os dois ou três itens que ainda podiam me aportar tranquilidade. Assim, pude asseverar à minha amiga que eu tinha certeza de que não me enganara – e isso era extraordinário. Diante da ânsia causada pela necessidade, pelo desespero em minha consciência – mal sei que nome lhe dar –, tratei de providenciar ajuda, de saber mais coisas, e assim coloquei a sra. Grose contra a parede. Sob pressão, ela me contou, pouco a pouco, muitas coisas; mas havia um pequeno ponto fugidio no lado errado de sua história, que por vezes roçava meu rosto como a asa de um morcego; e lembro-me de como, nessa ocasião – aproveitando que todos dormiam e que o perigo e o medo transbordavam –, achei que era hora de dar o último puxão na cortina.

– Não acredito em nada tão horrível – lembro-me de ter dito. – Não; vamos deixar isso bem claro, querida: não acredito. Mas, se eu acreditasse, bem, tem uma coisa que eu ia querer de você agora; mas não me esconda nada. Nenhum detalhe, vamos! No que você estava pensando quando, enquanto ainda estávamos as duas tristes por causa da carta da escola, antes que Miles retornasse, você falou, quando eu insisti, que não tinha a intenção de fingir que Miles *nunca* tinha sido mau? Nessas semanas que passei aqui, morando com ele e observando-o de perto, ele *nunca* foi mau; comportou-se como um pequeno prodígio inabalável, de uma bondade deliciosa e encantadora. Ou seja, você bem que poderia ter dito a mesma coisa, caso não tivesse uma ressalva a fazer. Que ressalva é essa? E que motivo ele lhe deu para fazê-la?

Foi um interrogatório terrivelmente severo, mas não estávamos em clima de descontração; e, de qualquer modo, antes de nos recolhermos com a luz cinzenta da alvorada, eu já tinha minha resposta. A informação dada por minha amiga veio muito a calhar. Não era nada mais, nada menos que o fato de que, por meses a fio, Quint e o garoto haviam sido companheiros inseparáveis. A verdade, como seria de se esperar, era que a sra. Grose aventurara-se a reprovar a conveniência e a insinuar a

inadequação daquela aliança, chegando mesmo a abordar o assunto diretamente com a srta. Jessel. Esta, com modos muito estranhos, disse à sra. Grose que fosse cuidar da sua vida, e, diante disso, a boa mulher aproximou-se do pequeno Miles. Como a pressionei a falar, sei que o que disse para ele foi que *ela* não gostava de ver um jovem *gentleman* esquecer sua posição.

É claro que, ao ouvir isso, pressionei-a novamente.

– Você explicou para Miles que Quint era um mísero criado?

– Dá para dizer que sim! Uma das coisas que aconteceram, para começar, foi que ele me deu uma resposta má.

– E qual foi a outra coisa? Ele contou tudo para Quint?

– Não, não foi isso. Ele não faria algo assim! – ainda acrescentou para me impressionar. – Tenho certeza de que não. Mas tinha certas coisas que ele negava.

– Que tipo de coisas?

– Quando eles saíam juntos por aí, como se Quint fosse seu tutor, algum tutor muito importante, e a srta. Jessel ficava só com a pequena. Quando Miles saía com esse sujeito e os dois passavam horas juntos, enfim.

– Ele a enganava nesses casos? Dizia que não tinha saído? – A concordância da sra. Grose levou-me a acrescentar: –

Então é isso. Ele mentia.

– Ora – ela balbuciou. Era uma indicação de que isso não tinha importância; indicação, aliás, que foi reiterada por mais um comentário. – Mas veja só, a srta. Jessel nem se importava. Ela não proibia ele.

Refleti por um instante.

– E ele se justificava dizendo isso?

A sra. Grose baixou novamente o tom.

– Não, nunca falou nada.

– Nunca falou nada sobre as relações entre Quint e ela?

Com as faces coradas, a sra. Grose percebeu aonde eu a estava conduzindo.

– Bem, ele não demonstrava. Ele dizia que não – e repetia: – Ele dizia que não.

Deus, como eu a pressionava agora!

– Então você percebeu que ele sabia o que se passava entre os dois desgraçados?

– Não sei, não sei! – a pobre mulher gemia.

– Sabe sim, querida; você apenas não tem minha audácia e, assim, por timidez, modéstia e delicadeza, fica ocultando esta impressão passada que a fazia muito infeliz na época em que ficava por aí aos tropeços, sem minha ajuda. Mas ainda não acabei! Devia haver algo no garoto, sugerindo que ele escondia e ocultava essas relações.

– Ah, ele não tinha como impedir...

– Que você descobrisse a verdade? É bem possível! Mas, céus! – abandonei-me a pensamentos profundos. – Isso mostra a influência que eles tinham sobre ele.

– Ah, mas está tudo bem agora! – declarou a sra. Grose em tom lúgubre.

– Agora entendo por que você estava tão estranha quando falei sobre a carta que a escola mandou – insisti.

– Ah, mas garanto que eu não estava tão estranha quanto a senhorita! – ela retorquiu com uma sinceridade ingênua. – E, se ele era tão mau assim, como é que agora virou um anjo?

– É verdade; e se ele era um demônio na escola! Como, como, como? Bem – eu disse, em meio a meu tormento –, nós falaremos de novo sobre esse assunto. Pode levar alguns dias, mas vamos falar de novo! – Eu gritava, e a sra. Grose me observava. – Ah, existem caminhos pelos quais não quero enveredar. – Então voltei ao primeiro exemplo que minha amiga me dera, aquele que ela recém relatara, sobre o jeito alegre que ele tinha para dar uma escapada. – Você protesta contra o que acontecia naquela época, mas se Miles achava que Quint era um mísero criado, então acho que ele devia pensar o mesmo de você. – A sra. Grose não respondeu nada, e assim continuei: – Como pôde perdô-lo?

– A senhorita não teria feito a mesma coisa?

– Sim! – e, em meio ao silêncio, trocamos sons que denunciavam uma satisfação peculiar. Prossegui: – De qualquer jeito, enquanto ele ficava com aquele homem...

– Flora ficava com a mulher. Assim todos eles ficavam satisfeitos!

Notei que eu também ficava; quero dizer, isso satisfazia as necessidades de uma visão terrível que se insinuava, a qual eu, naquele exato momento, esforçava-me para negar. Consegui me conter e não a expressei; e, de momento, não a iluminarei mais do que o último comentário dirigido por mim à sra. Grose pode fazê-lo:

– Admito que o que você disse sobre as mentiras e a insolência de Miles é uma amostra nada interessante de seu amadurecimento como homem. Mesmo assim, são o suficiente para me fazer sentir que devo estar atenta.

Ruborizei, no instante seguinte, ao ver no rosto de minha amiga que ela o perdoava muito mais abertamente do que esta história dava à minha ternura a oportunidade de fazê-lo. Isso ficou claro quando, na porta da sala de estudos, ela me deteve.

– A senhorita não está acusando ele de...

– Manter alguma relação às escondidas? Ah, veja bem: até que me provem o contrário, não estou acusando ninguém. –

Então, antes de fechar a porta para que ela seguisse o caminho até seus aposentos, ainda dei corda: – É só esperar.

Esperei e esperei, e, aos poucos, à medida que passavam, os dias levavam consigo um pouco da minha perturbação. Na verdade, passar alguns dias junto a meus discípulos, sem nada de novo, bastou para passar uma esponja em meus devaneios lúgubres e até mesmo em lembranças horríveis. Já disse que a submissão àquela extraordinária graça infantil era algo que eu cultivava ativamente, e não é difícil imaginar que nessa ocasião eu recorri a essa fonte, mesmo sem saber no que resultaria. O esforço que eu empreendia contra as luzes recém-surgidas era muito mais estranho do que eu imaginara; entretanto, uma tensão ainda maior teria surgido caso eu não sáisse vitoriosa tantas vezes. Eu ficava imaginando se, ao executar minhas pequenas tarefas, eu deixava transparecer os pensamentos estranhos que tinha a respeito das crianças; e o próprio fato de que esses pensamentos as tornavam ainda mais interessantes não ajudava muito a mantê-las no escuro. Eu tremia só de pensar que os dois pudessem se dar conta do *quanto* haviam se tornado mais interessantes. De qualquer forma, mesmo levando a coisa ao extremo – algo que eu fazia amiúde em meus devaneios –, qualquer sombra que pairasse sobre sua inocência apresentava-se como mais um motivo para me arriscar. Ah, tão inocentes e já condenados! Havia momentos em que eu os pegava e apertava com um ímpeto irresistível contra o peito, sem nem dar por mim. Imediatamente eu me perguntava: “O que eles vão pensar? Será que não estou me expondo demais?” Seria fácil me enredar em pensamentos, imaginando o quanto eu me expunha; mas sinto que, no final das contas, a verdadeira explicação para as horas tranquilas de que eu ainda desfrutava era que o encanto de minhas companhias era um engodo eficaz, e a possibilidade de que pudesse ser premeditado em nada lhe diminuía o efeito. Ocorreu-me que, se era possível que eles suspeitassem das minhas súbitas irrupções de ternura, também faria sentido que o visível aumento de suas demonstrações me causasse estranheza.

Nessa época eles tinham um apreço extravagante por mim; mas refleti que, no fundo, isso não era nada mais do que o resultado dos abraços e mimos que recebiam constantemente. E é verdade que esse agrado, de que eram tão pródigos, teve, sobre meus nervos, o efeito de me fazer sentir como se nunca os pudesse flagrar dispensando-o com segundas intenções, se é que posso me expressar assim. Acho que eles nunca tinham feito tanto por sua pobre protetora; além de saírem-se cada vez melhor nas lições, que era a coisa que mais a agradava, as crianças também a distraíam, entretinham, surpreendiam; liam passagens de livros para ela, contavam-lhe histórias, faziam-lhe mímicas, avançavam sobre ela disfarçadas de animais e personagens históricos, e, acima de tudo, encantavam-na com as peças que haviam secretamente decorado, recitando-as sem cessar. Caso eu fosse parar-me a falar disso, não haveria mais fim para os comentários prodigiosos com os quais, naquela época, eu preenchia as nossas horas juntos. Desde o princípio, eles haviam demonstrado uma facilidade para tudo – uma habilidade geral que, mal saísse da casca, já alçava altos voos. Aceitavam as tarefas com amor e aproveitavam-se da exuberância de seu dom, fazendo pequenos milagres voluntários da memória. Não apenas saltavam sobre mim como tigres ou romanos, mas também como shakespearianos, astrônomos e navegadores. Isso era algo tão marcante a ponto de, aparentemente, ter muito a ver com um fato que, até hoje, tenho dificuldade em explicar: refiro-me à minha estranha equanimidade em relação a encontrar outra escola para Miles. Lembro-me de, naquele momento, estar satisfeita de não abordar o assunto, e essa satisfação deveria resultar das impressionantes demonstrações de sagacidade que ele costumava dar. Era muito esperto para ser mimado por uma governanta medíocre, filha de um pároco; e, nesse bordado imaginário, o fio mais estranho, se não o mais brilhoso, era o sentimento de que, caso eu iniciasse uma busca, descobriria que ele estava sob alguma influência que agia sobre sua pequena vida intelectual como um poderoso estímulo.

Entretanto, se, ao refletir mais um pouco, estava claro que um garoto como aquele pudesse deixar a escola para mais tarde, estava ainda mais claro que sua expulsão era um mistério insondável. Devo acrescentar que, quando eu estava na companhia das crianças – e era raro não o estar –, eu não conseguia farejar o rastro muito longe. Vivíamos em uma nuvem de música, amor, sucesso e encenações teatrais particulares. A habilidade musical das crianças era a mais evidente, mas o garoto, em especial, tinha um dom incrível para aprender e repetir. O piano na sala de estudos irrompia em terríveis fantasias; quando isso não acontecia, os dois confabulavam em algum canto, e em seguida um deles deixava o recinto, radiante, para “fazer a reentrada” vestido de algo novo. Eu tivera irmãos, e não era nenhuma novidade ver uma garotinha posando como adoradora submissa de algum garoto. O que ia além de tudo o que eu jamais vira era a existência de um garoto que tratasse com consideração alguém de sexo, idade e inteligência inferior. Os dois estavam sempre em harmonia, e dizer que eles nunca discutiam ou reclamavam chega a fazer o elogio soar rude, tamanha era sua doçura. E, às vezes, quando eu agia com rudeza, tinha a impressão de captar indícios de algum entendimento entre os dois, para que um me mantivesse ocupada enquanto o outro se escapava. Toda diplomacia tem um lado *naïf*; mas, se meus discípulos me pregavam peças, era com a menor grosseria possível. Foi só no outro trimestre que, depois de um período calmo, a grosseria se mostrou.

Acho que estive me segurando; mas devo mergulhar de cabeça. Minha narração dos horríveis acontecimentos em Bly não apenas escandalizará até mesmo o mais crédulo dos leitores – o que pouco me importa –, mas também me fará relembrar tudo

o que sofri, pois novamente terei de ir até o fim – e isto, sim, faz a diferença. Lembro-me de que, de um certo momento em diante, o assunto me parecia um grande sofrimento; mas cheguei até seu coração, e a maneira mais rápida de sair é, com certeza, avançar. Sem mais preparativos: certa noite senti o hálito gelado da impressão que eu tive na noite de minha chegada; mesmo apresentando-se mais fraca, foi uma impressão que, como já disse, eu sequer teria guardado, caso a minha estadia não tivesse sido tão perturbada. Eu não tinha ido para a cama; estava lendo à luz de velas, sentada. Havia um aposento cheio de livros antigos em Bly – alguma coisa de ficção do século XVIII, que, pouco valorizada, mas não a ponto de se tornar indesejável, foi parar naquela casa isolada e acabou despertando em mim uma curiosidade juvenil inconfessa. Lembro-me de ter nas mãos um exemplar de *Amelia*, de Henry Fielding; não sentia o menor sono. Além disso, recordo-me de estar convicta de que era muito tarde e de sentir um medo peculiar de olhar para o relógio. Por fim, vi que as dobras brancas da cortina, à moda da época – a cabeceira da caminha de Flora – envolviam aquela que, como eu há muito já me dera conta, era a perfeição do repouso infantil. Em suma, lembro-me de que, mesmo concentrada no livro, quando dei por mim, ao virar uma página, desfeito o feitiço da leitura, voltei o olhar em direção à porta do quarto. Por um momento fiquei escutando, recordando a ligeira sensação que tive naquela primeira noite – a de que algo se mexia na casa. Notei que um sopro vindo da janela moveu suavemente a cortina semiaberta. Então, com uma confiança que pareceria magnífica a qualquer um que me estivesse observando, deixei de lado o meu livro, pus-me de pé com uma vela na mão, saí do quarto e, no corredor, onde minha vela projetava sua luz, fechei e chaveei silenciosamente a porta.

Não sei dizer o que me impelia nem o que me guiava, mas segui pelo corredor, segurando a vela acima da cabeça, até avistar a janela alta situada na grande volta do lance de escadas. Neste momento, dei-me conta de três coisas que me vieram quase simultaneamente, em três clarões distintos. A vela apagou-se com um floreio e, olhando pela janela, percebi que a claridade débil do alvorecer tornava-a desnecessária. No instante seguinte, notei que havia alguém na escada. Estou narrando os fatos em sequência, mas, antes que o próximo instante chegasse, eu já me preparara para um terceiro encontro com Quint. A aparição subira os degraus até o patamar, e assim encontrava-se no ponto mais próximo à janela, onde, ao me ver, deteve-se e fixou o olhar em mim da mesma forma que me tinha encarado da torre e do jardim. Conhecia-me tão bem quanto eu a ele; e, assim, naquela aurora fria e tênue, com o brilho da vidraça e o polimento dos degraus em carvalho, lá embaixo, observávamos com uma agudeza compartilhada. Nesta ocasião ele era uma presença viva, abominável e perigosa. Ah, mas isso não era o mais incrível de tudo – este título eu o reservo para outra circunstância: a circunstância de que o pavor abandonara-me por completo, e eu o enfrentava e estudava com todo o meu ser.

Mais tarde fiquei muito angustiada, mas, graças a Deus, na hora eu não me apavorei. E ele percebia – em seguida tive essa revelação cabal. Senti, com uma confiança inabalável, que, se eu resistisse por apenas mais um segundo, não seria mais necessário lidar com ele – pelo menos naquele instante; e, durante um segundo, como era de se esperar, aquela coisa foi tão humana e horrível como um encontro de verdade: horrível justamente por *ser* humano, tão humano quanto seria encontrar, sozinha, na madrugada, algum inimigo, um aventureiro ou um criminoso. Era o silêncio mortal de nossos olhares, a uma distância tão curta, que proporcionava todo o horror – imenso como era –, única coisa de sobrenatural que havia. Mesmo que eu encontrasse um assassino num lugar e numa hora daquelas, sei que teríamos pelo menos conversado. Algo teria se passado entre nós dois em vida; se nada acontecera, um de nós teria se mexido. O tempo passava tão devagar que eu não precisaria de muito para me fazer duvidar de que *eu* estivesse viva. Não sei como descrever o que se passou a seguir; só sei que o silêncio – que era na verdade uma forma de exhibir minha força – foi o elemento em que vi sua figura desaparecer; o elemento em que claramente a vi dar a volta, como se visse o desgraçado que aquilo outrora fora dar a volta ao receber uma ordem e – com meus olhos cravados em sua corcunda disforme – descer a escadaria para adentrar a escuridão em que a curva seguinte perdia-se.

Permaneci no alto da escada, mas senti de imediato que, quando o visitante se fora, ele se fora: e assim voltei ao quarto. A primeira coisa que vi, iluminada pela chama da vela que eu deixara acesa, foi que a cama de Flora estava vazia; quase não consegui respirar diante de tamanho horror, que havia cinco minutos eu resistira. Precipitei-me em direção ao lugar onde a deixara dormindo, sobre o qual (uma vez que a pequena colcha de seda e os lençóis estavam desarrumados) as cortinas brancas haviam sido astuciosamente esticadas; e então, para meu alívio, um som respondeu ao barulho de meus passos: percebi um movimento entre as cortinas, e a garotinha rosada, que estava de cócoras, emergiu pelo outro lado. Ficou parada, muito terna e pouco coberta por sua camisola, com seus pezinhos rosados e o brilho louro dos cachos. Flora parecia muito séria, e nunca senti de forma tão aguda que eu perdia uma vantagem recém-obtida (e tão pródiga de emoções fortes) como quando ela me dirigiu uma censura.

– Sua malcomportada! Onde é que você estava?

Em vez de repreender esse desvio, senti-me acusada e tratei de me explicar. Flora também se explicou, com uma simplicidade adorável. Disse que, enquanto estava deitada, percebeu minha ausência e saltou da cama para ver o que acontecera comigo. Com a alegria do reencontro, desabei novamente em minha cadeira – e agora, somente agora, sentia-me um pouco fraca; Flora correu a passos miúdos em minha direção e arrojou-se-me ao colo; a chama da vela iluminava em cheio seu lindo rostinho, ainda corado pelo sono. Lembro-me de ter fechado os olhos por um instante, em uma entrega, em uma consciência de estar na presença de um excesso de beleza que irradiava daquele azul.

– Você estava me procurando lá fora? – perguntei à pequena Flora. – Achou que eu estivesse andando pelo pátio?

– Bem, eu achei que tinha alguém lá – ela me disse sorrindo, com as faces ainda ruborizadas.

Ah, como eu a olhava nesse instante!

– E você viu alguém?

– Ah, *não!* – voltou a resposta quase ressentida, desfrutando do privilégio da inconsequência infantil, ainda que sua forma arrastada de pronunciar essa negativa fosse amável.

Naquele instante, em meu estado de nervos, tive certeza absoluta de que ela mentia; e, se fechei os olhos por mais uma vez, foi para protegê-los do clarão emanado pelas três ou quatro formas possíveis de interpretar a resposta. Em dado momento, uma delas exerceu tanta atração sobre mim que, para resistir, estreitei a garotinha em meus braços com um espasmo que, não sei como, ela recebeu sem gritar ou assustar-se. Por que não acabar com tudo aquilo ali mesmo – falar tudo de uma vez por todas para aquele rostinho amável e sorridente? “Bem, bem, você *sabe* que acredita e que eu mesma já começo a suspeitar que acredito; assim, por que você não se confessa? Ao menos poderíamos conviver com isso e aprender, talvez, com essa fatalidade do destino, onde é que estamos e o que isso significa.” Ai de mim, o pedido foi-se como veio: se eu tivesse sucumbido de imediato, teria me poupado de – bem, o leitor verá do quê. Em vez de sucumbir, pus-me mais uma vez de pé, olhei para a caminha e optei por uma solução intermediária.

– Por que você quis me fazer pensar que ainda estava ali, cobrindo a cama com as cortinas?

Flora ficou pensativa; após alguns instantes, deu um sorriso divino:

– Porque eu não queria assustar você!

– Mas você não achava que eu tinha saído...?

Flora não se deu por vencida; voltou o olhar para a chama da vela como se o questionamento fosse algo irrelevante, ou ao menos impessoal; algo sobre os livros didáticos escritos por Jane Marcet ou sobre quanto era nove vezes nove.

Ela respondeu:

– Ora, é que você podia entrar de novo no quarto, e entrou mesmo!

Dali a mais um pouco, quando ela retornou para a cama, segurei sua mãozinha por muito tempo: postei-me tão próxima a Flora que quase a amassava, para provar que eu reconhecia a importância da minha volta.

Não é difícil imaginar como, depois disso, eu passava minhas noites. Seguido eu ficava acordada até perder a conta das horas; escolhia momentos em que minha pequena colega de quarto dormia e esgueirava-me porta afora; em silêncio eu dava voltas pelo corredor, que às vezes se estendiam até o ponto onde eu encontrara Quint pela última vez. Mas nunca o encontrei lá novamente; e posso dizer desde já que em nenhuma outra oportunidade o vi pela casa. Por outro lado, eu ainda teria uma segunda aventura no lance de escadas. Lá do topo, ao olhar para baixo, percebi a presença de uma mulher sentada num dos degraus inferiores, de costas para mim, com o corpo recurvado e o rosto entre as mãos, em uma atitude pesarosa. Eu mal a avistara, entretanto, e ela desapareceu sem ao menos olhar na minha direção. Mesmo assim, eu conhecia as terríveis feições que me teria mostrado; e fiquei pensando se, ao invés de estar em cima eu estivesse embaixo, eu teria, para subir, a mesma coragem que eu mostrara frente a Quint. Bem, mas as ocasiões para demonstrar coragem foram várias. Depois do encontro

mais recente com o *gentleman*, na undécima noite – eu as contava agora –, fiquei tão alarmada que só a custo me contive, e, de fato, por sua qualidade imprevisível, a ocasião foi um choque em cheio – mostrou ser o impacto mais violento que eu sentira. Era a primeira noite dessa série em que, extenuada e com sono, senti que eu poderia, sem lassidão de minha parte, deitar-me à hora costumeira. Adormeci de imediato e, como fui saber mais tarde, dormi até a uma da madrugada; mas quando acordei, postei-me ereta no sofá, completamente desperta, como se a mão de alguém me houvesse balançado. Eu havia deixado uma vela acesa, mas agora ela estava apagada, e de imediato tive a certeza de que fora Flora que a apagara. Assim, pus-me de pé e, no escuro, dirigi-me direto à sua caminha, onde ela não estava. Bastou um olhar na direção da janela para me aclarar o ocorrido, e o acender de um fósforo completou o quadro.

Flora havia outra vez deixado a cama – apagara a vela e, outra vez, no intuito de observar ou de responder, encolhera-se atrás da cortina, de onde espiava a noite lá fora. O fato de que ela agora via – pois, naquela outra ocasião, eu me convencera de que Flora não via – ficou comprovado no momento em que percebi que ela não se distraiu quando reacendi a vela nem quando me apressei para vestir alguma roupa e pôr minhas pantufas. Escondida, protegida, absorta, era evidente que ela estava no parapeito – os batentes estavam abertos – em uma entrega total. A lua, enorme e silenciosa, contribuía para o transe, e levei o fato em conta ao tomar minha decisão. Flora estava agora cara a cara com a aparição que encontráramos no lago, e comunicava-se com ela, o que na outra ocasião não fora possível. Quanto a mim, o que eu tinha de fazer era, sem perturbar a garotinha, dirigir-me, pelo corredor, até alguma outra janela que desse para o mesmo lado do pátio. Sem que Flora me ouvisse, alcancei a porta do quarto; saí, fechei-a e fiquei escutando, já do outro lado, para ver se ouvia algum som. Uma vez parada no corredor, meu olhar dirigiu-se à porta do quarto do irmão, a menos de três metros de distância, o que renovou em mim aquele estranho impulso a que me tenho referido como “minha tentação”. E se eu entrasse ali e fosse até a janela *dele?* – E se, arriscando fazer a revelação dos meus motivos à sua perplexidade pueril, os laços de meu atrevimento caíssem sobre o resto do mistério?

Nesse estado de espírito, atravessei o corredor em direção à porta e novamente me detive. Sobrenaturalmente, eu escutava; fantasiava sobre as coisas inacreditáveis que poderiam acontecer; imaginava se a cama de Miles também estaria vazia, se ele também velava em segredo. Foi um instante profundo e silencioso, mas no fim faltou-me o ímpeto. Miles estava em silêncio; talvez fosse inocente; o risco era muito alto; voltei atrás. Havia alguém no entorno – uma figura que espreitava, o visitante que se unia a Flora; mas não era este quem se ocupava do meu garoto. Hesitei mais uma vez, mas em torno de outras ideias, e por poucos segundos; então tomei minha decisão. Havia aposentos desocupados em Bly, e bastava escolher o certo. O certo apresentou-se de súbito como sendo o mais baixo – ainda que ficasse acima dos jardins – naquele recanto robusto a que já me referi como “a antiga torre”. Era um aposento espaçoso e quadrado, um quarto decorado com pompa, cujas dimensões extravagantes tornavam-no tão inconveniente que, por anos, ainda que a sra. Grose o mantivesse em perfeitas condições, ninguém o ocupava. Por muitas vezes eu o tinha admirado, e já o conhecia bem; tudo o que precisei fazer foi, após hesitar ante a melancolia gélida daquele abandono, atravessar o quarto e destrancar, no maior silêncio possível, um dos batentes da janela. Assim que o fiz, descerrei o vidro sem um ruído e, ao aplicar o rosto contra o caixilho, pude ver – a escuridão no lado de fora era muito menor do que no lado de dentro – que tomara uma decisão acertada. Então vi algo mais. A lua tornava a noite penetrável ao olhar e iluminava, no gramado, uma pessoa, que, diminuída pela distância, estava parada, imóvel, fascinada, e olhava para cima, onde eu estava – isto é, olhava não diretamente para mim, mas para algo acima de mim. Estava claro que havia alguém acima de mim – havia alguém na torre; mas a presença no gramado não era de forma alguma o que eu imaginara; eu não me apressara, confiante, para encontrar *aquela* pessoa. A presença no gramado – senti náuseas ao percebê-lo – não era senão o pequeno Miles.

Fui falar com a sra. Grose só no dia seguinte, já tarde; o rigor que eu me impunha para não perder meus discípulos de vista dificultava nossas conversas particulares, ainda mais à medida que sentíamos a importância de não despertar – nem nos criados e nem nas crianças – qualquer tipo de exaltação secreta ou de conversa misteriosa. Senti-me aliviada quando percebi o aspecto tranquilo da sra. Grose. O frescor de sua face não denunciaria aos outros minhas terríveis confissões. Ela acreditava em mim, e disso eu tinha total certeza: se ela não me acreditasse, não sei o que teria sido feito de mim, pois aquele fardo era pesado demais para que eu o carregasse sozinha. Mas ela era um legítimo monumento comemorativo à falta de imaginação, e se, nos pequenos, ela não via nada além da beleza e do encanto, da alegria e da esperteza das crianças, tampouco teria comunicação com as fontes do meu problema. Se as crianças estivessem visivelmente abatidas ou definhadas, desabrocharia na sra. Grose um grande pesar solidário; mas, da forma como tudo estava, eu podia sentir que ela dava graças à misericórdia do Senhor enquanto, com seu olhar sereno e de braços cruzados, observava as crianças, pensando que, caso elas estivessem arruinadas, ao menos seus escombros ainda teriam alguma serventia. Os voos alçados pelos devaneios da sra. Grose deram lugar a um lume, como o de uma lareira, e eu comecei a perceber que – à medida que o tempo passava sem nenhum incidente – ela se convencera de que aquelas duas coisinhas tão jovens eram capazes de cuidar de si mesmas; assim, as solitudes da sra. Grose eram empregadas no triste caso da governanta. Em uma simplificação condigna da situação: eu jurava que meu rosto não contaria histórias para o mundo, mas, naquelas circunstâncias, angustiar-me com as da sra. Grose seria um pesar imenso.

Naquela hora ela me havia encontrado, por minha insistência, no terraço, onde, com o passar da estação, o sol da tarde já estava mais agradável; sentamo-nos enquanto, diante de nós – ao longe, mas a uma distância de onde nos escutariam, caso as chamássemos –, as crianças passeavam docilmente para lá e para cá. Moviam-se com vagar, em uníssono, lá embaixo, no gramado, enquanto o garoto lia um livro de histórias em voz alta e cingia a irmã com o braço para mantê-la próxima a si. A sra. Grose observava-os com patente placidez; então flagrei o momento em que ela, ciosa, com um ranger intelectual disfarçado, voltou-se para ver em mim o avesso da tapeçaria. Eu fizera dela um receptáculo de coisas lúgubres, mas, de uma forma estranha, ela reconhecia minha superioridade – meus feitos e meu dever – em sua paciência sob meu padecer. Ofereceu sua mente às minhas revelações da mesma forma que teria segurado um caldeirão limpo, caso eu a convidasse para fazer uma poção de bruxa. Essa foi a atitude adotada pela sra. Grose quando, durante meu relato dos eventos ocorridos naquela noite, contei-lhe o que Miles me dissera no instante em que, após vê-lo, a uma hora monstruosa daquelas, quase no mesmo lugar em que ele agora estava, desci as escadas para fazê-lo entrar novamente; naquele momento, da janela, optei por esse método em vez de algum sinal mais soante, pois não desejava alertar a casa. Enquanto isso, eu já lhe deixara claro que havia pouca chance de eu conseguir reproduzir, mesmo para uma ouvinte sensível como ela, a legítima sensação de esplendor com que, depois de ser levado novamente para a casa, o garoto enfrentou meu desafio verbal. Assim que apareci sob o luar, no terraço, ele veio em minha direção; tomei-lhe a mão sem dizer uma palavra e conduzi-o, na penumbra, até o topo da escada onde Quint havia pairado à sua espera, através do corredor onde eu escutara e tremera, e então ao quarto abandonado.

Durante o caminho, nenhum som passou entre nós, e eu imaginava – ah, e com que intensidade! – se Miles, em pensamento, apegava-se a algo plausível e não muito grotesco. Sua invenção pagaria um certo preço por isso, com certeza, e desta vez senti, diante de seu desconcerto, um curioso sentimento de triunfo. Era uma boa armadilha para o inescrutável! Miles já não poderia mais se passar por inocente; então como, diacho, ele se livraria daquilo? De fato, com o fervoroso pulsar da questão, eu também me perguntava em silêncio como, diacho, *eu* o faria. Por fim confrontei-me, como nunca dantes, com todos os riscos que o soar de minha terrível nota envolvia. Na verdade, lembro-me, enquanto nos enfiávamos para dentro de seu quatinho, onde a cama ainda estava arrumada e a janela filtrava o luar, tão intenso que sequer seria necessário acender um fósforo – lembro-me de me ter prostrado, afundado na beira da cama, tomada pela ideia de que Miles tinha consciência de que me “possuía”, como se costuma dizer. Enquanto eu estivesse entregue à velha tradição criminosa dos responsáveis pelos mais jovens que recorrem a superstições e temores, Miles poderia, ajudado por sua astúcia, fazer o que bem entendesse. Ele me “possuía” por completo – me dominara; como escapar ao destino do enforcado se, através do menor tremor de uma abertura, eu introduzisse em nossas perfeitas relações um elemento tão vil? Não, não; foi inútil tentar convencer a sra. Grose, e é só um pouco menos inútil tentar convencer outra pessoa, do quanto, em suma, durante aquele desajeitado encontro às escuras, Miles fez-me estremecer de admiração. Claro que fui muito gentil e piedosa; jamais, jamais eu tocara seus pequenos ombros com mãos tão gentis quanto as que, enquanto eu repousava de encontro à cama, seguravam-no diante dos ataques. Não tive outra alternativa senão dar a impressão de que fora Miles quem me fizera mal.

– Agora me conte... e me conte a verdade. Por que você saiu? O que você estava fazendo lá?

Ainda vejo o sorriso maravilhoso, a brancura dos lindos olhos brilharem para mim no alvorecer:

– Se eu contar, você promete entender? – O coração subiu-me à boca. Então ele *finalmente* me contaria? O som

abandonou meus lábios, e só dei conta de responder com um aceno de cabeça vago e repetido e com um ricto. Miles era a própria encarnação da gentileza, e, enquanto eu assentia com a cabeça, ele me pareceu, mais do que nunca, um pequeno príncipe encantado. Seu brilho me fazia sentir alívio. Será que seria tão bom assim se ele me contasse? – Bem – ele começou –, justamente para que você fizesse isso.

– Isso o quê?

– Imagine, para variar, que eu sou *mau*!

Nunca esquecerei da doçura e da alegria com que ele pronunciou essa palavra nem de como, ainda por cima, se inclinou para a frente e me beijou. Foi praticamente o fim de tudo. Retribuí o beijo e, ao estreitar Miles em meus braços, tive de fazer um tremendo esforço para conter o choro. A explicação que ele oferecera de si mesmo era a que menos me permitia ver-lhe o avesso, e, quando falei, foi somente para confirmar que eu a aceitava.

– Então você nem tirou a roupa?

Ele brilhava no breu.

– Não tirei nada. Fiquei sentado, lendo.

– E quando foi que você desceu?

– À meia-noite. Quando eu sou mau, eu sou *mau*!

– Sim, estou vendo; é um verdadeiro encanto. Mas como você sabia que eu ia ver?

– Ah, isso eu combinei com Flora. – As respostas de Miles vinham tão rápidas! – Combinei que Flora ia se levantar e olhar para fora.

– Foi isso mesmo o que ela fez.

Eu mesma caíra na armadilha!

– Então ela perturbou você, e, para ver o que ela estava olhando, você também olhou... e viu.

– E enquanto isso você ficava lá fora, morrendo de frio!

Ele literalmente vicejou diante do comentário, a ponto de concordar, radiante:

– Mas de que outro jeito eu poderia ser mau o suficiente?

Então, após um outro abraço, o incidente e nosso encontro fecharam com o meu reconhecimento das reservas de bondade de que, para fazer a brincadeira, ele se valera.

Repito que, já pela manhã, sob a luz matinal, não tive êxito ao apresentar minha impressão peculiar à sra. Grose, mesmo quando mencionei um outro comentário que Miles fizera. Expliquei:

– Tudo se resume a meia dúzia de palavras... para encerrar o assunto. “Imagine só o que eu *poderia* fazer!” Foi isso que Miles me disse, para mostrar quem ele é. Ele sabe muito bem o que ele “poderia” fazer. E o que ele fez foi dar um gostinho disso ao pessoal da escola.

– Deus, a senhorita não se decide!

– Não é isso: estou apenas descobrindo. Aqueles quatro, você pode ter certeza, estão sempre se encontrando. Se você passasse uma noite com uma das crianças, iria me entender. Quanto mais eu observava e esperava, mais eu sentia que, caso não houvesse mais nenhuma prova disso, o silêncio sistemático das crianças bastaria. *Nunca*, nem por um deslize, eles fizeram um comentário que fosse a respeito de nenhum de seus velhos amigos, e Miles também não falou nada sobre sua expulsão. Claro que podemos ficar aqui sentadas, olhando, e pode até parecer que os dois estão fazendo a parte deles; mas, mesmo quando fingem estar num conto de fadas, eles estão, na verdade, imersos em uma visão dos mortos ressuscitados. Miles não está lendo para Flora; os dois estão falando sobre *eles*: falando horrores! Sei que estou agindo como se estivesse louca, e é um milagre que eu não esteja. As coisas que vi teriam enlouquecido você; mas eu fiquei ainda mais lúcida, compreendi outras coisas.

Minha lucidez deve ter causado uma impressão terrível, mas as adoráveis criaturas que ela vitimava, passando para lá e para cá, em um doce abraço, davam à sra. Grose algo a que se aferrar; e senti o quão firme ela se aferrava a isso quando, sem nenhuma comoção de meu furor, ela cobriu as crianças com o olhar.

– Que outras coisas a senhorita compreendeu?

– Ora, justamente as coisas que me têm encantado, fascinado, e que, agora me dou conta, no fundo também me perturbam e me transtornam. Essa beleza sobre-humana deles, a bondade sublime. É tudo um jogo, um fingimento e uma enganação!

– A senhorita está dizendo que os pequenos...?

– Sim, ainda que isso pareça loucura! E mesmo eles sendo duas crianças adoráveis!

Pôr isso para fora ajudou-me a seguir adiante e juntar todas as peças do quebra-cabeça. Continuei:

– Eles não são bonzinhos: são apenas ausentes. É muito fácil conviver com eles, porque eles têm uma vida à parte, só deles. E eles não pertencem a mim nem a você. Pertencem a ele e a ela!

– A senhorita quer dizer a Quint e àquela mulher?

– A Quint e àquela mulher. Os dois estão atrás deles.

Ah, como a sra. Grose parecia estudá-los quando eu disse isso!

– Mas para quê?

– Por amor a todo o mal que, naquela época horrenda, o casal instilava neles. E nutri-los com o mal, continuar o trabalho de demônios: é isso o que os faz retornar.

– Credo! – disse minha amiga, em um suspiro. A exclamação foi espontânea, mas demonstrava a aceitação de mais uma prova do que deve ter acontecido na pior época... se é que houve alguma época pior do que essa! Para mim, não poderia haver justificativa maior do que o consentimento explícito da experiência da sra. Grose com as depravações indecifráveis que eu atribuí a aquela parelha de canalhas. Após um instante a sra. Grose acrescentou, cedendo à sua memória:

– Eles eram dois patifes, sim! Mas o que eles podem fazer, agora?

– Fazer? – Repeti tão alto que Miles e Flora, que passavam ao longe, interromperam o passeio por um instante para nos olhar. – Mas eles já não fazem o suficiente? – Fiz a pergunta em um tom mais baixo, quando as crianças, depois de nos terem sorrido, acenado e mandado beijos, retomaram o passeio. Isso nos ocupou por um instante; então continuei: – Eles podem destruí-los! – Ao ouvir isso, minha colega se voltou de fato, e, em silêncio, solicitou que eu prosseguisse; isto teve o efeito de me tornar mais explícita:

– Agora eles ainda não sabem direito como; mas estão tentando com afinco. Parece que são vistos apenas de través, e além: em lugares esquisitos e altos, no topo de torres, na margem mais distante de lagos; mas há um projeto profundo, de ambos os lados, para encurtar a distância e vencer o obstáculo; e só é preciso algum tempo para os provocadores conseguirem o que querem. Tudo o que eles precisam fazer é continuar sugerindo algum perigo.

– Para as crianças virem?

– E morrerem tentando! – Devagar, a sra. Grose pôs-se de pé, e acrescentei com diligência: – A não ser, é claro, que nós possamos impedir!

Era visível que, enquanto ficava em pé à minha frente, ela voltava os pensamentos ao assunto que discutíamos.

– O tio deles precisa fazer alguma coisa. Temos que tirar as crianças daqui!

– E quem vai convencê-lo?

A sra. Grose estivera perscrutando o horizonte, mas neste momento ela me olhou com uma expressão abobalhada.

– A senhorita mesma.

– Vou escrever dizendo que a casa está envenenada e que o sobrinho e a sobrinha estão loucos?

– Mas e se eles *estão*, senhorita?

– Ah, se *eu* estou, é isso que você está querendo dizer? Que maravilha seria mandar uma notícia dessas para ele;

justamente uma governanta encarregada de não dar nenhuma preocupação!

A sra. Grose ficou pensativa e seguiu as crianças mais uma vez com o olhar.

– É, ele odeia preocupação. E é por isso mesmo que...

– Que aqueles demônios o enganaram tanto tempo? Acredito, mas a indiferença dele deve ter sido terrível. De qualquer jeito, não sou um demônio; não vou enganá-lo.

A resposta de minha amiga veio após um instante; sentou-se, agarrou meu braço e disse:

– Dê um jeito dele vim falar com a senhorita.

Fitei-a.

– *Comigo? Ele?*

Tive medo do que a sra. Grose pudesse fazer.

– Ele tinha que estar aqui... tinha que ajudar.

Levantei-me, ligeira, e acho que devo ter parecido mais esquisita do que nunca.

– Você consegue me imaginar solicitando a ele uma visita?

Não; pela maneira como a sra Grose me olhava, era evidente que não. Na verdade, o que ela via em vez disso – da forma que só uma mulher é capaz de ler a outra – era a zombaria, o escárnio, o desprezo do tio pelo colapso de minha resignação a ficar sozinha e pelo colapso do delicado mecanismo que eu pusera em movimento para atrair sua atenção a meus encantos menosprezados. A sra. Grose não sabia – não mais do que qualquer outra pessoa – quanto orgulho eu sentia em servi-lo e em cumprir nosso acordo; mas creio que, de qualquer modo, ela compreendeu a gravidade do aviso que eu lhe dei:

– Se você perder a cabeça a ponto de chamá-lo por minha causa...

Ela ficou muito assustada.

– Sim, senhorita?

– Na mesma hora eu abandono vocês dois.

Era muito bom juntar-me a eles, mas falar-lhes era, como sempre, um esforço além das minhas forças – apresentava, no confronto direto, dificuldades tão insuperáveis quanto antes. A situação continuou por um mês, com novos agravos e notas peculiares; a nota predominante, mais e mais aguda, era a da pequena consciência de ironia por parte de meus discípulos. Não se tratava – e disso tenho tanta certeza hoje quanto tinha então – apenas de minha imaginação infernal: era visível que eles percebiam meu dilema, e que este estranho relacionamento, de certa forma, por um longo tempo, compunha o ar em que nos movíamos. Não digo que estivessem de brincadeira nem que fizessem qualquer coisa de vulgar, pois esses eram perigos que eles não representavam: o que digo é que, por outro lado, o elemento inominado e intocado tornou-se, entre nós, maior do que qualquer outro, e que tanta evasão não podia ser levada a cabo sem uma quantia considerável de acordos tácitos. Em alguns momentos, era como se perpetuamente assomassem diante de nós assuntos ante os quais nos detínhamos e voltávamos, ao perceber que tomáramos o caminho errado, fechando, com um pequeno estalo que nos fazia olhar uns para os outros – pois, como qualquer estalo, fazia mais barulho do que o desejado –, as portas que indiscretamente abríamos. Todos os caminhos levam a Roma, e havia horas em que todas as áreas do conhecimento e assuntos de diálogo pareciam contornar território proibido. Território proibido era a questão da volta dos mortos em geral e, em especial, de qualquer coisa que pudesse sobreviver, na memória, dos amigos que as criancinhas haviam perdido. Em algumas ocasiões eu poderia jurar que um deles, com um cutucão discreto e imperceptível, tinha dito ao outro: “Ela acha que dessa vez vai conseguir – mas *não vai!*”. “Conseguir” seria, por exemplo, surpreender – de certo modo, de uma vez por todas – alguma referência direta à senhora que os havia preparado para a minha disciplina. Eles tinham um apetite encantador – insaciável – por passagens de minha própria história, que eu amiúde lhes fornecia; estavam de posse de tudo o que já me acontecera; receberam, com todos os detalhes, a história de minhas menores aventuras e das de meus irmãos e irmãs e do cachorro e do gato lá de casa, tal como inúmeras minúcias sobre a personalidade excêntrica de meu pai, sobre a mobília e a organização de nossa casa e sobre as conversas das senhoras em nosso vilarejo. Juntando tudo isso, havia o suficiente para prostrar; bastava agir rápido e saber, por instinto, quando mudar de assunto. Eles tinham um jeito próprio de puxar-me os fios da imaginação e da memória; e, talvez, mais tarde, ao pensar nessas ocasiões, nada mais despertasse com tanta intensidade a suspeita de que eles me espreitavam às escondidas. Afinal, só ficávamos como que à vontade ao falar da *minha* vida, do *meu* passado e dos *meus* amigos; uma circunstância que por vezes os levava a irromper em lembranças de cunho social. Pediam-me – sem razão aparente – para repetir mais uma vez o celebrado lema de Goody Gosling, ou para confirmar detalhes já fornecidos sobre a esperteza do pônei do vicariato.

Foi um pouco nessas conjunturas, um pouco em outras bem diferentes que, com a volta que minhas preocupações haviam dado, meu dilema – pois foi assim que o chamei – tornou-se mais sensível. O fato de os dias passarem-me sem mais um encontro deveria, como pode parecer, ter feito algo no sentido de acalmar meus nervos. Desde o fugaz encontro, na segunda noite, no andar superior, com a presença de uma mulher ao pé da escadaria, eu não vira nada, quer dentro ou fora da casa, que fosse melhor não ter visto. Havia diversos cantos onde eu esperava encontrar Quint, e muitas situações que, de forma meramente sinistra, teriam propiciado a aparição da srta. Jessel. O verão voltara, o verão se fora; o outono havia se abatido sobre Bly e extinguiu metade de nossas luzes. O lugar, com o céu cinzento e flores murchas nas guirlandas, espaços nus e folhas mortas espalhadas, parecia um teatro ao fim da apresentação – todo coberto por bilhetes amarrotados. Havia certas características no ar, condições de som e silêncio, indizíveis sensações de um *tipo* de instante insólito, que me faziam experimentar, por tempo bastante para o ter mais uma vez, o sentimento da atmosfera em que, naquele entardecer de junho, ao ar livre, eu tivera a primeira visão de Quint, e em que, também, naqueles outros instantes, eu, depois de vê-lo pela janela, tinha-o procurado nas moitas. Reconheci os sinais, os augúrios – reconheci o momento, o local. Mas estes permaneciam desacompanhados e vazios, e eu me mantinha serena; se é que se pode chamar de serena uma jovem cuja sensibilidade não diminuía, mas – o que era muito extravagante – aprofundara-se. Durante a conversa com a sra. Grose sobre a terrível cena protagonizada por Flora, no lago, eu lhe havia dito – e com isso a deixei perplexa – que, daquele momento em diante, seria deveras mais penoso abrir mão de meu poder do que mantê-lo. Na ocasião, expressei o que se passava com vivacidade em meus pensamentos: a verdade de que, se as crianças viam ou não – uma vez que, em outras palavras, isto ainda não estava provado –, eu preferia imenso, como medida de segurança, a totalidade de minha própria exposição. Eu estava pronta para saber o pior que se pudesse saber. Aquilo que eu por um instante vislumbrara era que meus olhos podiam estar cerrados, enquanto os deles estavam tão abertos quanto possível. Bem, o que parecia era que meus olhos *estavam* cerrados naquele momento – uma consumação pela qual parecia uma blasfêmia não agradecer a Deus. Havia, aí de mim, uma dificuldade quanto a isso: eu teria agradecido com toda a minha alma se eu não estivesse, em boa medida, convicta do segredo de meus discípulos.

Como refazer hoje os estranhos passos de minha obsessão? Juntos, passamos momentos em que eu poderia jurar que,

literalmente, na minha presença, mas vedado à minha percepção, eles recebiam visitas conhecidas e desejadas. Foi neste ponto que, não fosse pela chance de este dano mostrar-se maior do que o dano a ser evitado, minha exaltação teria transbordado. “Eles estão aqui, estão aqui, seus pestinhas, e agora vocês não podem negar!”, eis o que eu teria gritado. Os pestinhas negavam aumentando o volume de sua delicadeza e sociabilidade, em cujas profundezas cristalinas – como o brilho de um peixe no córrego – a zombaria de sua vantagem espiava. O choque, na verdade, foi ainda mais fundo do que eu imaginara quando, ao procurar por Quint ou pela srta. Jessel sob as estrelas, discerni o garoto cujo descanso eu velava e que de imediato trouxe consigo, para dentro da casa – e lá, no mesmo instante, voltou-o a mim – o adorável olhar altaneiro com que, do ameado sobre minha cabeça, a hedionda aparição de Quint se apresentava. Se o caso era de susto, minha descoberta, dessa vez, assustou-me como nunca, e foi sob a influência do estado de nervos resultante que fiz minhas induções. Sentia-me tão atormentada que, às vezes, em instantes peculiares, trancava-me para, de forma audível, poder ensaiar – o que era ao mesmo tempo um alívio fantástico e uma renovação do desespero – a maneira de abordar o tema. Abordava-o por um lado e pelo outro, enquanto, em meus aposentos, precipitava-me para todo lado; mas eu sempre descaía na monstruosa evocação de nomes. Quando estes expiravam em meus lábios, dizia a mim mesma que eu de fato devia estar lhes ajudando a representar algo infame se, ao pronunciá-los, estivesse a violar o mais extraordinário caso de delicadeza instintiva já visto em uma sala de aula. Quando eu dizia a mim mesma: “*Eles* têm os modos para calar-se, e você, mesmo tão creditada, não consegue segurar a língua!”, eu ruborizava e cobria o rosto com as mãos. Depois dessas cenas secretas, eu tagarelava mais do que nunca e prosseguia, volúvel, até que se instaurasse um de nossos prodigiosos e palpáveis silêncios – pois não há outra forma de descrevê-los –, o estranho, vertiginoso alçamento ou nado (tento achar o termo exato!) em uma quietude, uma suspensão da vida, que nada tinha a ver com o barulho que nos distraísse e que eu escutava mesmo em meio a profunda alegria ou a recitações acaloradas ou a ataques mais fortes ao piano. Era nesses momentos que os outros, os intrusos, estavam lá. Mesmo que não fossem anjos, eles “passavam”, como dizem os franceses, e, enquanto lá permaneciam, faziam-me estremecer de medo ao pensar que poderiam endereçar às suas jovens vítimas alguma mensagem ainda mais infernal ou alguma imagem ainda mais vívida do que aquelas que julgavam suficientes para mim.

O mais impossível de abandonar era a ideia cruel de que, não importa o quanto eu visse, Miles e Flora viam *mais* – coisas terríveis e inconcebíveis e cuja origem remontava a monstruosas relações passadas. Tais coisas, como é natural, deixavam na superfície, por algum tempo, um calafrio que negávamos com veemência sentir; e havíamos, os três, graças à repetição, alcançado um treino tal que repetíamos, à marcação do fim do incidente, todas as vezes e de modo quase automático, sempre os mesmos movimentos. Da parte das crianças, em todo caso, chamava a atenção o fato de me beijarem de forma inveterada com uma espécie de descaso selvagem e o fato de nunca abandonarem – nem um nem o outro – a preciosa questão que nos ajudou a enfrentar tantos apuros. “*Quando* você acha que ele vem? Não acha que *deveríamos* escrever?” – com alguma experiência, descobrimos que não havia nada tão eficiente como essa indagação para dissipar qualquer inconveniência. “Ele”, claro, era o tio da Harley Street; e vivíamos envoltos por suposições de que a qualquer momento ele pudesse aparecer para se juntar a nós. Era impossível ter dado menos motivos do que ele dera para incentivar essa doutrina, mas, se não tivéssemos a doutrina para nos apoiar, não teríamos brindado uns aos outros com algumas de nossas melhores apresentações. Ele nunca escrevia para eles – o que pode ter sido egoísta, mas era parte da adulação que sua confiança me proporcionava; pois a forma mais nobre de o homem prestar homenagem à mulher não pode ser outra que não a celebração mais festiva de uma das leis sagradas de seu conforto; e eu julgava ater-me ao espírito do compromisso assumido de não o chamar quando dei a entender aos meus pupilos que as cartas escritas por eles não eram nada além de exercícios de estilo. Eram belas demais para serem enviadas; guardei-as para mim; ainda as tenho. Na verdade, esta era uma regra que só aumentava a comicidade ocasionada por minha suposição de que ele poderia estar a qualquer momento entre nós. Era exatamente como se meus pupilos soubessem que este era o maior inconveniente que eu poderia encontrar. Além disso, ao olhar para trás, parece-me não haver nota mais extraordinária nisso tudo que o fato de eu, apesar da minha tensão e de seu triunfo, nunca ter perdido a paciência com eles. Muito amáveis devem, pois, ter sido – penso hoje – para que eu os não odiasse então! Será que a exasperação, no entanto, caso o alívio fosse adiado por mais tempo, teria me delatado? Pouco importa, pois o alívio chegou. Chamo-o de alívio, ainda que tenha sido apenas um alívio do tipo que o estalo traz à tensão, ou a tempestade a um dia sufocante. Pelo menos era uma mudança, e veio às pressas.

Certo domingo, ao caminhar para a igreja, vinha ao meu lado o pequeno Miles, e eu via sua irmã, mais à frente, ao lado da sra. Grose. Era um dia claro e de céu limpo – o primeiro dia assim nos últimos tempos. A noite trouxera um toque de geada, e o ar outonal, radiante e definido, alegrava os sinos da igreja. Um estranho acidente do pensamento é o que deve ter me acometido para que, em tal situação, eu me alegrasse vividamente ao perceber como meus pupilos eram obedientes. Como eles nunca se ressentiam de minha companhia inexorável, perpétua? Uma coisa ou outra me deu a entender que eu prendera o garoto à barra da minha saia e que, pela forma com que nossas duas companheiras marchavam à frente, podia ter parecido que eu tomava providências quanto a um perigo de rebelião. Eu era como um carcereiro atento a possíveis surpresas e fugas. Mas tudo isso constituía – refiro-me à adorável entrega deles – justamente a gama dos fatos mais abismais. Paramentado com o traje dominical feito pelo alfaiate do tio – que estava com a mão ociosa e entendia um pouco de coletes elegantes e de seus pequenos grandes ares –, o título integral de Miles à independência, aos direitos que lhe pertenciam ao sexo e à posição voltaram a se estampar em seu rosto com tanta intensidade que, se ele de repente resolvesse proclamar sua liberdade, eu não teria nada a dizer. Por um acaso estranhíssimo eu me perguntava como deveria encarar o momento em que a revolução fatalmente ocorresse. Refiro-me a isso como revolução porque agora vejo como, pela forma que ele falou, a cortina ergueu-se para o último ato de minha tragédia e a catástrofe precipitou-se.

– Veja bem, querida, você sabe quando, afinal de contas, eu vou estar na escola de novo? – ele disse de forma encantadora.

A maneira como aqui transcrevo a declaração pode parecer bastante inofensiva, em particular se pronunciada com o tom de voz doce, agudo e casual em que, a todos interlocutores, mas, acima de tudo, à sua eterna governanta, ele atirava entoações como quem atira rosas. Havia algo de “contagante” nelas, e eu, como não poderia deixar de ser, contaguei-me, e assim me detive como se uma das árvores do parque houvesse caído atravessada no meio do caminho. Naquele instante havia, entre nós, algo novo, e ele tinha plena consciência desta minha percepção, mesmo que, a fim de propiciá-la, não precisasse diminuir em nada seu charme e candura usuais. Eu demorei tanto para achar alguma coisa que, em seguida, ele teve tempo suficiente para dar continuidade ao sorriso sugestivo, mas enigmático:

– Querida, você sabe que, para alguém como eu, ficar *sempre* com uma mulher...!

Aquele “querida” estava sempre em seus lábios para mim, e nada mais poderia ter expressado melhor a natureza exata do sentimento que eu desejava inspirar em meus discípulos do que o afago desse afeto. Era respeitosamente muito fácil.

Mas, ah, sinto que agora as palavras me escapam! Lembro-me de que, para ganhar tempo, tentei rir, pensei flagrar no belo rosto que me observava o quão feia e estranha eu parecia.

– E sempre com a mesma mulher? – voltou minha resposta.

Ele não se intimidou, nem sequer piscou. Nossa situação estava praticamente fora de controle.

– Ah, mas claro que ela é uma mulher alegre e “perfeita”; só que eu sou um rapaz, afinal de contas; você não vê? E isso é... isso é crescer.

Fiquei lá junto a ele, imóvel, delicada.

– Sim, você está crescendo.

Ah, o desamparo que senti!

Guardo até hoje esta pequena ideia capaz de partir o coração. Como ele parecia saber, e como brincava com aquilo!

– E você não vai negar que eu fui extremamente bonzinho, vai?

Coloquei a mão em seu ombro, pois, mesmo sabendo que teria sido melhor continuar a caminhada, não consegui fazê-lo.

– Não, Miles, não posso negar.

– A não ser naquela noite, não é mesmo...?

– Naquela noite?

Era-me difícil parecer tão franca quanto ele.

– Ora, na noite que eu descii... saí da casa.

– Ah, sim. Mas esqueci por que você fez aquilo.

– Esqueceu? Ora, foi para mostrar o que eu era capaz de fazer!

Ele falava com a doce extravagância das reprimendas infantis.

– Ah, sim, você mostrou.

– E eu posso fazer de novo.

Achei que, apesar de tudo, talvez eu conseguisse manter a cabeça fria.

– Com certeza. Mas você não vai.

– Não, não *aquilo* outra vez. Aquilo nem foi nada.

– Não foi nada. Mas temos que prosseguir.

Ele retomou a caminhada comigo e passou a mão pelo meu braço:

– Então, quando eu vou retornar?

Enquanto meus pensamentos davam voltas, tentei dar ares de responsável.

– Você se sentia feliz na escola?

– Ah, eu me sinto feliz o suficiente em qualquer lugar.

– Muito bem – minha voz tremulava –, mas se você é tão feliz aqui quanto...!

– Ah, mas isso não é tudo! É claro que *you* sabe muito...

– E você está tentando dizer que sabe quase tanto quanto eu? – arrisquei perguntar durante sua pausa.

– Não sei a metade do que eu queria! – Miles confessou com sinceridade. – Mas não é por isso.

– Então é pelo quê?

– Bem, eu quero ver mais vida.

– Entendo, entendo.

De onde estávamos já era possível avistar a igreja e diversas pessoas, incluindo vários criados de Bly, que se dirigiam até lá e se amontoavam ao redor da porta para nos ver entrar. Apertei nosso passo; queria chegar antes que nosso assunto se desenvolvesse mais; cogitei, faminta, que por mais de uma hora ele teria de ficar em silêncio; pensei com inveja na escuridão relativa do banco da igreja e na ajuda quase espiritual oferecida pelo genuflexório em que eu haveria de dobrar meus joelhos. Eu parecia estar literalmente apostando uma corrida contra a confusão a que ele estava prestes a me reduzir, mas senti que eu havia perdido quando, antes mesmo de adentrarmos o pátio da igreja – o cemitério –, ele disparou:

– Quero estar entre meus semelhantes!

Dei literalmente um salto.

– Você não tem muitos semelhantes, Miles! – e então ri. – A não ser, quem sabe, a pequena Flora!

– Você está mesmo me comparando a uma garotinha?

Essa resposta encontrou-me mais vulnerável do que o normal.

– Mas então você não *ama* a nossa adorável Flora?

– Se eu não amasse... e você também não; se eu não amasse...! – ele repetia como se a tomar distância para dar um salto, mas deixou seu pensamento tão incompleto que, depois de adentrarmos o portão, uma outra parada – que ele me impôs mediante um apertão no braço – mostrou-se inevitável. A sra. Grose e Flora já haviam entrado na igreja, os outros fiéis as seguiram, e, naquele instante, ficamos a sós entre as antigas e largas sepulturas. Ao trilhar o caminho do portão, detivemo-nos ao lado de um túmulo baixo, oblongo, que lembrava uma mesa.

– Sim, se você não a amasse...?

Ele olhou, enquanto eu aguardava, ao redor das sepulturas.

– Ora, você sabe o que aconteceria! – Mas ele não se moveu, e em seguida pronunciou algo que me fez cair de repente sobre a lápide, como se eu fosse descansar. – O meu tio pensa o mesmo que você?

Era visível que eu descansava.

– Como você sabe o que eu penso?

– Ah, bem, claro que eu não sei; afinal, você nunca me conta. Mas *ele* sabe?

– Sabe do quê, Miles?

– Ora, do jeito que eu estou me comportando.

Logo percebi que, a esta questão, eu não poderia dar resposta alguma que não implicasse algum tipo de sacrifício do meu empregador. Mesmo assim, parecia-me que nós todos, em Bly, já fôramos sacrificados o suficiente, e que haveria perdão para este pecado.

– Acho que seu tio não se importa muito.

Ao ouvir isso, Miles pôs-se a me olhar.

– Então você acha que não tem como forçá-lo?

– De que jeito?

– Ora, fazendo-o vir até aqui!

– Mas quem vai fazê-lo vir?

– *Eu!* – disse o garoto com um brilho e uma ênfase extraordinários. Lançou-me outro olhar carregado com aquela expressão e marchou, sozinho, rumo à igreja.

O assunto ficou praticamente resolvido a partir do momento em que não mais o segui. Foi uma entrega penosa à agitação, mas, de alguma forma, estar ciente disso não bastava para me recuperar. Fiquei lá, sentada na minha sepultura, e li no que meu amiguinho dissera a plenitude da mensagem; quando a compreendi na íntegra, eu também havia abraçado, para justificar minha ausência, o pretexto de que eu me envergonharia de dar a meus discípulos e ao resto da congregação tal exibição de atraso. Acima de tudo, eu repetia que Miles tirara algo de mim, e que a prova disso, para ele, seria meu desajeitado colapso. Ele tirou de mim que havia algo me assustando muito, e poderia usar este medo a fim de ganhar mais liberdade para seus desígnios. Meu medo era ter de lidar com a questão intolerável dos motivos para sua expulsão da escola, pois não era outra a questão dos horrores à espreita. Que o tio dele chegasse para tratar desses assuntos comigo era uma solução que, estritamente falando, eu deveria ter desejado engendrar; mas era-me tão difícil encarar a feiura e a dor relacionadas a isto que eu simplesmente adia e continuava minha vida ao sabor da maré. O garoto, para minha profunda preocupação, tinha todo o direito, estava em posição de me dizer: “Ou você resolve com meu guardião o mistério desta interrupção em meus estudos, ou então pode esquecer a ideia de que eu vá passar a seu lado uma vida tão pouco natural para um garoto”. O que era tão pouco natural para o garoto específico que me preocupava era a revelação súbita de uma consciência e de um plano.

Isso foi o que de fato me venceu, o que me impediu de buscar ajuda. Andei ao redor da igreja, hesitante, irresoluta; pensei que, com ele, eu já me havia machucado além de qualquer reparo. Não havia nada que eu pudesse remendar, e seria um esforço demasiado grande tentar espremer-me a seu lado no banco da igreja: ele estaria mais confiante do que nunca ao passar o braço pelo meu e fazer-me ficar lá sentada por uma hora, em um contato íntimo e silencioso com o comentário dele sobre nossa conversa. Foi o primeiro momento, desde sua chegada, em que desejei me afastar. Ao parar embaixo da alta janela leste e escutar os sons de louvor, senti-me tomada de um impulso que, caso eu lhe desse o menor incentivo, teria se apoderado de mim por completo. Seria fácil escapar a esse dilema afastando-me. Eis minha chance; não havia ninguém para me impedir; eu podia desistir de tudo – voltar as costas e partir. Era apenas uma questão de me apressar outra vez até a casa para fazer alguns ajustes; a presença de tantos criados na igreja a teria deixado praticamente desocupada. Ninguém, em suma, poderia deitar-me a culpa caso eu simplesmente apertasse o passo e fosse embora, em desespero. De que me adiantaria partir se eu ficasse afastada só até a hora do jantar? Este seria servido em algumas horas, ao fim das quais – veio-me a nítida previsão – meus pequenos discípulos brincariam de surpreender-se, em sua inocência, com a minha não desapareição da comitiva.

“O que foi que você aprontou, sua pestinha malcomportada? Para que nos deixar preocupados desse jeito – você nos desconcentrou, sabia? E nos abandonou na porta!” Eu não seria capaz de deparar-me com perguntas como essas nem, à medida que me interpelassem, com aqueles adoráveis olhinhos falsos; entretanto, essa era de forma tão exata a situação a enfrentar que, quando o prospecto tornou-se mais nítido, por fim deixei-me levar.

Tomei, dentro das possibilidades imediatas, meu rumo; saí do cemitério sem mais delongas e, muito concentrada, refiz meus passos através do parque. Ao chegar à casa, senti como se eu estivesse decidida a voar. O descanso dominical nos caminhos e no interior, onde não encontrei ninguém, imbuíu-me de um sentimento de oportunidade. Caso eu me afastasse ligeiro, por este caminho, eu me afastaria sem nenhuma cena, nenhuma palavra. No entanto, eu teria de ser um tanto rápida, e a grande questão a resolver era o meio de transporte. Atormentada, no hall, por dificuldades e obstáculos, lembro-me de cair ao pé da escada – de súbito desabei sobre o degrau mais baixo e, com repulsa, recordei-me de que fora exatamente ali onde, mais de um mês atrás, na escuridão noturna, carregada de horrores, eu vira o espectro da mais aterradora das mulheres. Pus-me assim de pé; concluí o trajeto até lá em cima; dirigi-me, ainda atordoada, até a sala de estudos, onde estavam os objetos que eu precisaria pegar. Mas abri a porta apenas para, mais uma vez, em um clarão, descerrarem-me os olhos. Diante do que eu via, minha resistência falhou-me.

Sentada à minha mesa e iluminada pela claridade do meio-dia eu vi uma pessoa que, não fosse por minha experiência prévia, a princípio eu teria tomado por uma empregada que houvesse ficado em casa para tomar conta das coisas, e que, aproveitando-se do atípico alívio na vigilância, da mesa de estudos e de minhas canetas, entregara-se ao esforço considerável de escrever uma carta para seu amado. Percebia-se um certo esforço na forma como, enquanto os braços repousavam sobre a mesa, as mãos, com evidente cansaço, sustinham a cabeça; mas no instante em que assimilei a imagem eu já me dera conta de que, mesmo após eu entrar, a atitude dela estranhamente persistia. Foi então – no ato de anunciar-se a si mesma – que sua identidade aclareou-se com uma mudança de postura. Ela pôs-se em pé, não como se me tivesse ouvido, mas com uma grandiosa e indescritível melancolia repleta de indiferença e despreendimento, e, a quatro metros de mim, quedou-se imóvel em sua condição de vil predecessora. Desonrada e trágica, punha-se inteira à minha frente; mas, mesmo enquanto eu a fixava e tentava gravá-la em minha memória, a horrenda imagem expirou. Negra como a meia-noite no vestido escuro, na beleza tétrica e na dor inefável, ela olhara para mim por tempo suficiente para dar a impressão de afirmar que tinha o direito legítimo de

sentar-se à minha mesa, assim como eu tinha o de sentar-me à sua. Enquanto esses instantes duraram, de fato sobreveio-me um calafrio sobrenatural causado pela impressão de que eu era a intrusa. Foi em um protesto selvagem que, dirigindo a ela um “Mulher terrível e desgraçada!”, ouvi-me produzir um som que, através da porta aberta, ecoou pela extensão do longo corredor e pelo vazio da casa. Ela olhou para mim, como se me ouvisse, mas eu me recompus e purifiquei o ar. No instante seguinte, nada havia no recinto afora a luz do sol e um sentimento de que eu deveria ficar.

Eu tinha tanta expectativa de que a volta de meus discípulos seria marcada por alguma demonstração que fiquei mais uma vez desapontada por ter de levar em conta seu mutismo quanto à minha ausência. Em vez de protestarem e acariciarem-me, alegres, não fizeram nenhum comentário a respeito de meu sumiço, e o que me restou, naquela hora, ao perceber que ela também não dizia nada, foi estudar o estranho semblante da sra. Grose. Meu intuito era ter certeza de que eles haviam de alguma forma comprado aquele silêncio; um silêncio que, todavia, eu me dedicaria a quebrar na primeira ocasião a sós com minha amiga. Esta ocasião deu-se antes do chá: franqueei cinco minutos com ela, em seu quarto, onde, no crepúsculo, envolto no aroma de pão recém-assado, mas com o recinto limpo e bem-decorado, encontrei-a recostada, em um sossego sofrido diante do fogo. Ainda a vejo nessa pose, e é assim que melhor a vejo: de sua cadeira, dirigia o olhar às chamas no aposento crepuscular e reluzente, uma imagem enorme e nítida de “coisas guardadas” – de gavetas fechadas à chave e repouso irremediável.

– Sim, eles me pediram para não dizer nada; e, para agradar a eles eu prometi, pelo menos enquanto ainda estavam lá.

Mas o que aconteceu com a senhorita?

– Segui vocês apenas pelo passeio. Depois tive que retornar para ver um amigo.

Ela mostrou-se surpresa.

– Um amigo... *a senhorita?*

– Sim, eu tenho alguns! – dei uma risada. – Mas as crianças lhe deram alguma explicação?

– Para a gente não mencionar que a senhorita tinha nos abandonado? Sim; disseram que a senhorita ia achar melhor assim.

É verdade?

Minha expressão deixou-a consternada:

– Não, eu acho pior! – Mas em um instante acrescentei: – Eles ao menos disseram por que eu iria achar melhor?

– Não; o sr. Miles só disse que não devíamos fazer nada que desagradasse a senhorita.

– Quisera eu que ele agisse assim! E o que disse Flora?

– A srta. Flora foi uma doçura. Ela disse “Ah, claro, claro!”, e eu concordei.

Fiquei pensativa por um instante.

– Você também foi uma doçura: posso ouvir vocês todos. Mas, apesar disso, quanto a Miles e a mim, está tudo acabado.

– Acabado? Mas o quê, senhorita? – Minha colega me observava.

– Tudo. Não interessa. Eu tomei minha decisão. Querida, eu vim para casa... para conversar com a srta. Jessel.

A essas alturas eu já estava habituada a ter a sra. Grose literalmente na palma da minha mão antes de soar esta nota; de forma que, mesmo agora, enquanto ela piscava os olhos com bravura sob o sinal da minha palavra, eu conseguia mantê-la bastante firme.

– Conversar! A senhorita está dizendo que ela falou?

– Chegou a falar, sim. Quando voltei, encontrei-a na sala de estudos.

Ainda ouço aquela gentil mulher e a candura de seu espanto:

– E o que foi que ela disse?

– Que ela sofre os tormentos...!

Foi isso, de uma verdade, que a deixou, à medida que completava minha imagem, boquiaberta. Ela hesitava:

– A senhorita quer dizer... os dos aflitos?

– Dos aflitos. Dos condenados. E é por isso, para compartilhá-los... – hesitei diante do horror.

Minha amiga, no entanto, que tinha menos imaginação, reanimou-me:

– Para compartilhá-los...?

– Ela deseja Flora. – Ao falar assim à sra. Grose eu arriscava perder meu apoio, caso eu não estivesse preparada.

Segurei-a por mais algum tempo lá, para mostrar-lhe que eu estava: – Mas, como eu lhe disse, isso não interessa.

– Por que a senhorita tomou a sua decisão? Mas em relação ao quê?

– A tudo.

– E o que é “tudo”?

– Ora, mandar chamar o tio.

Minha amiga fez seu desabafo:

– Ah, senhorita, faça isso, por misericórdia!

– Ah, vou fazer, *vou fazer!* Vejo que é o único jeito. O que está “acabado” em relação a Miles, como eu lhe disse, é que, se ele acha que eu estou com medo, se imagina o que teria a ganhar com isso, ele vai ver que se enganou. Sim, sim; seu tio vai

escutar tudo em primeira mão (e mesmo antes do garoto, se for preciso), pois, se pensam em me repreender por não ter feito nada quanto à escola outra vez...

Minha colega pressionou-me:

– Senhorita...?

– Bem, é por aquele horrível motivo.

Estava claro que, para minha colega, havia tantos motivos que eu a desculpei por ter sido tão vaga:

– Mas... um... qual?

– Ora, a carta da escola!

– A senhorita vai mostrar para o patrão?

– Eu devia ter feito isso muito antes.

– Oh, não! – disse, enfática, a sra. Grose.

Prosegui, inexorável:

– Vou explicar para ele que não posso assumir o compromisso de resolver o problema em nome de uma criança que foi expulsa...

– Não sabemos nem por quê! – declarou a sra. Grose.

– Por maldade. Por que mais, quando ele é tão esperto e belo e perfeito? Por acaso ele é estúpido? Ou desorganizado? Ou frouxo? Ou mal-intencionado? Ele é excelente... então só pode ser por *aquilo*; e assim tudo se explicaria. Afinal de contas, é culpa do tio deles. Se ele deixou essas pessoas aqui...!

– Mas ele nem conhecia eles, na verdade. A culpa é minha.

O palor voltara às faces da sra. Grose.

– Bem, mas você não vai sofrer com isso.

Ela voltou a acrescentar, enfática:

– E nem as crianças!

Fiquei em silêncio por alguns instantes; olhamos uma para a outra.

– Mas então o que devo dizer a ele?

– A senhorita não precisa dizer nada. *Eu* vou dizer.

Analisei suas palavras:

– Então você vai escrever...? – ao lembrar de que ela não sabia, recompus-me. – Como vocês se comunicam?

– Eu falo com o intendente. *Ele* é que escreve.

– E você quer que ele escreva nossa história?

Minha pergunta atingiu-a com um sarcasmo que eu não planejava de todo e a fez, no instante seguinte, desabar. Mais uma vez as lágrimas enchiam-lhe os olhos.

– Ah, *a senhorita* escreve!

– Bem... hoje à noite.

Foi minha última resposta; então nos separamos.

À noite, cheguei até mesmo a começar. O tempo não mudara, lá fora havia fortes ventos, e, sob a luz da vela, em meus aposentos, com Flora em paz a meu lado, fiquei sentada por muito tempo diante de uma folha em branco, a ouvir o açoite da chuva e a violência das rajadas. Por fim saí, levando comigo uma vela; atravessei o corredor e escutei por um instante à porta de Miles. O que eu fora levada a querer escutar, em minha obsessão infundável, era algum indício de que ele não estivesse em repouso; logo escutei algo, mas não o que eu esperava. Sua voz tilintou:

– Ei, você que está aí fora, entre.

Foi o soar de uma alegria em meio à escuridão!

Entrei, de posse da minha vela, e encontrei-o, na cama, sem o menor resquício de sonolência, mas muito à vontade.

– Bem, o que é que você anda aprontando?

A pergunta me foi dirigida com muita graça e civilidade, e levou-me a pensar que, caso a sra. Grose estivesse presente, ela não veria ali nenhuma prova de que algo estivesse “acabado”.

Olhei-o de cima com minha vela:

– Como você sabia que eu estava ali?

– Ora, é claro que eu ouvi. Você acha que não fez barulho? Parecia uma tropa da cavalaria! – ele riu com gosto.

– Então você não estava dormindo?

– Não muito! Eu fico deitado, pensando.

Coloquei a vela, de propósito, logo ao lado, e então, quando ele me estendeu a velha mão amiga, sentei-me na beira da cama. Perguntei:

– E no que é que você fica pensando?

– Querida, no que mais seria, além de *you*?

– Ah, você não precisa falar uma coisa dessas para me deixar orgulhosa! Eu preferia que você estivesse dormindo.

– Mas, sabe, eu também estava pensando sobre aquelas suas coisas estranhas.

Percebi a frieza daquela mãozinha firme.

– Que coisas estranhas, Miles?

– Ora, o jeito que você me educa. E tudo mais!

Por um minuto faltou-me ar, e mesmo a luz tênue do pavio bastou para revelar-me como ele sorria, recostado no travesseiro.

– O que você quer dizer com “tudo mais”?

– Ah, você sabe, você sabe!

Por um instante, não fui capaz de dizer nada, mesmo sentindo que, ao segurar-lhe a mão e enquanto nossos olhares se encontravam, meu silêncio dava ares de quem aceitava a culpa e de que talvez nada no mundo real, naquele instante, fosse tão incrível quanto as relações que mantínhamos.

– Posso garantir que você vai tornar à escola, se é isso que o inquieta. Mas não para a mesma de antes: vamos encontrar um outro lugar, melhor. Como eu ia saber que isso o incomodava, se você nunca me disse nada, nunca tocou no assunto?

Seu rosto limpo e atento, emoldurado pela brancura homogênea, por um minuto fez com que ele parecesse algum paciente melancólico de um hospital infantil; e, quando a semelhança fez-se notar, senti que daria tudo o que eu possuísse no mundo para ser a enfermeira ou a irmã de caridade que pudesse ajudá-lo a curar-se. Bem, fosse como fosse, talvez eu pudesse ajudar!

– Você nunca me disse uma palavra a respeito de sua escola, sabia? Refiro-me à escola antiga: você nunca fez nenhum comentário.

Ele pareceu ficar pensativo; sorriu com o encanto de sempre. Mas estava obviamente ganhando tempo; ele esperava, pedia que alguém o guiasse.

– Eu nunca falei nada?

Não era *eu* quem o ajudaria – era aquele *algo* com que eu havia me deparado!

Alguma coisa no tom de sua voz e na expressão de seu rosto, quando recebi essas impressões, causou-me agulhadas de uma intensidade até então desconhecida por meu coração; tal era a tocante inefabilidade de ver sua cabecinha embaralhada e seus pequenos recursos impelidos a representar, enfeitiçados como ele estava, um papel de inocência e persistência.

– Não, nunca... desde que você retornou. Nunca mencionou nenhum professor, nenhum colega, nada que tenha acontecido na escola. Nunca, querido Miles, nunca, jamais você me deu uma pista, por menor que fosse, sobre qualquer coisa que *possa ter acontecido* lá. Assim, você pode imaginar como estou às escuras. Até você enveredar por aquele caminho, na manhã de hoje, nunca, desde a hora em que o vi, você tinha feito referência alguma ao seu passado. Você parecia estar satisfeito com o

presente.

Era extraordinário como minha convicção absoluta de sua secreta precocidade (ou qualquer outro termo que eu usasse para me referir ao veneno inoculado por uma influência que eu não me atrevia a nomear sequer a meia-voz) fazia-o, apesar do sopro de sua agitação íntima, parecer tão acessível quanto uma pessoa adulta – impunha-o quase como um intelecto à minha altura.

– Achei que você quisesse continuar sendo como é.

Quando eu disse isso ele enrubesceu de leve. De qualquer forma, à guisa de resposta, como se fosse um convalescente fatigado, balançou a cabeça com langor.

– Não, não. Quero ir embora.

– Enjoou de estar aqui?

– Não, não, eu gosto de Bly.

– Bem, mas então...?

– Ah, você *sabe* o que um garoto deseja!

Senti que não o sabia tão bem quanto Miles e por algum tempo busquei um refúgio.

– Você quer ir visitar seu tio?

Mais uma vez, ao ouvir-me, com sua doce expressão irônica, ele mexeu a cabeça no travesseiro.

– Ah, você não vai se safar disso!

Fiquei quieta por uns instantes e, dessa vez, creio que fui eu quem mudou de cor.

– Querido, não quero me safar!

– Nem vai conseguir, mesmo que tente. Não vai conseguir, não vai! – Deitado, ele estava lindo enquanto me observava. –

Meu tio tem que vir até aqui, e vocês têm que dar um jeito em tudo!

– Caso isso aconteça, pode saber que levarão você para longe – respondi, voltando-lhe o rosto.

– Ora, mas e você não vê que é isso mesmo o que eu estou querendo? Você vai ter que explicar para ele... como é que foi tão descuidada: vai ter que explicar muita coisa!

O ímpeto com que ele proferira essas palavras serviu para, de algum modo, dar-me forças equiparáveis às suas.

– E *você*, Miles, o que vai dizer a ele? Com certeza seu tio vai fazer perguntas sobre certas coisas!

Ele voltou a ficar pensativo.

– É bem provável. Mas que coisas?

– As coisas que você nunca me disse. Para que ele possa decidir o que fazer. Não dá para pôr você de novo...

– Acontece que eu nem quero! – ele me interrompeu. – Quero é um ambiente novo.

Falou com serenidade notável, com alegria incontestável; e sem dúvida foi exatamente esta a nota que evocou o caráter pungente – a desumana tragédia infantil – da provável reaparição dele após três meses, cheio de bravatas e de mais desonra. Fui tomada pela sensação de que jamais suportaria aquilo e deixei-me levar. Joguei-me sobre ele e abracei-o com a ternura de minha compaixão.

– Miles, querido, ah, Miles...!

Meu rosto estava próximo ao seu, e ele aceitou meus beijos, recebendo-os com um bom-humor clemente.

– E então, minha senhora? – Voltou o rosto um pouco para o outro lado, em direção à parede, erguendo a mão, pensativo, como já se viram crianças doentes refletir. – Eu disse... hoje de manhã eu lhe disse.

Ah, como eu sentia suas dores!

– Que você quer que eu pare de me preocupar a seu respeito?

Seu olhar tomou a minha direção, como se reconhecesse que eu o entendia; e então, de forma muito delicada, ele respondeu:

– Que me deixe em paz.

Havia uma altivez delicada em sua forma de falar, algo que me fez largá-lo; ainda assim, após ter me levantado devagar, permaneci a seu lado. Deus é testemunha de que nunca quis molestá-lo, mas eu achava que, a estas alturas, simplesmente lhe voltar as costas seria como abandoná-lo, ou, dito de forma mais fidedigna, como perdê-lo.

– Há pouco comecei a escrever uma carta para o seu tio.

– Bem, então termine!

Aguardei um instante.

– O que foi que aconteceu antes?

Ele me fitou novamente.

– Antes do quê?

– Antes de você retornar. E antes de partir.

Ele permaneceu quieto por algum tempo, mas seu olhar não se furtou ao meu.

– O que aconteceu?

Isto me fez, o som destas palavras, em que tive a impressão de flagrar pela primeira vez o leve tremor de uma consciência consentida – me fez cair de joelhos ao lado da cama e aproveitar mais uma vez a chance de possuí-lo.

– Miles, querido, meu querido Miles, se você soubesse *como* eu quero ajudá-lo! E isso é tudo, não há mais nada: antes morrer do que machucar você ou fazer-lhe mal; antes morrer do que estragar um fio que seja do seu cabelo. Miles, querido (ah, eu trazia à tona essas coisas mesmo sabendo que ia longe demais!), eu só quero que você me ajude a salvá-lo!

No instante seguinte, dei-me conta de que eu fora longe demais. A resposta a meu apelo veio de imediato, mas na forma de uma lufada e de um frio extraordinários, uma rajada de ar gelado e uma agitação das paredes do quarto, como se o vento voraz houvesse despedaçado os batentes. O garoto soltou um grito agudo que, perdido em meio aos demais sons do choque, poderia soar indistintamente – mesmo eu estando tão próxima dele – como uma nota de júbilo ou de terror. Mais uma vez pus-me de pé em um salto e apercebi-me da escuridão. Ficamos assim por um instante, enquanto eu olhava ao redor e constatava que as cortinas não haviam se mexido e a janela permanecia fechada.

– Ora, a vela apagou! – disse eu, aos gritos.

– Fui eu que soprei, querida! – veio a resposta de Miles.

No dia seguinte, depois das lições, a sra. Grose aproveitou para me perguntar baixinho:

– Já escreveu, senhorita?

– Sim, escrevi.

O que eu não disse – o que de momento eu escondia – era que a carta, lacrada e endereçada, ainda estava no meu bolso. Não haveria tempo de enviá-la antes que o mensageiro fosse até o vilarejo. Enquanto isso, da parte de meus pupilos, a manhã não teve nada de brilhante nem de exemplar. Era como se, em seus corações, ambos desejassem ocultar qualquer pequeno atrito mais recente. Executavam feitos vertiginosos em aritmética, alçando voos muito além do *meu* parco alcance, e perpetravam, com um bom humor jamais visto, gracejos geográficos e históricos. Era notável que Miles, em especial, parecesse ter o desejo de mostrar a facilidade com que podia me desiludir. Era uma criança que, em minha memória, vive em um ambiente tão belo e tão triste que não se pode traduzi-lo em palavras; cada impulso seu era acompanhado de modos muito particulares; nunca uma criatura natural, que a olhos não iniciados era o retrato da lealdade e da liberdade, foi mais astuta ou agiu de forma mais perfeita como um pequeno *gentleman*. Eternamente eu tinha de me prevenir contra o encanto contemplativo a que meu olhar iniciado me induzia; pôr em xeque a observação irrelevante e os suspiros desanimados com que eu constantemente atacava e rejeitava o enigma do ato praticado pelo pequeno *gentleman* que merecesse qualquer censura. Digamos que, a julgar pelo sombrio prodígio que eu conhecia, a imaginação do mal estava ao seu alcance: a justiça dentro de mim clamava pela prova de que essa imaginação pudesse ter sido a semente de um ato.

De qualquer forma, ele agiu de fato como um pequeno *gentleman* irrepreensível quando, após a refeição nesse dia terrível, procurou-me e perguntou se, por meia hora, eu não gostaria de ouvi-lo tocar. Davi, ao tocar para Saul, não escolhera tão bem a ocasião. Foi uma exibição encantadora de tato, de magnanimidade, equivalente a ele ter dito sem rodeios: “Os cavaleiros valorosos que conhecemos das histórias nunca abusam de suas vantagens. Agora sei o que você pretende: e o que pretende – para ter paz e não se sentir perseguida – é parar de se preocupar comigo e de me espiar, não me ter tão próximo a você, permitir-me ir e vir. Bem, estou ‘vindo’, como você pode ver – mas não vou! Para isso haverá tempo de sobra. É verdade que me delicio com sua companhia, e quero apenas mostrar que eu estava defendendo um princípio.” É fácil imaginar que não resisti a esse apelo nem deixei de acompanhá-lo, mais uma vez, de mãos dadas, até a sala de estudos. Ele sentou-se junto ao velho piano e tocou como nunca; e se alguém achar que seria melhor ele estar correndo atrás de uma bola, digo apenas que concordo plenamente. Ao cabo do tempo que sob aquela influência eu deixara de medir, acordei de sobressalto com a estranha impressão de ter literalmente adormecido em meu posto. Era depois do almoço, ao lado da lareira na sala de estudos, e eu, na verdade, sequer havia dormido: havia apenas feito algo muito mais grave – eu havia esquecido. Por onde, durante todo esse tempo, andaria Flora? Quando fiz esta pergunta a Miles, ele continuou tocando por mais um minuto antes de responder e, mesmo assim, disse apenas:

– Ora, querida, como é que *eu* vou saber?

Depois disso deu uma alegre risada que, em seguida, como se fosse um acompanhamento vocal, transformou-se em uma canção desconexa e extravagante.

Fui direto aos meus aposentos, mas a irmã não estava lá. Então, antes de descer as escadas, procurei em vários outros cômodos. Como não a encontrei em lugar algum, era forçoso que estivesse com a sra. Grose, de quem, reconfortada por este pensamento, saí em busca. Encontrei-a no mesmo lugar da noite anterior, mas, ao meu rápido questionamento, ela contrapôs apenas uma ignorância inexpressiva e assustada. Ela havia suposto que, após a refeição, eu tivesse saído com as duas crianças; no que estava certa, pois aquela fora a primeira vez que eu perdera a garotinha de vista sem antes tomar precauções especiais. Claro que, então, ela deveria estar com as criadas, e assim a providência imediata a tomar era procurá-la sem dar ares de alarme. Isso foi o que de pronto combinamos; mas, quando dez minutos mais tarde e de acordo com o combinado encontramos-nos no corredor, tudo o que fizemos foi relatar que, após uma averiguação cautelosa, havíamos falhado por completo no intuito de achá-la. Por um instante, a salvo de observação, trocamos alarmes mudos, e senti com grande interesse que todos aqueles que de início eu lançara à minha amiga voltavam, refletidos em seu olhar.

– Ela deve estar lá em cima, numa das salas em que a senhorita não olhou – ela disse então.

– Não; ela está longe. – Eu já me decidira. – Ela saiu.

A sra. Grose ficou surpresa:

– Saiu sem chapéu?

Naturalmente minha expressão também deixava entrever muitas coisas.

– Aquela mulher pavorosa não está sempre sem?

– Ela está com *ela*?

– Ela está com *ela!* – declarei. – Precisamos encontrá-las.

Minha mão repousava no braço de minha amiga, mas, naquele momento, confrontada com uma explicação dessas para o ocorrido, ela não respondeu à minha pressão. Pelo contrário: no mesmo instante ela expressou seu desassossego.

– E onde está o sr. Miles?

– Ah, *ele* está com Quint. Estão na sala de estudos.

– Meu Deus, senhorita!

Percebi que minha visão – e portanto também meus modos, suponho – jamais alcançara uma certeza tão tranquila.

Proseguí:

– Já pregaram sua peça. Conseguiram executar o plano. Ele encontrou um modo divino de me manter quieta enquanto ela fugia.

– “Divino”? – a sra. Grose repetiu, confusa.

– Infernal, que seja! – emendei quase com alegria. – E ele também cuidou de si. Mas venha!

Ela anuviou-se na esfera superior.

– A senhorita vai deixar ele...?

– Ficar todo esse tempo com Quint? Sim – já não me importa mais.

No fim, em ocasiões como essa, ela sempre pegava minha mão, e assim me detinha. Mas depois de arquejar por um momento diante de minha súbita resignação, ela exclamou, ansiosa:

– Por causa da sua carta?

Em resposta, ligeiro eu puxei minha carta, ergui-a diante de seus olhos e então, libertando-me, caminhei até a grande mesa do corredor e depusitei-a lá.

– Luke vai se encarregar dela – eu disse enquanto retornava. Cheguei à porta da casa e a abri; eu já estava nos degraus.

Minha amiga ficou para trás: a tempestade que caíra à noite e pela manhã já não estava tão forte, mas a tarde estava úmida e cinzenta. Desci até a estrada enquanto ela ficava parada no umbral.

– A senhorita vai sair assim, sem um agasalho?

– O que me importa, se a criança não tem nada? Não posso perder tempo me vestindo – gritei –, e se você tem que fazer isso, deixo-a aqui. Enquanto espera, experimente ir lá em cima.

– Com *eles*?

Ah, diante disso a pobre mulher decidiu de imediato acompanhar-me!

Fomos direto até o lago, como o chamávamos em Bly, e atrevo-me dizer que era um nome apropriado, mesmo ao refletir que na verdade possa ter sido apenas um espelho d'água menos impressionante do que parecia a meus olhos pouco viajados. Eu tinha pouco trato com espelhos d'água, e a lagoa em Bly, pelo menos nas poucas ocasiões em que, sob a proteção de meus discípulos, concordei em enfrentar-lhe a superfície no velho barco de casco chato que lá ficava atracado para nosso uso, impressionou-me por sua extensão e pelo movimento de suas águas. O local de embarque mais comum distava cerca de um quilômetro da casa, mas em meu íntimo eu estava convencida de que, estivesse Flora onde estivesse, não estaria lá perto. Ela nunca saíra de fininho para suas pequenas aventuras, e desde a maior delas, a enorme aventura que tive a seu lado na lagoa, percebi, durante nossos passeios juntas, qual era o rumo que ela preferia tomar. Foi por isso que dei aos passos da sra. Grose uma direção tão clara – direção que a fez, quando deu por si, opor uma resistência que demonstrava estar desorientada.

– Está indo para a água, senhorita? Acha que ela pode estar *dentro*...?

– Pode ser que ela esteja, mesmo eu achando que não é muito fundo. Mas o que acho mais provável é que ela esteja no mesmo lugar de onde nós duas vimos, juntas, no outro dia, quando contei para você.

– Quando ela fingiu que não estava vendo...?

– Com aquele autocontrole impressionante! Sempre soube que ela queria ir até lá sozinha. E agora o irmão arranhou tudo para ela.

A sra. Grose ainda estava parada no mesmo lugar onde se detivera.

– A senhorita acha mesmo que eles *conversam* sobre eles?

Respondi com tanta confiança!

– Eles dizem coisas que, se nós ouvíssemos, iam simplesmente nos apavorar.

– E se ela *estiver* lá...?

– O que tem?

– Então a srta. Jessel também vai estar?

– Sem dúvida. Você vai ver.

– Ah, obrigada! – gritou minha amiga, tão plantada naquele lugar que, ao vê-la daquele jeito, prossegui sozinha. Quando cheguei à lagoa, no entanto, ela vinha logo atrás, e senti que, de tudo o que poderia me acontecer – e que a deixava apreensiva –, o perigo representado por minha companhia era o que menos a incomodava. Ela soltou um gemido de alívio quando por fim avistamos a maior parte da água sem ver a criança. Não havia nenhum sinal de Flora na margem mais próxima, onde me sobressaltei ao observá-la, nem na margem oposta, onde, salvo por uma margem de uns vinte metros, um capão cerrado avançava até a água. A lagoa, de formato oblongo, tinha uma largura tão mísera em relação ao comprimento que, com as extremidades fora de vista, alguém poderia tomá-la por um riacho. Olhamos para aquela extensão vazia, e percebi a sugestão nos olhos da minha amiga. Soube o que ela pretendia e respondi balançando negativamente a cabeça.

– Não, não; espere! Ela pegou o barco.

Minha amiga fitou o atracadouro e então de novo a outra margem.

– Mas então onde é que ele está?

– A maior prova é que não está aqui. Ela o usou para atravessar, e então deu um jeito de escondê-lo.

– Mas sozinha... aquela criança?

– Ela não está sozinha, e nessas horas não é uma criança: é uma mulher velha, muito velha.

Passei os olhos pela margem enquanto a sra. Grose mais uma vez mergulhava, submissa, nos estranhos elementos que eu lhe oferecia; então chamei a atenção para o fato de que o barco poderia muito bem estar em um pequeno esconderijo formado por um dos nichos da lagoa, uma reentrância na margem adjacente, encoberta pela ribanceira que avançava e por um renque de árvores próximas à água.

– Mas se o barco está ali, onde está *ela*?

– É isso mesmo o que temos que descobrir – disse, seguindo adiante.

– Fazendo todo o contorno?

– Com certeza, mesmo que seja longe. Não vamos levar mais do que dez minutos, mas é longe o suficiente para que a garota tenha preferido não ir a pé. Ela cruzou em linha reta.

– Nossa! – exclamou minha amiga mais uma vez; minha lógica era demais para ela. Ela seguia meus passos, e quando chegamos na metade do caminho – um processo cansativo e fora de mão, em solo irregular e por um trecho coberto de vegetação –, detive-me para que ela tomasse fôlego. Sustive-a com um braço agradecido, enquanto deixava claro que ela poderia ajudar-me imensamente; e isso reavivou nossas passadas, de modo que, ao cabo de mais alguns minutos, chegamos a

um ponto de onde avistamos o barco no lugar esperado. Fora intencionalmente escondido tanto quanto era possível, e estava amarrado a ripas de uma cerca que, bem ali, vinha até a margem e auxiliava no desembarque. Ao ver o par de remos curtos e grossos, cuidadosamente erguidos, reconheci a natureza prodigiosa do feito para uma pequena garota; mas àquela altura eu já vivera por tempo demasiado em meio a prodígios, e já resfolegara frente a atuações bem mais intensas. Havia um portão no cercado, o qual cruzamos, e que nos conduziu, depois de um intervalo insignificante, a um terreno mais aberto. Então exclamamos ao mesmo tempo: “Lá está ela!”

Flora, logo além, ficou parada diante de nós no gramado e sorriu como se sua representação agora estivesse completa. O que ela fez em seguida, entretanto, foi curvar-se até o chão e colher – como se tivesse ido até ali só para isso – um grande e feio ramo de samambaias secas. Tive de imediato a certeza de que ela recém deixara o capão. Aguardava-nos, sem dar um passo, e percebi a rara solenidade com que nos aproximávamos. Ela sorria e sorria, e nos encontramos; mas tudo se passou em um silêncio a essa altura já manifestamente aziago. A sra. Grose foi a primeira a quebrar o encanto: caiu de joelhos e, trazendo a criança de encontro ao seio, cingiu em um longo abraço o corpinho delicado e receptivo. Enquanto durou essa convulsão muda, eu apenas observei – e de forma ainda mais atenta quando vi o rosto de Flora a me espiar por cima do ombro de nossa amiga. Agora era grave – seu rosto já não tinha mais brilho; mas isso deu força à aguilhoada com que naquele momento eu invejava a sra. Grose pela simplicidade da *sua* relação. E, por todo esse tempo, nada mais se passou entre nós, salvo Flora ter largado seu ridículo ramo no chão. Era como se houvéssemos dito uma à outra que quaisquer pretextos seriam inúteis agora. Quando a sra. Grose por fim se levantou, pegou a mão da criança, e assim as duas ficaram paradas diante de mim; e a singular reticência de nossa comunhão ficou ainda mais marcada com o olhar franco que ela me dirigiu. “Serei enforcada caso eu fale!”, dizia ele.

Foi Flora quem, fitando-me por todos os lados em um sincero deslumbre, falou primeiro. Nossas cabeças descobertas chamaram-lhe a atenção.

– Onde estão suas coisas?

– Junto com as suas, querida! – respondi, voltando-lhe o olhar.

Ela já havia recuperado a alegria, e a resposta pareceu lhe bastar.

– E onde está Miles? – ela prosseguiu.

Algo naquela pequena valentia acabou comigo: suas quatro palavras, num clarão como o brilho de uma espada desembainhada, chocaram-se contra a taça repleta que por semanas a fio eu erguera em minha mão e que agora, antes mesmo de falar, eu sentia transbordar em um dilúvio.

– Eu digo se *você* me contar... – escutei-me dizer, e então escutei o tremor dos estilhaços.

– Contar o quê?

O suspense da sra. Grose queimava em minha direção, mas agora já era tarde, e eu abordei o assunto com modos elegantes.

– Querida, onde está a srta. Jessel?

Tal como ocorrera com Miles, no cemitério, tudo aquilo pairava ao nosso redor. Mesmo tendo em conta o fato de que aquele nome jamais fora pronunciado entre nós, o semblante alerta e prostrado que se estampou na carranca daquela criança ao ouvi-lo tornou a quebra do silêncio semelhante ao estilhaçar de uma vidraça; deu força ao grito que se interpôs, como se fosse apagar o golpe, que, ao mesmo tempo, provocado por minha violência, a sra. Grose emitiu – o berro de uma criatura assustada, ou mesmo ferida, que, por sua vez, voltou ao cabo de alguns segundos – foi seguido por um grito meu, que sufoquei.

– Lá está ela, lá está ela!

A srta. Jessel estava diante de nós na margem oposta, exatamente como estivera da outra vez, e recorde-me, com estranheza, do primeiro sentimento que se produziu em mim – um frêmito de exultação por apresentar uma prova. Ela estava lá, e a justiça fora feita; estava lá, e eu não era nem má nem louca. Estava, lá diante da pobre e assustada sra. Grose, mas estava lá sobretudo por causa de Flora; e talvez nenhum momento de meu monstruoso tempo tenha sido tão extraordinário quanto aquele em que atirei para ela – com a certeza de que, sendo um demônio pálido e ávido, ela a receberia e compreenderia – uma tácita mensagem de gratidão. Erguia-se, ereta, no local recém-deixado por mim e por minha amiga, e o longo alcance de seu desejo revelava-se por completo. Esta vívida visão e emoção não duraram mais do que alguns segundos, durante os quais o olhar estupefato da sra. Grose na direção indicada pareceu-me um sinal soberano de que, por fim, ela também via, da mesma forma que precipitou meu próprio olhar sobre a criança. A revelação do modo como aquilo atingia Flora, verdade seja dita, deu-me um sobressalto bem maior do que teria feito caso eu a visse apenas agitada, já que eu não esperava me deparar com um terror explícito. Preparada e em guarda contra nós – assim nossa busca a deixara –, Flora reprimia toda a emoção que pudesse traí-la; estremeci, assim, de imediato, ao deparar-me justamente com algo para o que eu não estava preparada. Vê-la, sem a menor convulsão em seu rostinho corado, sequer fingir uma olhadela na direção do prodígio que eu anunciara, mas, em vez disso, apenas voltar à *minha* direção uma expressão de gravidade dura e perene, uma expressão absolutamente nova e sem precedentes e que me parecia ler, acusar e julgar – eis um golpe que de algum modo transformou a própria garotinha naquela presença que me repelia. Repelia-me apesar de eu nunca haver sentido uma convicção tão profunda de que ela via tudo como naquele instante, e diante da necessidade premente de me defender, chamei-a para testemunhar.

– Ela está lá, sua desgraçada... lá, lá, *lá*, e você a vê tão bem quanto a mim!

Havia pouco eu dissera para a sra. Grose que nessas horas ela não era uma criança, e sim uma mulher velha, muito velha; esta descrição não poderia se ter confirmado de forma mais notável do que mediante o fato de que, em resposta, ela apenas me dirigiu, sem nenhuma concessão, nenhuma confissão em seu olhar, um semblante mais e mais profundo, e mesmo de uma súbita fixidez reprobatória. A essa altura – se é que consigo dar alguma coerência ao todo – eu estava mais aterrorizada com o que eu poderia chamar de seus modos do que com qualquer outra coisa, ainda que, ao mesmo tempo, eu percebesse que também podia contar com a sra. Grose, o que era formidável. Bem, minha amiga mais velha, no instante seguinte, sobrepôs a todo o resto seu rosto enrubescido e um protesto em voz alta e perplexo, um estrondo de aguda condenação.

– Mas que reviravolta terrível, senhorita, ter essa certeza! Onde é que tem algo para se ver?

Tudo o que me restou foi agarrá-la ainda mais rápido, pois enquanto ela falava a horrenda e premente presença erguia-se impassível e impávida. Aquilo já durava alguns instantes, e durou enquanto eu, agarrando minha colega, empurrando-a de encontro àquilo e mostrando-lhe que estava lá, continuei a insistir em apontar com a mão.

– Você não a vê tão bem quanto *nós*? Está querendo dizer que agora não... que *agora não*? Mas ela é grande como o fogo ardente! Ao menos olhe, mulher querida, *olhe*...!

Ela olhou, ao mesmo tempo que eu, e, com um grave som de recusa, repulsa, respeito – o misto de sua pena com o alívio de sua escusa –, deu-me a sensação comovente de que, se pudesse, teria me amparado. Bem que eu poderia precisar desse amparo, pois com o duro golpe desferido pela prova de que seus olhos estavam irremediavelmente cerrados, senti o horrível desmoronar de minha própria situação; senti – vi – minha lívida antecessora provocar, de onde estava, a minha derrota, e tomei consciência, acima de tudo, do elemento com que, de agora em diante, eu teria de lidar na impressionante atitude de Flora. Foi essa atitude que a sra. Grose, mesmo enquanto meu sentimento de ruína era transpassado por um prodigioso triunfo privado, de imediato, e com violência, adotou, em um rompante de consolações ofegantes.

– Ela não está lá, minha pequena senhorita, não tem ninguém lá... e você nunca vê nada, querida! Como é que a srta. Jessel poderia... se a pobre da srta. Jessel está morta e enterrada? É tudo um engano e uma ansiedade e uma piada; e vamos de uma vez para casa!

Era assim, aos balbucios, que a sra. Grose apelava à criança.

A isto, nossa amiga respondeu com uma estranha, uma ligeira dignidade decorosa, e as duas, mais uma vez, com a sra.

Grose jogada a seus pés, estavam como que unidas, em uma oposição dolorosa a mim. Flora continuou a fitar-me com sua pequena máscara reprobatória, e a cada instante eu rezava para que Deus me perdoasse por ter a impressão de ver que, enquanto ela ficava lá, agarrada ao vestido de nossa amiga, sua incomparável beleza infantil de repente sumira, desaparecera por completo. Já disse isso antes – ela era literalmente, era terrivelmente implacável; voltara a ser vulgar e beirava a feiura.

– Nem sei o que você está querendo. Não estou vendo nada. *Nunca* vi. Acho que você é má. Não gosto de você!

Então, após esse discurso, que poderia ser o de uma garota insolente na rua, ela abraçou a sra. Grose mais forte e enfiou-lhe o terrível rostinho nas dobras do vestido. Nesta posição ela emitiu um uivo quase furioso.

– Tire-me daqui, tire-me daqui... ah, tire-me de perto *dela!*

– De *mim?* – perguntei, ofegante.

– De você... de *você!* – ela gritou.

Até a sra. Grose olhou-me, consternada; enquanto isso, eu nada tinha a fazer além de me comunicar mais uma vez com a figura que, na margem oposta, sem um único movimento, rigidamente fixa como se, além do hiato, captasse nossas vozes, estava lá tão vívida para minha catástrofe quanto não o estava para meu benefício. A infeliz criança falara exatamente como se houvesse recebido de alguma fonte externa cada uma de suas palavrinhas cortantes, e assim, em face do desespero consumado que eu tinha de aceitar, nada pude fazer senão balançar a cabeça, pesarosa. Em seguida, dirigi-me a Flora:

– Se alguma vez eu tivesse duvidado, todas as minhas dúvidas estariam desfeitas agora. Tenho vivido com esta verdade horrenda, que agora está próxima demais. Claro que eu a perdi: interferi, e você viu, sob os auspícios *dela* (neste ponto eu encarei nossa testemunha infernal do outro lado da lagoa), qual era a forma simples e eficiente de ir a seu encontro. Fiz o que pude, mas sinto que a perdi. Adeus.

Para a sra. Grose eu lancei um imperativo, um “Vá, vá!” quase frenético, em face ao que, com um pesar infinito, mas em silenciosa posse da garotinha e claramente convencida, apesar de sua cegueira, de que algo horrível ocorrera e algum colapso nos engolfara, ela recuou, pelo mesmo caminho que viera, o mais rápido que pôde.

Do que primeiro aconteceu quando fiquei sozinha não retive lembranças. Só sei que ao cabo, imagino, de uns quinze minutos, certa umidade malcheirosa e uma certa aspereza, que gelavam e cortavam minha agrura, fizeram-me entender que eu deveria ter me arrojado de rosto ao chão e dado vazão a um arroubo de pesar. Devo ter ficado atirada por muito tempo e chorado e soluçado, pois quando ergui a cabeça o dia já chegava ao fim. Pus-me em pé e olhei, através do crepúsculo, para a lagoa e sua margem, insensível e assombrada, e então, tornando à casa, tomei o caminho sombrio e difícil. Quando cheguei ao portão da cerca, o barco, para minha surpresa, se fora, e assim tive uma nova reflexão a fazer sobre o domínio extraordinário da situação que Flora comandava. Ela passou a noite, mediante o mais tácito, e, eu deveria acrescentar, se a palavra não fosse uma nota desafinada tão grotesca, o mais feliz dos acordos, com a sra. Grose. Não vi nenhuma delas ao voltar, mas, por outro lado, como que por uma compensação ambígua, vi um tanto de Miles. Vi – e não há outro jeito de me expressar – tanto dele que foi como se tivesse sido mais do que jamais fora. Nenhuma noite passada em Bly tinha a qualidade nefasta desta; e a despeito disso – e também a despeito das mais profundas profundezas de consternação que se abriram sob meus pés – havia, literalmente, na concretude evanescente, um doce desgosto. Ao chegar à casa, sequer procurei o garoto; apenas fui direto aos meus aposentos para trocar de roupa e assimilar, de súbito, muitas provas materiais da ruptura com Flora. Seus pequenos pertences haviam sido todos retirados. Mais tarde, quando, junto da lareira na sala de estudos, a mesma criada de sempre trouxe-me o chá, não encetei, a respeito de meu outro discípulo, nenhum tipo de interrogatório. Agora ele podia aproveitar sua liberdade – aproveitá-la até o fim! Bem, ele a tinha; e esta liberdade consistia – pelo menos em boa parte – em chegar próximo às oito horas e sentar-se comigo em silêncio. Enquanto tiravam a mesa do chá, eu apaguei as velas e puxei minha cadeira mais para perto: tomei consciência de uma frieza mortal e senti como se eu nunca mais na vida fosse esquentar-me. Assim, quando ele apareceu, eu estava sentada em meio ao lume com meus pensamentos. Ele parou por um instante na porta, como se me olhasse; e então – como se quisesse compartilhá-los – veio pelo outro lado da lareira e afundou-se em uma poltrona. Ficamos sentados, absolutamente imóveis; mas eu sentia que ele desejava estar comigo.

Antes do novo dia, em meu quarto, ter raiado por completo, ao abrir meus olhos vi a sra. Grose, que viera até a beira de minha cama com más notícias. Flora estava tão febril que se trataria, porventura, de alguma doença; ela passou uma noite muito agitada, uma noite agitada em especial pelos medos causados não mais por sua ex-governanta, mas sim pela governanta atual. Não era contra o fato de a srta. Jessel estar novamente em cena que ela protestava – era, conspícua e furiosamente, contra o fato de *eu* estar. Pus-me de imediato em pé, é claro, e tive muito a perguntar; tanto mais por ser visível que minha amiga já estava preparada para confrontar-me mais uma vez. Isto foi o que senti assim que lhe expus a questão da sinceridade da criança contra a minha.

– Ela continua a dizer que não viu, que nunca viu nada?

O embaraço de minha visita era, de fato, muito intenso.

– Vamos, senhorita, não posso ficar insistindo nisso com ela! Além do quê, devo dizer que nem é necessário. Esse assunto fez ela envelhecer todinha.

– Ah, vejo-a perfeitamente daqui. Está ressentida, e aparece para o mundo como se fosse uma pequena grande personagem, com a imputação à sua honestidade e, também, ao respeito que lhe é devido. “Sim, a srta. Jessel... *ela!*” Ah, ela é muito “respeitável”, a malandrinha! A impressão que tive dela ontem foi das mais estranhas; muito mais do que as outras. Para mim este assunto está acabado! Comigo ela não fala nunca mais.

A maneira horrível e obscura com que tudo isso se apresentava fez a sra. Grose calar-se por um instante; então ela aceitou minha observação com uma franqueza que, tive certeza, escondia alguma coisa.

– Senhorita, na verdade acho que não vai falar mesmo. Ela anda com uns ares bem esnobes!

– E esses ares são exatamente o que está errado com ela – resumi.

Ah, esses ares, vi no rosto de minha visita, e muitas outras coisas!

– Ela me pergunta a cada três minutos se a senhorita está vindo.

– Entendo, entendo. – Eu, de minha parte, sabia muito, mas revelava pouco. – Desde ontem ela chegou a falar, sem que fosse para negar a familiaridade com algo tão terrível, uma palavra que seja a respeito da srta. Jessel?

– Nenhuma, senhorita. E é claro que a senhorita sabe: ela me demonstrou que, lá no lago, pelo menos naquele lugar e naquela hora, *não havia* ninguém.

– Muito bem! E é claro que para você isso continua demonstrado.

– Eu não contrario ela. O que mais posso fazer?

– Nada de nada! Você tem que cuidar da pessoinha mais esperta do mundo. E eles (refiro-me a seus dois amigos) deixaram-nos ainda mais espertos do que a natureza os fez; deram ótima matéria-prima! Agora Flora tem sua mágoa e vai levá-la até o fim.

– Sim, senhorita, mas *que* fim?

– Ora, ela vai falar de mim para o tio. Vai me fazer parecer a pior das criaturas...!

Estremeci diante do efeito que a cena provocou no semblante da sra. Grose; por um instante ela pareceu vê-los juntos.

– E justo ele, que pensa tão bem da senhorita!

– Agora me ocorre que ele tem um jeito estranho de...! – falei, rindo. – Mas isso não interessa. É claro que Flora quer se livrar de mim.

Minha colega assentiu com bravura.

– Não quer nunca mais nem ver a senhorita.

– E então você veio falar comigo agora foi para apressar minha partida? – perguntei. Antes de responder, no entanto, ela já estava em minhas mãos. – Tive uma ideia melhor: é o resultado de minhas reflexões. Partir *seria* a coisa certa a fazer, e no domingo estive muito perto de ir embora. Mas isso não vai resolver nada. É *você* que tem de partir. Você tem de levar Flora.

Minha visita, em face disso, especulou.

– Mas para onde é que...?

– Para longe daqui. Para longe *deles*. Para longe, acima de tudo, neste instante, de mim. Direto para o tio.

– Só para denunciar que a senhorita...?

– Não, não “só”! Para, além disso, deixar-me com meu remédio.

Ela continuava sendo vaga.

– E *qual* é o seu remédio?

– Para começar, a sua lealdade. Depois, a de Miles.

Ela me lançou um olhar duro.

– A senhorita não acha que ele...?

– Pode, caso tenha a chance, voltar-se contra mim? Sim, atrevo-me a pensar que sim. De qualquer modo, quero tentar. Vá embora com a garotinha assim que possível e deixe-me a sós com ele.

Eu mesma impressionei-me com a determinação que ainda me restava e talvez tenha me sentido um bocado desconcertada com o fato de que, apesar dessa bela demonstração, ela ainda hesitava. Prossegui:

– Tem mais uma coisa, claro: antes de ela partir, os dois estão proibidos de se ver por um segundo que seja. – Então me sobreveio que, apesar do isolamento de Flora a partir do instante em que voltou do lago, já poderia ser tarde demais.

Perguntei, angustiada: – Quer dizer que eles *já* se encontraram?

Ao ouvir isso, ela ficou um tanto ruborizada.

– Ah, senhorita, não sou assim tão boba! É verdade que tive que sair três ou quatro vezes, mas sempre uma das criadas ficou com ela, e agora, mesmo estando sozinha, a porta do quarto está bem chaveada. E mesmo assim... mesmo assim!

Aquilo era demais.

– Mesmo assim o quê?

– Bem, a senhorita tem mesmo tanta certeza a respeito do pequeno *gentleman*?

– Não tenho certeza a respeito de nada, a não ser de *você*. Mas desde a noite passada tenho uma nova esperança. Acho que ele quer me dar uma abertura. Acho que... pobrezinho do infeliz! Acho que ele quer falar. Na noite passada, à luz da lareira e em silêncio, ele ficou sentado ao meu lado por duas horas, como se algo já estivesse vindo.

A sra. Grose lançou, através da janela, um olhar impassível ao dia cinza que se armava.

– E veio?

– Não, fiquei esperando e esperando, mas confesso que não veio, e nos demos um beijo de boa-noite sem quebrar o silêncio nem fazer insinuações sobre o estado e a ausência de sua irmã. Mesmo assim, eu não posso, caso o tio a veja, permitir que ele veja Miles sem que antes eu dê ao garoto um pouco mais de tempo... em especial agora, nesta situação tão ruim.

Quanto a isso, minha amiga pareceu mais relutante do que eu conseguia entender.

– O que quer dizer com mais tempo?

– Bem, um dia ou dois... para ele pôr tudo para fora. Então ele estará do *meu* lado, e você sabe a importância que isso tem. Se não der em nada, será apenas um fracasso meu, e você, na pior das hipóteses, terá me ajudado fazendo todo o possível quando chegar à cidade.

Foi assim que lhe expus o problema; mas por um momento ela permaneceu tão inescrutavelmente constrangida que, mais uma vez, fui em seu auxílio. Então arrematei:

– A não ser que você realmente *não queira* partir.

Pude ver que, em seu rosto, tudo se aclarava; ela estendeu-me a mão como em sinal de promessa.

– Eu vou partir... eu vou partir. Vou partir ainda pela manhã.

Eu quis ser justa:

– *Caso* você deseje esperar mais um pouco, gostaria que ela não me visse.

– Não, não; é esse lugar. Ela tem que sair daqui.

Por um instante ela lançou-me um olhar pesaroso, e então terminou de falar:

– A senhorita quer fazer a coisa certa. Quanto a mim, senhorita...

– Pois não?

– Não posso ficar aqui.

O olhar que ela me lançou fez-me dar um sobressalto.

– Quer dizer que desde ontem você *viu*...?

Ela balançou a cabeça com dignidade.

– Eu *ouvi*...!

– Ouviu?

– Daquela criança... ouvi horrores! – disse a sra. Grose, com trágico alívio. – Senhorita, dou minha palavra, ela diz coisas...!

Durante essa evocação ela sofreu um colapso; com um soluço convulsivo, caiu sobre o sofá e, como eu já a vira fazer, deu vazão a todo seu sofrimento.

Quanto a mim, deixei-me levar de forma bem diferente.

– Ah, graças a Deus!

Ela pôs-se mais uma vez em pé ao ouvir isso e enxugou os olhos com um gemido.

– “Graças a Deus”?

– É a prova do que eu dizia!

– Se é, senhorita!

Aquela ênfase era tudo o que eu queria, mas hesitei.

– Ela foi assim tão horrível?

Vi que minha colega mal sabia como se expressar.

– Realmente chocante.

– E quanto a mim?

– Quanto à senhorita... bem, já que tem que saber... é demais para uma moça tão jovem; e não consigo nem imaginar onde foi que ela aprendeu...

– Os nomes terríveis de que ela me chamou? Bem, eu imagino! – disse, e dei uma risada que sem dúvida foi bem significativa.

Porém, na verdade, minha amiga ficou ainda mais grave.

– Bem, quem sabe eu também devesse imaginar, pois já ouvi aquilo antes! Mesmo assim, não aguento. – A pobre mulher prosseguia enquanto, com o mesmo movimento, espiou os ponteiros do meu relógio. – Mas eu tenho que fazer minhas coisas.

Eu a detive.

– Ah, mas se você não aguenta...!

– Como posso ficar com ela, é isso que quer dizer? Ora, *justamente* por isso: para levar ela embora. Para longe daqui – a sra. Grose prosseguia –, para longe *deles*...

– Ela pode ser diferente? Pode ser livre? – Ao fazer essas perguntas, agarrei-a quase com alegria. – Quer dizer que apesar de ontem você *acredita*...

– Naquelas coisas? – A descrição simples não precisava, à luz de sua expressão, ser levada adiante, e ela falou de uma forma que nunca havia falado. – Acredito.

Sim, era uma alegria, e seguíamos lado a lado; se eu pudesse manter essa certeza, pouco me importaria o que mais acontecesse. Meu amparo face ao desastre seria o mesmo que supriria minha necessidade inicial de confiança, e caso minha amiga respondesse pela minha honestidade, eu responderia por todo o resto. Mesmo assim, quanto à questão de afastar-me dela eu me sentia um pouco incomodada.

– Mas claro, há uma coisa que me ocorre agora e que não dá para esquecer. A minha carta, dando o alarme, vai chegar à cidade antes de você.

Agora eu percebia ainda melhor o quanto ela estivera desconversando e a exaustão decorrente.

– Senhorita, sua carta não chegará. Ela nunca saiu daqui.

– Mas então que fim a levou?

– Bem que eu queria saber! O senhor Miles...

– Está dizendo que *ele* a pegou? – disse eu, sufocando um grito.

Ela manteve o suspense, mas venceu a relutância.

– Estou dizendo que vi ontem, ao retornar com a senhorita Flora, que a carta não estava lá onde a senhorita deixou. De noite, um pouco mais tarde, tive oportunidade de perguntar para Luke, e ele disse que não tinha nem visto nem pego carta nenhuma.

Depois disso, limitamo-nos a trocar uma de nossas mais profundas medições, e foi a sra. Grose quem primeiro trouxe a chumbada à tona com um “Veja só!” quase exultante, ao que respondi:

– Sim, vejo que, se foi Miles que a pegou, é provável que a tenha lido e destruído.

– Mas a senhorita não está vendo mais nada?

Encarei-a por um instante com um sorriso contristado.

– Vejo apenas que neste momento seus olhos estão ainda mais abertos que os meus.

E estavam mesmo, mas ela ainda corou ao demonstrá-lo.

– Descobri agora o que ele deve ter feito na escola. – E acenou a cabeça em um gesto desiludido, quase cômico. – Ele roubou!

Meus pensamentos voltaram-se nesta direção – tentei ser mais judiciosa.

– Bem... talvez.

Ela dava a impressão de achar que eu estava completamente calma.

– Ele roubou *cartas*!

Ela não tinha como entender as razões para minha calma, que na verdade era bastante rasa; assim, apresentei-as como pude.

– Espero que tenha sido para alguma coisa mais útil do que foi neste caso! De qualquer forma, o bilhete que deixei na mesa ontem vai lhe dar uma vantagem tão pequena (pois continha apenas um pedido de entrevista) que ele já deve estar envergonhado de ter ido tão longe por tão pouco, e o que ele tinha em mente na noite passada era justamente a necessidade de confessar.

A mim pareceu-me que, naquele instante, eu dominava e via tudo.

– Deixe-nos, deixe-nos! – eu já estava na porta, empurrando a sra. Grose para fora. – Vou arrancar isso dele. Ele vai vir a meu encontro: vai confessar. Se confessar, estará salvo. E se estiver salvo...

– Então a senhorita *também* está? – A doce mulher beijou-me ao dizer isso, e recebi seu adeus. – Vou salvá-la sem ele! – gritou ao afastar-se.

Contudo, bastou que ela saísse – e já dei por sua falta no mesmo instante – para eu sentir o grande aperto. Se eu tivesse contado com o que ganharia estando a sós com Miles, percebi rapidamente que seria uma medida. Nenhum momento de minha estada foi tão assaltado por apreensões como o instante em que desci, só para descobrir que a carruagem que levava a sra. Grose e minha pupila mais jovem já ia além dos portões. Agora eu *estava*, dizia para mim mesma, face a face com os elementos e, por boa parte do restante do dia, enquanto lutava contra minha fraqueza, ponderei que eu fora supremamente afoita. Era um lugar ainda mais apertado do que aquele onde eu já dera voltas; tanto mais que, pela primeira vez, era possível ver no aspecto dos outros um confuso reflexo da crise. O ocorrido naturalmente chamara a atenção de todos; havia pouca coisa explicada, por mais que tentássemos explicar, na precipitação do ato de minha colega. As criadas e os homens pareciam atônitos; o efeito disto sobre meus nervos foi uma decaída, até que vi a necessidade de tomá-la como ajuda efetiva. Em suma, foi precisamente ao tomar o leme em minhas mãos que evitei o naufrágio total; e arrisco dizer que, abandonada a mim mesma, sentia-me admiravelmente segura. Perambulei daquele modo por uma ou duas horas, por todo o lugar, e dei a impressão – não tenho dúvida alguma – de estar a postos para qualquer ataque. Então, para o deleite de quem pudesse se interessar, desfilei com o coração doente.

A pessoa que menos parecia se interessar era, até a hora do jantar, o próprio Miles. Minhas perambulações não me deram, no ínterim, nenhuma possibilidade de o ver, mas pareciam tornar pública a mudança que se operava em nossas relações como consequência de, no dia anterior, ao piano, ele me ter mantido, para o benefício de Flora, tão lograda e ludibriada. A publicidade naturalmente se estampara com sua reclusão e partida, e foi anunciada pela não observância dos hábitos relacionados à sala de estudo. Ele já desaparecera quando, ao descer, abri a porta de seu quarto, e soube que já tomara o desjejum – na companhia de duas criadas – com a sra. Grose e a irmã. Então ele saiu, conforme disse, para dar um passeio; nada – refleti – poderia ter expressado de melhor modo o franco entendimento da abrupta transformação que meu ofício sofrera. No que ele agora permitiria que este ofício consistisse ainda estava a decidir: de qualquer forma, havia um alívio desconcertado – refiro-me especialmente a mim – em renunciar a uma pretensão. Se tanto chegara à superfície, não se pode falar em exagero quando afirmo que talvez o que chegasse mais alto era o absurdo em prolongar a ficção de que eu ainda tinha alguma coisa a lhe ensinar. Saltava aos olhos o fato de que, com gentis truques tácitos em que ele carregava mais do que eu o cuidado com a minha dignidade, eu tivera de recorrer a ele para que me poupasse esforços e eu pudesse encontrá-lo no máximo de sua capacidade. De qualquer modo, ele tinha sua liberdade, agora; eu jamais a tocara outra vez; conforme demonstrara amplamente, aliás, quando, vindo a meu encontro na sala de estudos, na noite anterior, eu não lhe lancei, a respeito do intervalo transcorrido, nenhum desafio nem insinuação. Tive, a partir desse momento, muitas de minhas outras ideias. Mas, quando por fim ele chegou, a dificuldade de colocá-las em prática, os acúmulos de meu problema, apresentaram-se-me por meio da bela e delicada presença sobre a qual o ocorrido ainda não tinha, a meus olhos, impingido mancha nem sombra.

Para deixar clara, para toda a casa, a alta posição que eu cultivava, decretei que minhas refeições com o garoto fossem servidas, como dizíamos, no andar de baixo; de forma que o aguardava na pesada pompa da sala no exterior de cuja janela eu, naquele primeiro domingo desbrioso, recebera da sra. Grose o clarão de algo que mal se poderia chamar de luz. Então senti com novo ímpeto – pois já o sentira muitas e muitas vezes – como o meu equilíbrio dependia do sucesso de minha rígida vontade, a vontade de fechar os olhos o mais apertado possível para a verdade de que aquilo com o que eu tinha de lidar era, a ponto de causar repulsa, contrário às leis da natureza. Só fui capaz de progredir após tomar a “natureza” sob minha confiança e tê-la a meu favor, tratando meu monstruoso ordálio como um empurrão em uma direção incomum, é claro, e desaprazível, mas que exigia, afinal, de uma face formosa, apenas mais uma volta do parafuso da virtude humana comum. Mesmo assim, nenhuma tentativa poderia requerer mais tato do que precisamente esta tentativa de providenciar, com o próprio ser, *toda* a natureza. Como eu colocaria a menor parte que fosse daquele artigo em uma supressão de referências ao que ocorrera? Como, por outro lado, eu faria alguma referência sem que mais uma vez arremettesse rumo à terrível escuridão? Bem, após algum tempo, veio-me algo como uma resposta, e esta foi tão confirmada quanto me deparei, de modo incontestável, com a visão revigorada daquilo que meu pequeno companheiro tinha de mais raro. Era como se mesmo agora ele encontrasse – como ele amiúde encontrara durante as lições – algum outro jeito delicado de me pôr à vontade. Será que não havia luz no fato de que, enquanto compartilhávamos aquela solidão, irrompeu num faiscar especioso até então jamais visto? No fato que (com a ajuda da oportunidade, da preciosa oportunidade que agora surgira) seria risível, diante de uma criança tão dotada, negar o auxílio que se pode extrair da inteligência absoluta? Para que lhe fora dada a inteligência, se não para salvá-lo? Não seria lícito, para tocar-lhe a razão, deslizar um braço firme sobre seu caráter? Era como se, enquanto estávamos face a face na sala de jantar, ele me houvesse mostrado o caminho. O carneiro assado estava servido, e eu dispensara a criadagem. Miles, antes de sentar-

se, ficou por um momento com as mãos no bolso e olhou para a carne; pareceu a ponto de falar alguma gracinha, mas o que saiu de sua boca foi:

– Querida, tem uma coisa que eu gostaria de saber. Ela está mesmo muito doente?

– A pequena Flora? Não está tão mal que não possa melhorar logo. Londres vai dar um jeito nela. Bly já não lhe fazia bem. Venha, coma o seu carneiro.

Ele me obedeceu, alerta; em silêncio, levou o prato até seu lugar, e, ao acomodar-se, prosseguiu.

– E foi assim de repente que Bly passou a fazer mal a ela?

– Não tão de repente quanto você pensa. Dava para ver que isso aconteceria.

– Então por que você não a tirou daqui antes?

– Antes do quê?

– Antes que ela ficasse doente demais para viajar.

Aproveitei a deixa.

– Ela *não está* doente demais para viajar: isso só aconteceria se ela tivesse ficado mais tempo aqui. Este era o momento certo. – Ah, eu fui sublime ao falar! – A viagem vai dissipar e afastar a influência.

– Sei, sei. – Miles, quanto a este assunto, também foi sublime.

Ele postou-se para a refeição com os encantadores e delicados “modos à mesa” que, desde o dia em que chegara, haviam me dispensado de toda a grosseria de uma advertência. Fosse qual fosse o motivo para seu afastamento da escola, não fora por não saber se portar durante as refeições. Hoje, como sempre, ele estava irrepreensível; mas percebia-se que também estava mais consciente. Ele visivelmente contava com mais coisas do que, sem ajuda, poderia; e reduziu-se a um silêncio tranquilo ao dar por essa situação. Nossa refeição foi das mais breves – de minha parte, um mero pretexto, e de imediato pedi que retirassem as coisas. Enquanto faziam isso, Miles parou mais uma vez com as mãos nos bolsos e de costas para mim – de pé, olhava para além da vasta vidraça através da qual, no outro dia, eu vira aquilo que me paralisou. Permanecemos em silêncio enquanto a criada ficou lá conosco – tão silenciosos, pensei num devaneio, quanto um casal de jovens que, durante a viagem de núpcias, na estalagem, ficam constrangidos na presença do garçom. Ele voltou-se em minha direção somente após a saída do garçom.

– Bem, agora estamos a sós!

– Ah, mais ou menos – devo ter dado um sorriso sem graça. – Não totalmente. Isso não seria bom para nós! – prossegui.

– Não, acho que não seria mesmo. Claro, os outros ainda estão por aqui.

– Os outros ainda estão por aqui, é verdade – concordei.

– Mas mesmo que estejam – ele voltou a falar, com as mãos ainda nos bolsos, plantado à minha frente –, isso não importa muito, não é mesmo?

Entendi da melhor forma que pude, mas senti-me enfraquecida.

– Depende do que você considera “muito”!

– Sim, tudo depende! – disse ele, muito à vontade.

Com isso, no entanto, virou o rosto em direção à janela e então a alcançou a passos vagos, irrequietos, cogitativos. Ficou lá por um instante, com a testa de encontro ao vidro, a contemplar os arbustos idiotas e as coisas tediosas do mês de novembro. Eu tinha sempre meu “trabalho” hipócrita e, acobertada por ele, ganhei nesse momento o sofá. Apoiando-me neste como eu fizera diversas vezes nos instantes de tormento que descrevi como os instantes em que tinha consciência de que as crianças estavam entregues a algo de que eu fora barrada, obedeci de forma adequada ao meu hábito de estar preparada para o pior. Mas uma impressão extraordinária caiu sobre mim enquanto eu extraía um significado das costas acanhadas do garoto – justamente a impressão de que agora eu não estava barrada. A inferência cresceu até alcançar uma intensidade aguda dentro de alguns minutos e parecia estar atrelada à percepção direta de que na verdade era *ele* quem estava. Os caixilhos e os quadrados da grande janela formavam uma certa imagem, para ele, de um certo fracasso. O fato é que eu tinha a impressão de vê-lo trancado do lado de dentro ou do lado de fora. Ele estava admirável, mas não à vontade: assimilei o fato com um pulsar de esperança. Ele não tentava, através da vidraça assombrada, ver algo que não conseguia? E não era esta a primeira vez em toda a história que se defrontava com um lapso desses? Era a primeira, a primeira de todas: um augúrio esplendoroso. Eu o deixava ansioso, apesar dos cuidados que ele tomava; estivera ansioso o dia inteiro e, mesmo enquanto permanecia à mesa com os gentis e suaves modos de sempre, precisava de todo seu peculiar e pequeno gênio para dar-lhes algum brilho. Quando por fim ele voltou-se para me encarar, foi quase como se este gênio houvesse sucumbido.

– Bem, acho que estou feliz por Bly não fazer mal *a mim*!

– Falando assim, parece até que nestas últimas 24 horas você conheceu mais deste lugar do que já conhecia há algum tempo. Espero – continuei, com bravura – que você esteja se divertindo.

– Ah, sim, até agora sim; passei por tudo – milhas e milhas além. Nunca me senti tão livre.

Era patente que ele agia de um jeito muito particular, e a única saída era tentar acompanhá-lo.

– Bem, você gosta daqui?

Ele ficou lá, parado, com um sorriso no rosto; até que, enfim, colocou em duas palavras – “*Você gosta?*” – mais distinção do que eu jamais ouvira duas palavras conterem. Antes que eu pudesse tratar disso, entretanto, ele retomou o assunto como se percebesse que aquilo fora uma impertinência a ser amenizada.

– Nada poderia ser mais encantador do que sua forma de encarar a questão, pois é claro que, se estamos os dois sozinhos agora, é você quem está mais sozinha. Mas eu espero – ele acrescentou – que você não se importe muito!

– De relacionar-me com você? – perguntei. – Minha criança, como posso não me importar? Ainda que tenha desistido de sua companhia, pois você está muito além de mim, eu pelo menos a aprecio muito. Por que outro motivo eu permaneceria aqui?

Ele fixou os olhos em mim, e a expressão de seu rosto, agora mais grave, pareceu-me a mais bela que eu já vira nele.

– Você está aqui só para *isso*?

– Com certeza. Estou aqui como sua amiga e também pelo grande interesse que tenho por você até que algo de mais interessante possa ser feito em seu benefício. Não se assuste. – Minha voz tremia tanto que me foi impossível suprimir o abalo. – Você não lembra que eu lhe falei, quando fui até a sua cama, na noite da tempestade, que não havia nada no mundo que não fizesse por você?

– Sim, sim! – Ele, de sua parte mais e mais nervoso, tinha certos modos a controlar; mas seu êxito superou de tal forma o meu que, rindo através da austeridade, ele conseguiu fingir que estávamos apenas envolvidos em uma agradável brincadeira. – Só que aquilo, eu acho, foi só para eu fazer alguma coisa para *você*!

– Em parte era para que você fizesse uma coisa – admiti. – Mas, sabe, você não fez.

– Ah, sim – ele disse com a mais brilhante avidez superficial –, você queria que eu dissesse uma coisa.

– Isso mesmo. Agora, de uma vez. Tudo o que se passar pela sua cabeça, certo?

– Ah, então é para *isso* que você ficou aqui?

Em meio à alegria de sua voz eu conseguia perceber um discreto tremor de emoção ressentida; mas sou incapaz de descrever o efeito que esta tênue insinuação de entrega me causou. Era como se o meu desejo, finalmente concretizado, agora me assustasse.

– Bem, sim; acho que agora posso falar de peito aberto. Foi por isso mesmo.

Ele se calou por um longo tempo, a ponto de me levar a supor que o fazia para repudiar a assunção que originara meu ato; mas o que finalmente disse foi:

– Mas agora... aqui?

– O lugar e a hora estão perfeitos.

Ele olhou ao redor, desassossegado, e flagrei o raro – ah, o estranho! – surgimento do primeiro sintoma que a aproximação do medo iminente lhe causava. Era como se ele de repente estivesse com medo de mim – o que de fato pareceu-me ser talvez o melhor. Contudo, em meio às dores daquele esforço, vi que o rigor seria inútil e logo fui tão delicada a ponto de quase parecer grotesca.

– Então você quer sair outra vez?

– Demais!

Lançou-me um sorriso heroico, e sua delicada e comovente bravura intensificou-se ainda mais quando ele enrubesceu de dor. Pegou o chapéu, que ele trouxera para dentro, e o girava nas mãos de uma forma que, justo quando eu estava prestes a alcançar o ancoradouro, provocou-me um horror perverso ao que eu estava fazendo. Fazer aquilo, de *qualquer* maneira que fosse, era um ato de violência; afinal, no que mais consistia senão na intromissão de ideias abjetas e culposas em uma criaturinha indefesa que foi para mim a revelação da possibilidade de belas relações? Não seria maldade impor essa falta de jeito comezinha a uma criatura tão deslumbrante? Creio que agora leio essa situação com uma clareza que eu não poderia demonstrar na época, pois tenho a impressão de já ver nossos pobres olhares iluminados por chispas que antecipavam a angústia vindoura. Então andamos em círculos, com temores e escrúpulos, como lutadores que não ousam atacar. Mas o que temíamos de verdade era o destino um do outro! Isto nos manteve suspensos e intactos por mais algum tempo.

– Vou lhe contar uma coisa – Miles disse. – Ou melhor, vou contar para você qualquer coisa que queira saber. Afinal, você vai ficar aqui comigo, nós dois estaremos bem e eu *vou* lhe contar. Prometo. Mas não agora.

– Por que não agora?

Minha insistência fez com que ele voltasse à janela e lá permanecesse em silêncio; seria possível escutar a queda de um alfinete. E então ele estava mais uma vez diante de mim, com os ares de uma pessoa que tinha, lá fora, alguém de quem dependesse a aguardá-lo.

– Preciso falar com Luke.

Eu ainda não o havia reduzido a uma mentira tão vulgar, e me senti proporcionalmente envergonhada. Mas, por mais horrível que fosse, suas mentiras criavam minha verdade. Refletindo, dei mais alguns pontos em meu tricô.

– Bem, vá procurar Luke então; ficarei esperando o que você prometeu. Mas volto a pedir que, antes de me deixar, você satisfaça um outro pedido, bem menor.

Ele me olhou como se soubesse que o êxito alcançado ainda lhe permitia regatear um pouco.

– Bem menor...?

– Sim, apenas uma fração do todo. Diga-me – o meu trabalho me dava preocupações, e fui brusca! – se, ontem à tarde, ali na mesa do corredor, você pegou a minha carta.

A impressão que tive do modo como ele reagiu a isso foi perturbada, durante alguns instantes, por algo que só posso descrever como uma poderosa ruptura de atenção – um golpe que, de início, quando me pus de pé em um sobressalto, reduziu-me ao mero movimento cego de segurá-lo, trazê-lo junto a mim e, enquanto eu cambaleava buscando apoio no móvel mais próximo, mantê-lo de costas para a janela. A aparição com que eu já tivera de lidar assomava à nossa frente: Peter Quint entrara em cena como um sentinela diante da prisão. O que vi em seguida foi que, do lado de fora, ele ganhara a janela, e então tomei conhecimento de que, próximo ao vidro e vigiando através deste, mais uma vez nos oferecia o branco semblante da perdição. Seria uma representação grosseira do que se operou em meu íntimo dizer que tomei minha decisão naquele instante; contudo, creio que nunca uma mulher tão sobrecarregada, em um tempo tão curto, tivera novamente o *ato* em suas mãos. Senti, em meio ao horror daquela presença, vendo e encarando o que eu via e encarava, que o ato consistiria em não deixar que o garoto tomasse consciência. A inspiração – pois não há outro nome que se lhe possa dar – veio quando senti a maneira voluntária, transcendental, com que eu *podia*. Era como lutar contra um demônio por uma alma humana, e ao fazer esta consideração vi como a alma humana – segura entre minhas mãos trêmulas, à distância de um braço – tinha o perfeito orvalho do suor numa fronte infantil e amável. O rosto próximo ao meu era tão branco quanto aquele de encontro à vidraça; e dele veio um som, nem baixo, nem fraco, mas como se viesse de muito mais longe, que traguei como a uma nuvem de perfume.

– Sim, peguei – ele respondeu.

De imediato, com um gemido de alegria, envolvi-o, trouxe-o mais para perto de mim; e, enquanto o retinha junto ao seio, onde senti na febre súbita de seu corpinho o pulsar intenso do pequeno coração, fixei o olhar naquilo que estava à janela e o vi mudar de postura. Comparei-o a um sentinela, mas seu giro lento, por um instante, parecia mais o espreitar de uma besta baldada. O vigor de minha coragem era tanto que, para não o deixar transparecer, precisei encobrir minha chama. Enquanto isso, o olhar penetrante daquele rosto mais uma vez aparecia na janela; o patife fixava-me como que para escutar e esperar. A confiança de que a hora de o desafiar chegara, aliada à certeza absoluta de que, naquele momento, a criança nada via, foi o que me fez prosseguir.

– E para que você a pegou?

– Para ver o que você dizia de mim.

– Você abriu a carta?

– Abri.

Enquanto o segurava mais uma vez a certa distância de mim, meu olhar estava no rosto de Miles, onde o colapso do escárnio mostrava-me o quão completa fora a ruína causada pelo desconforto. Era prodigioso que, por fim, graças a meu êxito, a sensação lhe estivesse selada e a comunicação, sustada: ele sabia estar diante de uma presença, mas não sabia de quê, e sabia ainda menos que eu também o estava e sabia estar. Mas o que isso importava no momento em que meu olhar dirigiu-se à janela e descobri que o ar estava puro novamente e – graças a meu triunfo individual – a influência fora extinta? Nada havia lá. Senti que ganhara aquela causa e que conseguiria *tudo*.

– E não encontrou nada! – falei, exaltada.

Ele balançou a cabeça, pensativo e lamentoso.

– Nada.

– Nada, nada! – eu quase gritava em meu júbilo.

– Nada, nada – repetiu ele, com pesar.

Beijei-lhe a fronte; estava encharcada.

– Mas depois, o que você fez com ela?

– Queimei.

– Queimou? – Era agora ou nunca: – Foi isso o que você fez na escola?

Ah, a consequência disso!

– Na escola?

– Você por acaso pegou cartas... ou outras coisas?

– Outras coisas? – Ele parecia pensar em algo distante e que apenas o alcançava através da pressão de sua ansiedade.

Mas o fato é que lhe alcançava. – Quer saber se eu *roubei*?

Senti-me ruborizar até a raiz dos cabelos, ao mesmo tempo em que imaginava se o mais estranho era fazer uma pergunta dessas a um *gentleman* ou testemunhar a permissividade que denunciava a altura de sua queda.

– É por isso que não o deixam retornar?

A única coisa que ele sentiu foi uma ligeira surpresa, um tanto sombria.

– Você já sabia que eu não posso retornar?

– Eu sei tudo.

Ele lançou-me um olhar muito demorado e estranho.

– Tudo?

– Tudo. Então me diga: afinal você...? – mas não tive a coragem de prosseguir.

Miles teve, com muita simplicidade:

– Não. Não roubei nada.

Minha expressão deve ter mostrado que eu acreditava cegamente nele; entretanto, minhas mãos – e foi por pura ternura – agitaram-no como se para perguntar por quê, se tudo fora a troca de nada, ele me havia condenado a meses de tormento.

– Então o que foi que você fez?

Com uma dor indefinível ele olhou ao redor da sala e tomou ar, duas ou três vezes seguidas, aparentando dificuldade. Era como se estivesse no fundo do mar e levantasse os olhos em direção a um tênue crepúsculo esverdeado.

– Bem... eu disse coisas.

– Só isso?

– Eles acharam que era o suficiente!

– Suficiente para você não poder mais voltar à escola?

Na verdade, jamais uma pessoa “que não podia voltar à escola” tivera tão pouco a explicar quanto esta pessoinha! Ele deu a impressão de ponderar minha pergunta, mas de modo distante e quase indefeso.

– Bem, acho que eu não devia ter dito aquelas coisas.

– Mas para quem você as disse?

Era óbvio que ele tentava se recordar de algo, mas o assunto lhe escapou – ele o perdeu.

– Não sei.

Ele quase sorria para mim na desolação desta entrega, que de fato estava, a esta altura, praticamente tão completa que eu não deveria ter ido adiante. Mas eu me sentia arrebatada – estava obcecada com a vitória, apesar de o próprio efeito que o deveria trazer mais para perto ter sido, já naquele instante, o que nos separara ainda mais.

– Disse para todo mundo? – perguntei.

– Não; só para... – e ele balançou de leve a cabeça, com um jeito doentio. – Não me lembro dos nomes.

– Foram tantos assim?

– Não, só para alguns. Para os que eu gostava.

Para os que ele gostava? Eu parecia flutuar não rumo à luz, mas em direção a uma escuridão ainda mais profunda, e no instante seguinte minha compaixão soara o apavorante alarme de que ele poderia ser inocente. A sensação era confusa e insondável, pois, se ele *fosse* inocente, então o que seria *eu*? Paralisada, enquanto o estado durou, por esta mera insinuação, soltei-o um pouco, de forma que, com um suspiro advindo da alma, ele voltou-me as costas mais uma vez; foi o que, enquanto ele mirava a janela vazia, eu permiti, com o sentimento de que lá já não havia nada de que o proteger.

– E eles repetiram as coisas que você disse? – continuei em seguida.

Logo ele tomara alguma distância de mim, respirando com força e ainda com ares de quem, mesmo desprovido de raiva, estava confinado contra a vontade. Mais uma vez, como antes fizera, olhou para o dia distante como se, daquilo que até agora o sustentava, nada mais restasse além de uma ansiedade infável.

– Ah, sim – ele ainda respondeu –, devem ter repetido, sim. Para os que *eles* gostavam – acrescentou.

De alguma forma, isto era menos do que eu esperava; mas voltei-me a estes pensamentos:

– E estas coisas chegaram até...?

– Os professores? Não; eles nunca disseram. É por isso que pergunto a você. – Ele voltou sua bela face febril novamente em minha direção. – Sim, foi uma coisa muito má.

– Muito má?

– O que eu acho que às vezes eu dizia. Mandar cartas para casa.

Não há como descrever o incrível *páthos* da contradição entre falante e discurso; só dei por mim quando, com vigor familiar, disparei:

– Quanta bobagem! – No momento seguinte devo ter soado bastante severa. – *Que coisas* eram essas?

Minha severidade era toda dirigida a seu juiz, seu carrasco; mas teve o efeito de fazer com que Miles novamente se afastasse, e este movimento fez com que *eu*, num único salto e com um grito inevitável, precipitasse-me sobre ele. Pois outra vez, reverso, ao vidro, como se para malograr a confissão e sustar a resposta, estava o autor de nossa ruína – o branco semblante da perdição. Senti um mareamento mórbido quando a vitória escapou-me e toda a batalha voltou a ser travada; o ímpeto de meu salto apenas me traiçoeira. Vi, durante meu ato, que em seu olhar havia apenas uma adivinhação, e, defrontada com a percepção imediata de que ele apenas pressentia e de que, a seus olhos, a janela ainda estava livre, o impulso de

converter o clímax do desalento na prova de sua libertação inflamou-me.

– Chega, chega, chega! – gritei, enquanto o apertava contra mim, ao visitante.

– Ela está *aqui*? – Miles arquejou ao pressentir, com seus olhos cerrados, o rumo de minhas palavras. Aquele estranho “ela” abismou-me, e, com um grito sufocado, repeti “srta. Jessel, srta. Jessel!” ao mesmo tempo em que ele me encarava com uma fúria repentina.

Admirada, aferrei-me ao achado – algum avanço em relação ao que fizéramos a Flora, mas que apenas me fez sentir uma vontade mais intensa de mostrar-lhe que aquilo era ainda melhor.

– Não é a senhorita Jessel! Mas está na janela... bem à nossa frente. Está *lá*... o horror covarde, está lá pela última vez!

Com isso, depois do breve instante em que sua cabeça fez o mesmo movimento de um cão a surpreender algum cheiro e então se chacoalhou, enérgica, em busca de ar e luz, ele lançou-se contra mim em uma fúria branca, olhando inutilmente ao redor, sem notar – ainda que a meus sentidos o aposento estivesse repleto com o gosto de veneno – a imensa e excessiva presença.

– É *ele*? – perguntou Miles.

Eu estava tão decidida a obter minha prova que meu coração se fez em gelo para o desafiar.

– “Ele” quem?

– Peter Quint... seu demônio! – Sua expressão, por mais uma vez, lançava ao redor uma súplica convulsiva. – *Onde?*

A entrega emblemática do nome e o tributo pago à minha devoção ainda ressoam em meus ouvidos.

– Isso não importa mais, querido... já nada mais importa. Você é *meu* – neste instante eu dirigia-me à besta –, e ele o perdeu *para sempre*! – E então, para exibir minha obra, disse a Miles: – Veja, veja!

Em um espasmo ele se virou, fitou, encarou mais uma vez, e nada viu além do dia tranquilo. Com o golpe causador da perda que tanto me orgulhava, ele gritou como uma criatura lançada ao abismo, e eu o agarrei como se lhe aparasse a queda. Eu o agarrava, sim, eu o tinha em minhas mãos – é fácil imaginar meu fervor; mas só no instante seguinte comecei a sentir o que de fato eu tinha nas mãos. Estávamos sozinhos no dia tranquilo, e seu pequeno coração, despossuído, parara.